

Os Indios do Brasil

MEMORIA

APRESENTADA PELO

Dr. Nelson C. de Senna

(natural de Minas Geraes)

NO 3.º CONGRESSO SCIENTIFICO LATINO-AMERICANO

Reunido no Rio de Janeiro, em agosto de 1905

2.ª ED. REVISTA E MELHORADA

*These 29.ª — « Distribuição Geographica dos Indios do Brasil.
Sua ethnogenia »*

S U M M A R I O

Primeira parte: — Bibliographia indianistica para o Brasil, em geral, e para cada Estado da União. Obras sobre as linguas indigenas. Plano de um vocabulario geral para o ensino do tupi.

Segunda parte: — A distribuição geographica das tribus indigenas do Brasil. A origem e a classificação do selvagem brasileiro. Os oito grupos de Martius. As grandes familias indigenas: Tupis, Gês, Carahibas e Carirys. Os grupos áparte: Waitakã e Pano, como principaes. Carahibas, segundo a recente classificação de Ehrenreich. APPENDICE E NOTAS ELUCIDATIVAS.

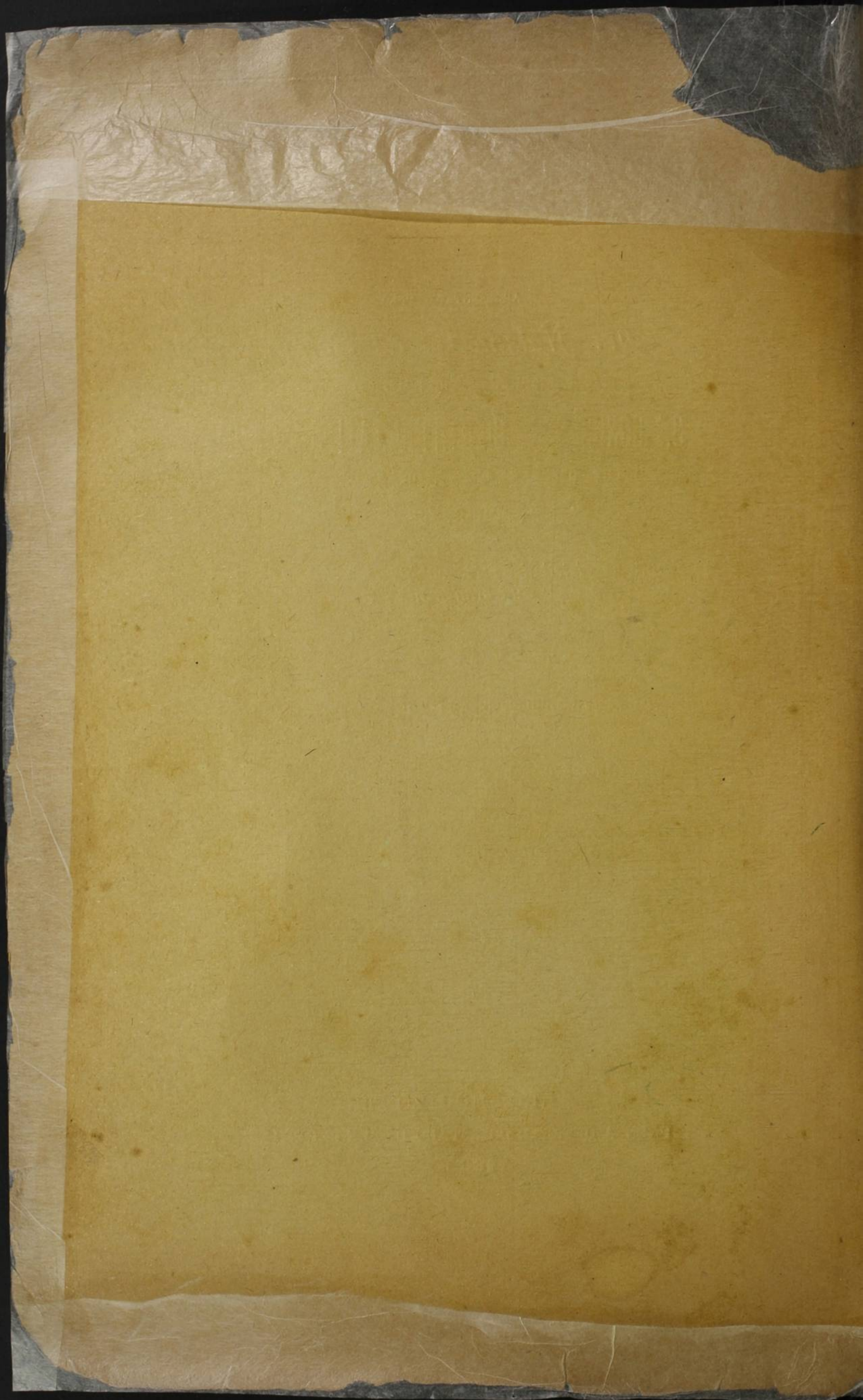
Terceira parte: — Nomenclatura geral das principaes tribus conhecidas do Brasil, por ordem alphabetica, (desde a letra A até Z), com ligeiros dados ethnographicos sobre cada tribu, horda, povo ou nação.



BELLO HORIZONTE

IMPrensa OFFICIAL DO ESTADO DE MINAS GERAES

1908



4/E

NELSON DE SERRA

Os Índios do Brasil

MEMORIA ETHNOGRAPHICA
(em 2.^a edição revista e melhorada)

Apresentada
ao 4.º Congresso Científico (1.º Pan-Americano) reunido em
Santiago do Chile, a 25 de Dezembro de 1908

AMERICAN

AND FOREIGN

TRAVELER'S COMPANION

BY J. M. COLEMAN

NEW YORK: PUBLISHED BY J. M. COLEMAN

1854

THE AUTHOR'S ADDRESS IS

NEW YORK, N. Y.

AND CAN BE FOUND IN

THE DIRECTORY OF THE CITY

OF NEW YORK.

THE AUTHOR'S ADDRESS IS

NEW YORK, N. Y.

ADVERTENCIA

Já que não nos foi dado o grande prazer intellectual de agora visitar a formosa terra amiga do Chile, e alli tomar parte no 4.º Congresso Scientifico dos diversos representantes dos paizes americanos, reunidos em Santiago, seja-nos licito enviar as nossas humildes credenciaes de escriptor a esse notavel cenaculo de scientists e professores, de homens de letras e pensadores de todo este vasto continente, em que hoje se affirma com intenso fulgor toda a cultura do Occidente.

Nações hispano-americanas, gentes luso-brasileiras, povos anglo-saxões e franco-canadenses, cimentam pela alliança espirital, neste 1.º Congresso Scientifico Pan-americano, a obra admiravel e necessaria da concordia internacional, no Novo Mundo. A ella votamos todo o nosso applauso caloroso e toda a nossa fraquissima collaboração pessoal.

Em falta de melhor carta de apresentação, enviamos esta nossa *Memoria*, apenas esboçada para o 3.º Congresso Scientifico Latino-Americano, reunido no Rio de Janeiro, em 1905.

Si os novos retoques e addições não a fizerem digna do 4.º Congresso Scientifico de Santiago, valha-nos ao menos o louvavel desejo de corresponder á gentileza do convite official recebido da Illustre Mesa Directora do referido Congresso, para tomar parte nas suas sessões, a se abrirem a 25 de dezembro deste anno, na Capital da florescente Republica do Pacifico — terra tão querida dos intellectuaes Brasileiras.

Rematamos estas duas palavras preliminares, enviando as nossas respeitosas saudações aos eminentes americanistas e a tantos e illustres confrades, ora prestes a se reunirem em Santiago, e já a nós ligados por laços de affectiva camaradagem intellectual.

Bello Horizonte, 15 de Novembro de 1908.

Melton C. de Senna.



PRIMEIRA PARTE

Da Bibliographia Indianistica para o Brasil, em geral

As bibliographias são como que o portico de entrada nos domínios de cada sciencia. Diremos algumas palavras a respeito desta materia.

Seria exhaustivo citar aqui quantos autores e respectivas obras se occupam da indianologia brasilica.

Os estudos de Ethnographia dos povos naturaes da Sul-America receberam notavel impulso, como é sabido, por parte dos exploradores e scientistas allemães, sobretudo. Os nomes de Carlos von Martius, do Principe Maximiliano, de Joh. Bapt. Spix, de Hermann Meyer, de Carlos von den Steinen, de Paulo Ehrenreich, de Waitz, de Reuss, de Debritzhoffer, de Van Coll, de Thurm, de Emilio Hänsel, de Roberto Avé-Lallemant, de Rudolf Cronau, de Carlos von Koseritz, de Kärger, de J. B. Steere, de Jorge Schieber, enchem toda essa odysseia de penosa travessia pelo campo agreste da historia do nosso indio, das suas tribus, mythos, costumes, linguas e tradições.

E nem só allemães, e sim tambem estrangeiros de outra origem se têm empenhado nessas explorações do *Hinterland* brasileiro, devassando-lhe os povos naturaes, na vida primitiva, á beira dos grandes rios e das formidaveis florestas virgens da Amazonia e de Matto Grosso, principalmente.

São relativamente modernos, e alguns mesmo recentes, os estudos de Ambrosetti, Domenico Campana, Carlos Hartt, Candelier, Brettes, Vogt e Koch, Brinton, Cnaffanjon, Roberto Schomburgh, William Chandless, Lucien Adam, Osculati Simpson, Ermano Stradelli, Lehmann, Morocines, Quevedo, Rhode, Khode, Koslowski, Henri Coudreau, Padres J. Balzola, Antonio Malan e Nicolao Badariotti, Florentino Ameghino, Supper, H. Crévaux e outros, quanto á ethnographia dos povos naturaes do Brasil e paizes limitrophes (Guyanas, Venezuela, Perú, Bolivia, Paraguay e Argentina.)

Para os diversos Estados brasileiros, já se pode organizar uma bibliographia indianologica especial. E' assim que para os quatro grandes Estados centraes da Federação temos os seguintes autores

dignos de consulta, entre os escriptores coloniaes, estrangeiros ou nacionaes, para o estudo das tribus, extinctas ou actuaes, de cada um delles :

Amazonas — Jesuitas João Daniel, Samuel Fritz e Christobal de Acunã; dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, La Condamine, prof. J. Barbosa Rodrigues, Domingos S. Ferreira Penna, Henri Coudreau, dr. J. M. da Silva Coutinho, Robert Schomburgh, José Verissimo, Conde Ermano Stradelli, Prof. Carlos Hartt, Prof. Orville Derby, Alfred R. Wallace, Louis Agassiz, W. Chandless, Dr. Carl von den Steinen, Henry Bates, Monsenhor J. L. da Costa Aguiar, Barão de Sant'Anna Nery, Eng.^{ro} Torquato Tapajóz, Tenente W. Lewis Herndon, Drs. Lopes Gonçalves, Porphirio Nogueira, Estelita Jorge, Euclides da Cunha, etc.

Matto Grosso. — Barão de Melgaço (Augusto Leverger), Langsdorff, Ro1. Walhneidt, Ricardo Franco de Almeida Serra, Capitão Antonio Pires de Campos, Alfredo de Escragnolle (Visconde de Taunay), P.^o Nicolao Badaricotti, Dr. Caetano de Albuquerque, Epiphanio de Sousa Pitanga, General Couto de Magalhães, dr. João Severiano da Fonseca, marechal Bellegarde, C.^{al} Galdino Pimentel, General Mello Rego, Estevam de Mendonça, os citados Carlos von d. Steinen e H. Meyer, Ernest Nolte, Lacerda e Almeida, Oeynhausens-Gravenberg (Marquez de Aracaty), Ferreira Moutinho, Riedel, Rubzoff, Adriano Taunay, Hercules Florence, Castelnau, Saint-Hilaire e G. T. Milne, etc.

Goyaz. — Os citados Taunay e Couto de Magalhães, e mais o Dr. Felix Bulhões, Saint-Hilaire, Dr. Virgilio M. de Mello Franco, Frei Rafael de Tugia, Conego Luiz Antonio da Silva e Sousa, Moraes Jardim, Natterer, Principe Maximiliano, Padre Ayres do Casal, marechal Cunha Mattos, Dr. Eduardo J. de Moraes, Pohl, Castelnau, dr. João Severiano da Fonseca, Engenheiro militar Henrique Silva, drs. Luiz Cruls, Alipio Gama e Antonio Martins de Azevedo Pimentel, Octaviano Esselin, James Wells, Antunes da Frota, Bispo Dom Eduardo Silva, Frei Jacintho Lacomme, etc.

Minas Geraes. — Os viajantes francezes, allemães ou inglezes do reinado de João VI e depois da Independencia: Augusto de Saint Hilaire, Principe Maximiliano Wied von Neuwied, o barão G. von Eschwege, Martius e Spix, Richard Burton, Conde de Castelnau, Victor Renault, Jorge Schieber; e outros escriptores, como J. P. Xavier da Veiga, os dois drs. Diogo de Vasconcellos, (avô e neto), dr. Joaquim Felicio dos Santos, Dr. Baptista Caetano de Almeida, Eng.^{ro} Francisco Lobo, Pedro Silveira, Jayme Reis, Silva Pontes, dr. Aristides Maia, Gen.^{al} Couto de Magalhães, José Vieira Couto, Alferes Luiz A. Pinto, Conde Affonso Celso, Eng.^{ro} Antonio Olyntho dos Santos Pires, drs. Affonso Arinos, Calogeras, Augusto de Lima, Rodolpho Jacob, P.^o Julio Engracio, C.^{al} A. Borges Sampaio, Dr. Virgilio de Mello Franco, Carmo Gama, Hildebrando Pontes, Padre Carlos Peretto, etc.

Quanto aos outros Estados de norte a sul, na zona costeira, estão melhor estudados, quanto á lingua, costumes e divisão das tribus que os occupavam, primitivamente, ou nelles ainda acampam, o Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Espirito-Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Quanto ao **Pará** — os estudos de Antonio Lad. Monteiro Baena, Dr. Joaquim Caetano da Silva, dos citados Ferreira Penna, Henri Coudreau, Carl von d. Steinen e José Verissimo; de Antonio M. Gonçalves Tocantins, dos Conegos Francisco Bernardino de Sousa e Ulysses Penafort; dr. Virgilio Cardoso, James Orton, General Couto de Magalhães, Arthur Vianna, Dr. Alexandre R. Ferreira, Barão de Marajó, Raymundo C. Alves da Cunha, Dr. Emilio Goëldi, Senador Manoel Barata, Desemb.^{or} A. Borborema, Barão de Anajás, Dr. Silva Rosado, M.^{me} Coudreau, F. R. Katzer, etc.

Quanto ao **Maranhão** — devem ser enumerados os trabalhos dos Padres Ivo d'Evreux e Claudio d'Abbeville, Simão Estacio da Silveira, P.^{es} Manoel Rodrigues e Luiz Figueira (jesuitas); de Bernardo Pereira de Berredo, P.^e José de Moraes, Sargento-mór Diogo de Campos Moreno, P.^e João de Sousa Ferreira, Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, dr. Cesar Augusto Marques, senador Candido Mendes, dr. Antonio Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, Antonio Lobo, Dr. Antonio Henriques Leal, Parga Nina, etc.

Ceará. A terra cearense, desde a era colonial até hoje, tem sido admiravelmente estudada, e sobre os Indios do Ceará longas referencias se encontram nos trabalhos do P.^e Luiz de Figueira P.^e Fernão Guerreiro, Matheos von den Broeck, Luiz Borba Alardo de Menezes; do Senador Thomaz Pompeo, Dr. Barão de Studart, professor João Capistrano de Abreu, Coronel João Brigido dos Santos, Engenheiro Pedro Théberge, Dr. Alencar Araripe, Antonio Bezerra, Desemb.^{or} Paulico Nogueira Borges da Fonseca, Rodolpho Theophilo, Araripe Junior, Pedro de Queiroz, Diogo de Campos Moreno, Barão de Vasconcellos, João Camara, etc.

Pernambuco — foi magnificamente estudado em trabalhos copiosos, que têm por autores, durante 4 seculos: o P.^e Fernão Cardim, Bento Teixeira Pinto, Frei Domingos de Loreto Couto, Elias Herckmann e Gaspar Barboeus (hollandozes); Henry Koster e George Gardner (inglezes); General Abreu e Lima, Antonio Joaquim de Mello, Fernandes Gama, Drs. José Hygino, Franklin Tavora, Oliveira Lima, Clovis Bevilacqua, Alfredo de Carvalho, Pereira da Costa, Luna Freire, Arthur Muniz, Arthur Orlando, Sylvio Romero, etc.

A **Bahia** — velho centro de cultura nacional, apresenta uma admiravel bibliographia sobre o indigenismo, desde os missionarios Jesuitas do seculo 16.^o: Manoel da Nobrega, Azpilcueta Navarro e José de Anchieta, passando pelos escriptores Padre Simão de Vasconcellos, Frei Vicente do Salvador, Gabriel Soares, Pedro Gandavo, Sebas-

tião da Rocha Pitta, Frei Jaboação, até chegar aos modernos: Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, João J. da Silva Guimarães, dr. Ernesto Ferreira França, dr. Braz do Amaral, Damasceno Vieira, Prof. Borges dos Reis, Xavier Marques, Dr. Nina Rodrigues, Dr. Aristides Milton, Major Salvador Pires, Bento Murillo, etc.

O pequeno Estado do **Espirito Santo** — exhibe os nomes de José Marcellino Pereira de Vasconcellos, Braz da Costa Rubim, Basilio Carvalho Daemon, Luiz d'Arincourt, dr. Pessanha Povoá, Silva Pontes, Machado de Oliveira, Dr. Cesar Augusto Marques, Cesar de Rainville, Silva Netto, Araujo Azevedo, Alberto Rubim, Albuquerque Tovar, Barbosa de Almeida, etc.

Para o **Rio de Janeiro e Districto Federal** — para onde ha quasi tão rica bibliographia como para Pernambuco, Bahia, Minas e S. Paulo — serão dignas de consulta as obras de André Thevet, Jean de Léry, Anchieta, Hans Staden, Conselheiro Balthasar Lisboa, Dr. Mello Moraes, Padre Ayres do Casal, mons.^{or} Pisarro, conego Luiz Gonçalves, Varnhagen, Dr. Macedo Soares, Dr. Ladislao Netto, Dr. Teixeira de Mello, Conego Fernandes Pinheiro, Joaquim Norberto Dr. Moreira de Azevedo, Dr. Felisbello Freire, Dr. Ramiz Galvão Barão do Rio Branco, dr. Vieira Fazenda, Ed. Marques Peixoto, Noronha Santos, etc.

S. Paulo — conta excellente material de estudo, nos escriptos do P.^o Joseph de Anchieta, de Frei Gaspar da Madre de Deos, de Pedro Taques, do brigadeiro Machado de Oliveira, Azevedo Marques, dr. João Mendes de Almeida, General Couto de Magalhães, dr. Eduardo Prado engenheiros Orville Derby e Theodoro Sampaio, Dr. Estevão L. Bourroul, drs. Antonio de Toledo Pisa e Martim Francisco, Monsenhor Claro Monteiro, José Jacintho Ribeiro, Barão Homem de Mello, dr. Americo Brasiliense, Marcellino P. Cleto, Dr. H. von Ihering, Ricardo Kröne, Cesar Bierrenback, Alfredo e Lafayette de Toledo, Dr. Miranda Azevedo, Euclides da Cunha, A. Loegfren, Gentil Moura, Jorge Maia, Benedicto Calixto, Carlos Rath, Alberto Loegfren, etc.

A respeito do **Rio Grande do Sul** — envolvendo nelle a bibliographia sobre os 2 Estados do Sul, seos vizinhos (Santa Catharina e Paraná), sob o ponto de vista indianologico, temos a citar os nomes do Visconde de S. Leopoldo, de Augusto de St. Hilaire, D. van Lede, Carlos von Koseritz, Dr. Blumenau, Desembargador Ermelino Leão, Dr. Sebastião Paraná, Romario Martins e Rocha Pombo, dr. Rodrigues Peixoto, J. Arthur Montenegro, Visconde de Taunay, João Henrique Elliot, Dario Velloso, Conselheiro Manoel F. Correa, Virgilio Varzea, Rud. Simch, Alfredo e Alberto Rodrigues, Drs. Zeferino da Cunha e Romaguera Correa, Padre Carlos Teschauer, Conego J. P. Gay, Graciano Azambuja, dr. Alfredo Varella, P.^o Ambrosio Schupp, Octacilio Barbedo, J. Paldaof, etc.

Quanto aos outros Estados brasileiros assim como o **Paraná e Santa Catharina**, dependem historicamente de São Paulo e

do Rio Grande do Sul; assim também, no norte, o **Piauí** é um satellite do Maranhão, o **Rio Grande do Norte** o é do Ceará; a **Parahyba** e **Alagoas**, têm a sua historia local em commum com a de Pernambuco: o **Sergipe** é um prolongamento historico da Bahia, de tal modo que os autores de consulta serão os desses Estados.

Obras de Philologia ou linguistica sobre os povos naturaes do Brasil

Para as linguas e dialectos selvagens ainda são os autores de resistencia—os chamados «classicos» — estes que se seguem:

P.^o Joseph de Anchieta — *Vocabulario da lingua tupy* — ed. de 1570.

O mesmo — *Arte da Grammatica da Língua mais usada na costa do Brasil* — ed. de Coimbra, 1595. (Ha uma excellente ed. allemã de Julius Platzmann, Leipzig, 1874).

P.^o Luiz de Figueira—*Arte da Grammatica da Lingoa Brasileira* — 1.^a ed. de Lisboa, 1687.

João Joaquim da Silva Guimarães—*Grammatica da Língua Geral dos Índios do Brasil*—ed. da Bahia, 1851.

(Este trabalho é uma reproducção das obras congeneres dos jesuitas Anchieta e Figueira.)

Dr. Antonio Gonçalves Dias—*Vocabulario da Lingua geral usada hoje em dia no Alto Amazonas*—1857. In. tomo 17 da Rev. do Inst. Hist. do Rio de Janeiro.

O mesmo — *Diccionario da lingua tupy, chamada lingua geral dos indigenas do Brasil*—1858—ed. de Leipzig.

P.^o Antonio Ruiz de Montoya (jesuita peruano, de Lima)—*Arte, Vocabulario Y Tesoro de la Lengua Guarani, o mas bien tupi*. —Nueva edicion de Viena e Paris, 1876. (Feita pelo Visconde de Porto Seguro).

P.^o Pablo de Restivo (jesuita hespanhol) — *Vocabulario de la lengua guarani*.—2.^a ed. 1724.

P.^o José Dahlmann (S. J. allemão)— *Estudios de las lenguas de Misiones* (segundo a versão hespanhola de Jeronymo Rojas), ed. de Madrid, 1893. (E' notavel neste trabalho a extensa citação de obras e autores sobre os indios Tupis e Guaranyes.)

Dr. Carl Friederick Phil. von Martius—*Glossaria Linguarum Brasiliensium* —ed. de Erlangen, 1863. (Nesse trabalho o grande Martius estuda 68 dialectos indigenas do Brasil.)

John Luccock—*Grammar and Vocabulary of the tupi language* (No tomo 44, anno de 1881, da Rev. do Inst. Hist. Brasileiro.)

Frei Bernardo de Nantes.—*Katecismo indico da lingua Kariris*—ed. de Lisboa, 1709.

P.^o Luiz Vicencio Mamiani—*Catecismo na lingua brasilica da nação Kiriri*—ed. de Lisboa, 1698.

Dr. Pedro Victor Renault—*Vocabulario da lingua dos Botocudos Nacnanuks e Giporocas, habitantes das margens dos Rios Mucury e Todos os Santos, tambem identico ao dos Kraik-müs, habitantes da margem do rio Gequitinhonha*. Ed. de Bello Horizonte (pelo dr. Leon Renault), 1904. Vide tomo 8.^o da Rev. do Arch. Pub. Min., anno de 1903, pag. 1.095.

Eng.^{ro} Eduardo Arthur Socrates—*Vocabularios indigenas: da tribu dos Carajás, da tribu dos Cherentes e da tribu dos Cayapós*—Rio, 1892 (No tomo 55 da Rev. do Inst. Hist. Bras.)

Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay)—*Vocabulario da lingua guarani ou chané* (provincia de Matto Grosso)—Rio, 1875. (No tomo 38 da Rev. cit. do Inst. Hist.).

Dr. Alberto de Noronha Torrezão—*Vocabulario Puri*. (algumas palavras colhidas)—Rio, 1889 (No tomo 52. Rev. cit.).

Bertonio.—*Vocabulario aimará* (dos Indios Aimarás ou «Saccos» dos confins occidentaes do Brasil e Bolivia). — Bertonio é escriptor tão reputado como Hervas, Azara, Gumilla, Raynol, Herrera, Montoya, Vargas Machuca e Restivo, entre os escriptores hespanhoes, que se occuparam dos indios sul-americanos, de paizes confinantes com o Brasil.

Bispo do Pará (?)—*Vocabulario da lingua geral usada no rio Amazonas*—(Obra cit. no Catalogo de mans. do Inst. Hist. do Rio de Janeiro).

Braz da Costa Rubim.—*Vocabulos indigenas e outros introduzidos no uso vulgar*. (No tomo 45, de 1882, da cit. Revista).

Dr. A. J. de Mello Moraes—*Glossologia dos indios do Brasil*, no tomo II, ed. de 1859, da *Corographia Historica do Imp. do Brasil*.

Frei Francisco dos Prazeres Maranhão,—*Collecção de Etymologias de nomes brasis*, no tomo 8.^o de 1846, da Rev. cit. do Inst.

(Em nota, á pag. 241 da obra e tomo citados do dr. Mello Moraes Senior, vêm uns *Breves reparos* feitos por Ignacio José Malta ás etymologias brasilicas do glossario do Capuchinho de Alijó, o dito Frei Francisco dos Prazeres).

Engenheiro Theodoro Fernandes Sampaio—*O tupi na geographia nacional*. Ed. de São Paulo, 1900. (Curioso trabalho etymologico sobre os vocabulos *nheengatús* enxertados nos appellidos locais do Brasil).

Dr. Ernesto Ferreira França—*Chrestomathia da Língua Brasilica*, ed. de Leipzig (Brockhaus), 1859.

Dr. Karl von den Steinen—*Die Bacahairisprache* (A lingua Bacaeri ou Bacahari)—ed. de Leipzig, 1893.

General Couto de Magalhães—*O Selvagem*—ed. de 1876, Rio de Janeiro. (Este magnifico livro, escripto por ordem de Pedro II para fi-

gurar na Exp. Univ. de Philadelphia, em 1877, encerra o texto tupi de numerosas lendas indianas colleccionadas pelo autor).

O mesmo—7.^a *Conferencia para o tri-centenario de Anchieta* (estudo das raças e linguas indigenas), ed. de São Paulo, 1897.

Julius Platzmann—*Das Anonyme Wörterbuch, Tupi— Deutsche und Deutsche tupi*—ed. de Leipzig, 1900, pela casa B. G. Teubner. (Desse rarissimo *Diccionario Tupy-portuguez*, de autor anonymo, e apparecido em 1795, deo Platzmann a referida e caprichosa versão tedesca).

Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira. Vide no Vol. VI, annos 1878-1879 dos *Annaes da Bibliotheca Nac.* do Rio de Janeiro, a excellente traducção, preconizada como op'ima por Paulo Ehrenreich, do celebre manuscrito do Jesuita P.^o Antonio Ruiz de Montoya sobre a primitiva catechese dos Indios das Missões do Sul. A trad. foi do *abaneenga* (*abaneên*) ou guarany para portuguez.

P.^o Jayme Bonenti: passa por ter dado forma definitiva ao manuscrito guarany do P.^o Montoya, que era castelhano, embora natural de Lima (sec. 18.^o)

Nota: E já que nos referimos aos *Annaes da Bibliotheca Nac. do Rio de Janeiro*, cuja preciosa collecção está cheia de ainda mais preciosos e notaveis estudos sobre o Brasil e seos primitivos habitantes, diremos que o vol. VIII é rico de informações sobre a bibliographia das linguas americanas e o vol. XIV traz o celebre vocabulario indigena compilado por Barbosa Rodrigues e intitulado *Poranduba Amazonense*.

De Baptista Caetano (1826-1882) nem só existem os trabalhos já citados, como ainda: os *Apontamentos sobre o Abaneenga* (tambem chamado guarani ou tupi; ou lingua geral dos Brasis), Rio de Janeiro, 1876, 3 vols. in 8.^o gr.—obra em começo estampada na rev. *Ensaio de sciencia*, e que, além de erudita, commenta os trabalhos linguisticos de João de Luet, hollandez, e de Jean de Lery, francez, sobre os Indios brasilicos; a *Etymologia da palavra Emboaba*, na Rev. *Brasileira*, tomos 2.^o e 3.^o, em polemica philologica com o sr. Dr. Macedo Soares; as *Notas Ethnographicas e linguisticas* (1882) ao livro do Jesuita Fernão Cardim sobre os Indios do Brasil; o *Diccionario da lingua brasileira* (inedito); e, finalmente, o *Esboço grammatical de abaneenga*—Rio de Janeiro—ed. de 1879, no vol cit. dos *Annaes*, como prefacio á traducção do Manuscrito *Guarany* do P.^o Montoya.

Domingos Soares Ferreira Penna—*Algumas palavras da lingua dos Aruãs*. No vol. IV, 1879, dos *Arch. do Mus. Nac.*

José de Alencar—vide Anotações nos seos romances—*O Guarany*, *Iracema* e *Ubirajára*, sobre a lingua, usos e costumes dos Indios do Brasil, com eruditas observações philologicas sobre o tupi-guaran'.

Da organização de um vocabulario tupy-brasileiro

Completa intuição do seo dever tinha o Governo Imperial do Brasil, quando, em 1875, mandou organizar um methodo facil, segundo o plano de *Ollendorf*, para por elle se ensinar a liguatupi (*nheengatu'*), nas escolas do interior do paiz. Com ser a lingua mais geralmente entendida e falada pelos selvicolas, com variantes accidentaes de dialectos, o tupi tem ainda enxertado na linguagem popular dos caboclos, mamelucos, caipiras, matutos, cafusos, sertanejos, caribócas e roceiros do interior do Brasil, grande quantidade de termos e locuções indigenas. Ha muitas frases, exclamações, figuras, idiotismos e ditados na lingua do nosso povo, que vieram, directamente, do tupi-guarani. (*)

Nos centros remotos, afastados da civilisação de beira-mar, percebem-se na conversação do caipira brasileiro modos de dizer, construcções de frase inteiramente peculiares ao *nheengatú* e ao *abaneenga*. Já o grande indianologo Baptista Caetano dissêra isto mesmo, nestas palavras: «A lingua do selvagem perdura na lingua portugueza fallada pelos descendentes dos Brasis, dando-lhe um feitio caracteristico, que distingue essencialmente essa falla brasileira da falla portugueza, não só na inflexão da voz, não só na phonetica, mas ainda no torneio grammatical e no fraseado que tem *seo que* de novo, não usado na terra lusitana, e afinal em grande numero de vocabulos de todo não portuguezes».

Ora, nestas condições, e com o excellente material já apontado nas paginas precedentes, está se impondo a urgente organização de um Vocabulario completo das linguas indigenas mais conhecidas, ou pelo menos do tupi trasladado ao portuguez-brasileiro, nos termos e idéas correspondentes da lingua do Indio.

Como base ou programma d'esse estudo, que só deve ser tentado e levado a cabo por mais competentes do que nós — damos aqui o plano do vocabulario por secções, ao estylo dos modernos vocabularios organizados para o ensino das linguas vivas do Occidente.

I. A familia: parentesco. O homem e as pessoas. Modos de tratamento social.

II. Partes do corpo humano. Accidentes, doenças, defeitos, remedios.

III. A habitação: moveis, utensilios domesticos. Comidas e bebidas.

IV. A terra e a agua. — Designações geographicas.

V. Agricultura. Caça e pesca. Animaes e fructos.

(*) Escreveremos, indifferentemente, tupi ou tupy, guarani ou guarany, nesta Memoria.

VI. O tempo; a numeração. Modo de contar a idade e as cousas.

VII. Substancias e corpos vegetaes e mineraes. Madeiras, pedras, metaes.

VIII. A guerra. Armas, instrumentos, embarcações.

IX. Artes: ornatos e enfeites. A industria ceramica e outras.

X. O culto, divindades, superstições, ceremonias da religião; ritos funerarios entre os Indios do Brasil.

Com um vocabulario assim organizado, especie de *Vademecum* enriquecido pelos termos e palavras mais usuacs da lingua do Indio, facil seria a catechese, approximando-se os civilisados dos pobres filhos da floresta, sem outra difficuldade maior que a de irem aos sertões do Brasil central procurar o aborigene. A lingua é o vehiculo da amisade, e com os selvicolas saber-lhes o idioma é desde logo captar-lhes a estima e a confiança.

Fazemos votos porque aproveite o nosso plano á obra humanitaria da civilisação do deserto, nesta parte do continente americano.

Passemos, pois, á materia da 29. these da Sub-Commissão de Sciencias Anthropologicas.

SEGUNDA PARTE

A Distribuição geographica das tribus indígenas do Brasil: sua ethnogenia.

Um escriptor nacional, o sr. dr. João Ribeiro, disse, acertadamente, que o problema da ethnologia brasileira, depois dos ultimos estudos, de origem allemã, apresenta já certos aspectos claros e definidos e pontos de apoio que se podem considerar definitivos desde já, quaesquer que sejam as lacunas que infelizmente ainda existem. Ainda modernos investigadores—entre os quaes sobresahio Martius—não poderam achar a classificação definitiva dos Indios Brasileiros; mas, em verdade, accumularam um tão grande e substancioso material de factos, que dentro de pouco tempo se tornou possível affron-
tar sem excessiva timidez um ensaio de generalisação—*Hist. do Bras., no 4.º Centen.* 1900, pag. 20. Ha, em todo o caso, completa divergencia na classificação ethnologica e na distribuição ethnographica dos Indios do Brasil. Não se lançou ainda luz completa sobre o *habitat*, vida, grupos, migrações, deslocamentos, etc. de todo o gentio, existente em nosso paiz. Si se trata de classificá-lo pela raça, esbarra-se com as mais desencontradas opiniões, como passamos a vêr. Alcide d'Orbigny e o nosso patricio Dr. Baptista Caetano de Almeida adoptam um só grupo ethnico para os selvagens brasileiros: o grupo *brasilio-guarany*. O Dr. A. Gonçalves Dias sustentava a divisão dos nossos Indios em Tupys e Tapuyas (não Tupys).

Conto de Magalhães, formando divergente sentir, estabeleceu dous grandes grupos ethnographicos para os nossos selvícolas: 1.º a *raça pura ou primitiva*, cujo typo é o corpulento indio *abaúna*, de côr acobreada ou vermelho-escura (Chavantes, Guaycurús, Mundurucús); 2.º a *sub raça* oriunda do cruzamento da *raça pura*, dando origem ás duas grandes familias—*tapuya* e *tupy*—cujo typo é o indio *abatinga*, de côr menos carregada que o *abaúna* e estatura inferior

a este. O *abatinga* representa o estadio de uma cultura mais intensa, mormente nas tribus tupys do littoral.

..

Quanto á procedencia, á *fons originis* do Indio, egualmente se apartam as opiniões por correntes em dissidio. O Dr. Ladisláo Netto quer filiar, por exemplo, os Mundurucús da Amazonia a uma colonia *azteca* ou *tolteca*, vinda do paiz de Anahuac (Mexico), descendo da America Central até se installar no valle do grande rio do Norte do Brasil, *Paraná-açu* do selvagem, ou Mar Doce dos geographos. (*) Procurou aquelle illustre investigador determinar a similitude das tradições, usos, linguagem, mythos, e lendas das hordas Mundurucús com os costumes, religião, etc. do povo vassallo de Montezuma, povo aliás superior em cultura a qualquer outro agrupamento aborigene, na America pre-colombiana, como nos ensinam Zurita, W. Prescott, Bernal Diaz, e Acosta. Póde-se vêr o estudo do saudoso naturalista Brasileiro, nos *Archivos do Museo Nacional*, tomo 2.^o, anno de 1877.

F. Ad. de Varnhagem (Visconde de Porto Seguro) levou o seo exaggero ao ponto de ir buscar os ancestraes dos tupys da costa brasileira entre os povos navegadores do Mediterraneo, entre os Carios da Jonia Asiatica e outros centros de origem hellenica. Está na *Historia geral do Brasil*, do eminente diplomata—o Herodoto nacional—semelhante absurdo geographico e historico (tom. I, 2.^a ed., pag. 56.

..

Nem siquer ficou assentado o nome colectivo, que seria appropriado aos nossos aborigenes, como bem diz o professor Capistrano de Abreo, no *Livro do 4.^o Centenario*, 1.^o vol., pag. 30.

Tapuyos, Caboclos, Brasis, Bugres, Brasienses, Botocudos, Indios : taes as designações genericas que do seculo 16.^o aos nossos dias têm sido dadas ao gentio do Brasil.

E o certo é que o nome Indios, provinde de um erro geographico de Colombo, ao pensar que chegára ás Indias do Oriente, quando tocou, em 1492, na primeira terra americana, foi o que vingou. Está hoje consagrado pelo uso geral. A versão da *origem asiatica* dos nossos Indios continúa a dar tractos á imaginação dos polygenistas, que os querem entroncar na grande arvore mongolica ou amarella. Para os sustentadores da «origem asiatica» a descida das primeiras migrações se teria feito pelo hoje desaparecido Isthmo de Behring, do qual parecem constituir possiveis vestigios os cordões insulares e vulcanicos das Aleutes e outros archipelagos, entre o Alaska e o

(*) O rio Amazonas. (Nota do A.)

Kamchatka, no começo da famosa «cinta de fogo» do Pacifico, entre os continentes : Asia e America.

Nas névoas da historia primitiva se teria interrompido o descimento das camadas invasoras pela ruptura do isthmo, e a dispersão dos chamados *mongoloides americanos* se teria feito no sentido norte-sul, pela vastissima área territorial do Novo Mundo, de modo a ir-se apagando, á maior distancia do focco de partida, a civilisação original, entre as camadas da extrema meridional do nosso Continente. Quanto mais para o Sul, maior bruteza, maior selvageria, explicaveis pelo afastamento, pela perda de contacto com o berço ethnico, a China, talvez. E por esse modo muitos explicam o retardamento e mesmo a retrogradação das tribus do Novo Mundo ao estado selvagem, uma vez cessadas as relações do cruzamento, as intimidades (social e religiosa) entre os antepassados mongóes e seus descendentes americanos. Só no Mexico, na America Central e no Perú ficariam, como excepções, vestigios poderosos de uma civilisação superior, de cunho asiaticc (até mesmo egypcio para alguns), entre Aztecas e Toltecas, Mayas e Quichuas, Aymaras e Muyscas, etc.

Afinal, estacamos deante de theorias e hypotheses, que se prestam, admiravelmente, ás divagações dos eruditos.

As classificações de Martius e Ehrenreich

Entretanto, como já dissemos, as divergencias são mais accentuadas em materia de classificação ethnica dos selvicolas. Para o grande naturalista bávaro, von Martius, 8 grupos ou nações abrangem todos os selvagens do Brasil : 1.º Tupys-Guaranyes da costa oriental ; 2.º Gês ou Crâns, grupo mais numeroso que o precedente ; 3.º Guck ou Côco, dilatados no extremo oeste até os Tutiras andinos ; 4.º Crens ou Guerengs, outr'ora esparsos pelos sertões paulistas, paranaenses e bahianos ; 5.º Parexis ou Paregis, acampados nos sertões de Matto Grosso e Pará ; 6.º Guaytacás, «corredores das florestas», que antigamente occupavam o valle do Parahyba do Sul (Minas, Rio de Janeiro e Espirito Santo) ; 7.º Aruak ou Aruaquis, nas mattas da região amazonica ; 8.º Guaycurús ou Lengoás, os «indios cavalleiros» de Matto Grosso e Bolivia e do «Grão Chaco», nas republicas do Paraguay e Argentina. Vide Martius, na sua já cit. e notavel obra — *Zur Ethnographie Amerika's, Zumal Brasilens*, ed. de 1867, em Leipzig.

O Dr. Paulo Ehrenreich, no seu trabalho publicado em Berlim, 1891, *Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasilien's nach dem gegenwärtigen Stande unserer Kenntnisse* (hoje entre nós divulgado pela excellente trad. de Capistrano de Abreu — «Da divisão e distribuição das tribus do Brasil, segundo o estado actual de nossos conhecimentos»), fórma também 8 grupos para os nossos selvicolas, sem adoptar, porem, os nomes e a classificação de Martius. São elles:

1.º Tupy, 2.º Gê, 3.º Goitacá, 4.º Carahyba, 5.º Maipure, 6.º Pano, 7.º Miranha e 8.º Guaycurú.

E no seo mais recente estudo, publicado em 1904, nos *Archivos de Anthropologia*, de Brunswick (Allemanha), sob o titulo : «A Ethnographia da America do Sul ao começar o seculo XX» («*Die Ethnographie von Süd Amerika am Anfang de XX sten Jahrhunderts*»), assim classifica Ehrenreich os povos naturaes d'esta parte do continente, como formando 3 grandes familias linguisticas : os Tupys, os Aruaks e os Carahybas. Voltaremos depois a esta classificação de base ethnophilologica.

Interessa-nos mais vêr por agora as 4 grandes nações de indios sul-americanos, que nos parecem absolutamente distinctas e separadas umas das outras, pelos seos mythos, linguagem, costumes e até mesmo pela irreductibilidade do typo physico : a nação *Tupy* ; a *Tapuya* ou *Gê* ; a *Maipure* ou *Nu-arua* ; e a *Carahyba*, diversamente graphada *Carai*ba ou *Cariba*.

Si bem que continuem como problemas insoluveis as varias questões, que se prendem ás primitivas migrações desses povos, á sua expansão e fixação pelos diversos pontos do continente, á determinação exacta de suas zonas de influencia, no cruzamento e approximação de umas tribus para outras ; certo é, não obstante, que se pôde levantar, em traços geraes, uma carta ethnographica dos povos abrangidos em cada uma dessas 4 melhores conhecidas nações selvagens.

1.ª

Os Tupys

Apparecem com varias denominações locaes, na zona do paiz por elles occupada, de sul a norte, e do littoral Atlantico para o *Hinterland* brasileiro. Eram tupys: os Tapes (Rio Gr. do Sul), o gentio Cataguá (Minas Geraes), o Carijó e o Tamoyo (Rio de Janeiro), o Temiminó (Espírito Santo), o Tupiniquim e o Tupinaen (Bahia), o Caeté e o Tábajára (Pernambuco), o Potyguara (Rio Gr. do Norte), os Apiacás, Jurúnas, Maues, Omaguas, Parentintins e Tembés (Amazonia). Mesclaram-se tupys com o indio primitivo *abaúna*, no extremo Norte do «Paiz das Palmeiras»—*Pindorama* (nome gentilico do Brasil, como queria o General Couto de Magalhães); e dessa fusão procedem Mundurucús, Manaos e outros selvagens da região amazonica, nos rios Xingú, Tapajós e Negro.

A genealogia tupy se esgalha numa dose de tribus aparentadas, conforme nos demonstram as raizes etymologicas encontradas de modo permanente, nos appellidos collectivos.

Etymologia dos povos Tupys

Eil-os : Tupys ou Tupis— « os da primitiva raça ».

Tupiniquins ou Tupina—kis (de *Tupi-ná* « parentes dos tupys » e *ki*, espinho, mão, ruim). Tamoyos (derivado de Tamuya ou Tapuya—o « avô »,—como Tabajára significa o « senhor da aldeia » e Tobajára, o « cunhado »). Temiminós são os « netos », descendentes dos Tamoyos. Guaranys (*Goára-oni* e por contracção *Goar'ani*) são « os não originarios do lugar », segundo interpreta o Dr. João Mendes—ou os « guerreiros », conforme opinam Varnhagem e Couto de Magalhães. Carirys ou Kiri-ris são « os tristonhos », assim como os Potyguáras (Petiguares ou Potigóaras) são os « comedores de camarão ». Guayanazes ou Goyanazes (*Goia-ná*) são « os parentes dos Goiá ». Cayapó (de *caa-y-apó*) é o indio « salteador do matto » para o Visc. de Porto Seguro; ou « o oriundo de matos alagadiços », segundo João Mendes. Tupinambás ou Tupinábás são os « tupys do tronco primitivo », sahidos da nação Tupy, da « primitiva geração », como já ficou dito, ou « os bons parentes ».

Tupi, Tupy ou Typi procede de *Ypi*, « cabeça de geração ou primeira origem », tendo-se anteposto a letra *T* á palavra *Ypi*, de modo a fazer este substantivo reflexo de si mesmo, como é frequente na lingua *nheengatù* com varias palavras d'este idioma americano.

2.^a

Os Gês

Os Gês ou Tapuyas abrangem os indomitos Aymorés da serra do seo nome (Bahia, Minas e Espirito Santo); os ferozes Botocudos (*Marchaculis*, *Puris*, *Nak-ne-nuke*, *Malalis*, *Pojichás*, *Monoxós*, etc.), na região do medio e baixo Rio Doce, nos rios Mucury e São Matheos, (entre Minas Geraes e Espirito Santo); os Cayapós, Ubirajaras ou « Bil-réiros » (Matto Grosso e Bahia); os Apinagés (valle do Araguaya, entre Goyaz e Maranhão); e em geral todos os Indios Tapuyas, de rudissima fereza, genericamente appellidados Bugres, no sul do Brasil (desde Minas e São Paulo até Paraná e S.^{ta} Catharina).

Os Gês foram sempre um obstaculo á marcha da civilisação, assolaram, na éra colonial, as capitánias de Ilhéos e Porto Seguro, ainda infestam os sertões do Mucury (*Philadelphia* ou *Theophilo Ottoni*) e os de Parapanema, Xiririca, Baurù, Avanhadava (S. Paulo) e muitas comarcas paranaenses. Inimigos traiçoeiros dos colonos brancos, estes não poupam tambem os temiveis Bugres e ainda hoje lhes levam a guerra e o assalto, sem dó nem piedade.

Vide a nota A, no appendice, sobre algumas expedições recentes contra os Bugres, em Minas, São Paulo e Santa Catharina.

Etymologia da nação Gê

Dos *Carib* (caribas ou caraibas) mestiçados com tupys e vivendo esparsos em *aiupas* (choupanas), longe das aldeias, provieram os Tapuyas, os «barbaros», no dizer da lingua geral. Os *Carib* aldeiados, vivendo em *ocas*, nas *tabas*, formaram o gentio *Caribóca* (de *Cari-bóca*), segundo entende o Dr. Mendes de Almeida. Couto de Magalhães, porem, já discorda de semelhante etymologia e dá esta: caribóca (de *cariua*, «o branco» e *oc*, «tirar») é corrupção de *cariuôca*, que significa o mestiço, «tirado de branco», que tem sangue ou parte de branco com india. Tapuyas e Caribócas se confundem, e—desde São Paulo, com os Tremembés, até o Maranhão, com os Tymbiras e Guajajaras—nós os achamos esparsos pela costa: Guaitacaz ou Goytacazes, no Rio de Janeiro—(outros ethnographistas fazem do gentio Goitacá ou Waitaká um grupo aparte e nem o consideram na familia ou nação Gê); Caetés (Caá-êtes), em Pernambuco e Alagoas; Tabajaras, na Parahyba; Potyguaras, no Rio Grande do Norte. De Tapuya, convertido em Tamuya («avó»), já mostramos ter sahido a palavra Tamoyo (indios da costa fluminense, fléis alliados dos francezes do sec. 16.^o e que inspiraram ao Visconde de Araguaya o seo celebre poema («A Confederação dos Tamoyos»).

Os Tremembés (ou Teremenbés), legitimos Tapuyas, foram sempre irreductiveis inimigos dos Tupinabás e Tupinakis, o que aliás está de accordo com a historia, desde o seculo da descoberta do Brasil, da qual se vê que foram sempre inimicissimas as 3 familias indigenas: a *tupy*, a *cariboca* e a *tapuya*.

3.^a

Os Maipures

Aos Maipures ou Nu-Aruaks pertencem o gentio Chané e o Guaná (de Matto Grosso), tão bem descriptos pelo Visconde de Taunay, que dividio a nação dos Chanés em 4 tribus (Terenos, Laianos, Kinikinãos e Guanás); os Nheengäibas («más linguas»), do Maranhão, e com os quaes conviveram os capuchinhos francezes de 1612—15 e o Jesuita P.^e Antonio Vieira, mais tarde; os Custenãos ou Kustenãos do Alto—Xingú, no Amazonas; e os Aruãos, Manãos, Moxós, Paramaris e outras tribus da bacia amazonica.

4.^a

Os Carahybas

A grande nação Cariba, Kariba, Caraiba ou Carahyba comprehende: no Alto-Amazonas, os interessantes grupos dos Bacaerys, mansos e bravos, cuja lingua está bem estudada por Carlos von den Steinen,

o sabio explorador allemão das tribus do Xingú, nas suas expedições de 1884—87—88 (vide obras por nós citadas na Bibliographia); e ainda os Macuxis, os Wanás e os Crixanás, estes tão bem descriptos por J. Barbosa Rodrigues, que os estudou, na expedição de 1884. Pertencem ainda ao grupo ou nação Kariba os Pimenteiras ou Pigericuns (do Piahy) e os Palmelais (do rio Madeira, entre Matto Grosso e Amazonas). Aqui tem inteiro cabimento uma procedente observação de Ehrenreich, quando diz: «Por nomes como Carahybas, Aruaks, Tupis, Gês, entendemos tribus *linguisticamente* aparentadas, cuja *connexão* foi primeiramente apurada pela *analyse scientifica*». O que é uma verdade—porque, em regra, taes hordas ou agrupamentos selvagens se reduzem ás *colluvies gentium*, de que já nos falava o eminente bávaro Carlos von Martius; e nessas tribus reina uma grande confusão, *ethnica*, quanto ás tradições, dialectos, mythos, costumes, usos sociaes etc. E' impossivel, portanto, bem classificar-as, sem um certo arbitrio.

OUTROS GRUPOS ETHNOGRAPHICOS

1.º

Os Carirys

Além das quatro nações indigenas, aqui esboçadas—dos Tupis, Gês, Maipures e Carahibas—outro grupo selvagem, já classificado, *ethnographicamente*, ainda existe: o dos Indios Carirys, Karirys ou Cairirys. Sua linguagem está regularmente conhecida e ha actualmente glossarios publicados no idioma Cariry. A esse grupo pertencem: os Goyanazes, Guaianazes ou Goianás, o gentio Quiririm, o Guayó, o Choró e os Tremembés, os quaes todos habitavam, na éra colonial, a capitania e hoje Estado de S. Paulo, da Serra de Paranapiacaba (Cubatão) e Campos de Piratininga para as terras do interior.

O General Couto de Magalhães bem estudou os Guayanazes, indios doces á civilização luso-christã e tão afamados pela mestiçagem com os brancos, d'onde provieram os mamelucos das «bandeiras». E Azevedo Marques, Machado de Oliveira, João Mendes, Frei Gaspar da Madre de Deos, longamente se occuparam desse gentio amigo dos Portuguezes. Ainda entroncados no grupo Cariry estavam: no norte do paiz, os Icós, os Jucás ou «matadores» e Sucurús (do Ceará) e o gentio Papanaz, o Jaicó e os Juremas, (do Piahy), no valle do Parnahyba e sertões da Barbalha e Oeiras. Do gentio Tremembé guarda o nome uma localidade paulista, do mesmo modo que do Icó conservou o *appellido* bella cidade cearense.

* *

Excluidos das classificações anteriores—pois não são nem Tapis puros, nem Gês, nem Maipures, nem Caribas, nem Carirys—ainda se podem enumerar os antigos Indios Goytacazes, Goitacás ou Guaytacaz (no Rio de Janeiro, valle do Parahyba do Sul); os Guatós e Guaycurús ou Indios cavalleiros (de Matto Grosso); os Bororós e Carajás ou Karajás (do valle Goyano do Araguaya); os Charrúas e Minuanos (do extremo sul de Santa Catharina á Lagôa dos Patos); os Juris, Tekûmàs e Uaupés (da Amazonia, na fronteira da Bolivia); e os Trumays (do rio Xingú). E como estes—isto é, formando grupos á parte e não ainda convenientemente classificados, como já vimos ser o caso para o Goitacá ou Waitacá e para o Guaycurú—se acham os restantes grupos do schema ethnographico do Dr. Paulo Ehrenreich: os grupos Pano e Miranha.

2.º

Os Waitakás

Quanto aos temidos e bellicosos Goytacás ou Waitakás, os seus representantes puros se extinguiram ao começar o seculo 17.º; mas da bacia do Parahyba do Sul se passaram alguns delles para os valles dos rios Itapemirim, Muriahé, Pomba e Doce; e recuados sempre para as florestas, entre Minas e Espírito Santo, ahi ainda vivem mestiços de sangue goitacá e tapuya, entre os Bugres chamados Puris, Aranãs, Pancas, Catikrás, Pojichás e outros grupos, que vagueiam nas florestas do baixo Rio Doce, principalmente.

* *

Os Bororós e os Coroados do Araguaya, os Coropós e Monoxós (Botocudos), têm intimo parentesco linguistico e ethnico com o selvagem Waitaká. Estudando a lingua e os costumes dos Aranãs (Botocudos do valle do Mucury), quando de 1836 a 37, por ordem do Regente do Imperio, P.º Diogo A. Feijó, foi explorar os sertões desse rio, na hoje comarca mineira de Theophilo Ottoni, escreveu o Engenheiro francez Dr. Victor Renault que os Aranãs, então acampados ao lado de outras tribus irmãos, os Giporoks e os Nac-Nanuks (o nome destes quer dizer «habitantes da serra», pois acampavam na cadeia dos Aymorés), têm grandes semelhanças com os seus guerreiros antepassados, os Goitacazes. Os Macunins ou Macuinis, com os seus traços tão accentuadamente sino-mongolicos, que se diria terem esses Indios sido transportados da Asia oriental para as florestas ás margens do Mucury, Itambacury e Todos os Santos (em Minas), já não têm sangue Waitaká, e são puros Gês ou Tapuyas. Faremos aqui esta interessante observação: quando a colonisação amarella se introduziu no Mucury, pelos meados do seculo 19.º, os Chinezes se alliaram aos Macunins, em perfeita harmonia.

No Rio Doce, porém, e nos seus afluentes, como o Matipóo, o Manhuassú, o Guandú, o Piracicaba, o Cuyethé, entre o Doce e a Serra Geral dos Aymorés, varias tribus mestiçadas de Bugres e Goitacazes viviam ainda não ha muitos annos. Meio civilisados uns, em estado selvagem algumas centenas, ainda se encontram, nos Estados de Minas e Espirito Santo, exemplares desses Botocudos, das tribus dos Monoxós, Maconés, Camaraxós, Mallalis, Tocoyós, Pojichás, Nak-ne-nuks ou Nack-Nanuks, Samixúmas, e Puris ou Puryrs, divididos estes em Mirins e Assús. Guido Th. Marlière, Victor Renault, A. de Saint-Hilaire, o principe Maximiliano, o Conde de Castelnau, Philippe M. Rey, os Missionarios Capuchinhos dos extinctos aldeiamentos da Poaya e Figueira, e do Itambacury (Fr. Seraphim de Gorizia, principalmente) estudaram a lingua e dialectos d'esses selvagens. Faltam, porém, dados definitivos para uma boa classificação ethnica, sob o ponto de vista linguistico.

3.º

Os Pano

Este grupo abrange muitas tribus da fronteira Oeste e Noroeste do Brasil, como os Combo (Rio Ucayale), os Cassivo, Setibo e Sipilo (do Perú), os Majoruna (do Javary), os Naua (do Alto-Juruá, no rio Chandless), os Caxinana, os Jaminana e Xanindana (das cabeceiras do Juruá, Taraucá e Emvirá), na zona do seringaes amazonicos dos territorios federaes do Acre, Juruá e Purús. Têm sido os Indios Pano e suas linguas e costumes bem estudados por Keller Leuzinger, por Ordinaire, Chandless, Lucioli, Colini, e La Grasserie, segundo nos informa Ehrenreich, no seu estudo já citado sobre *A Ethnographia da America do Sul ao começar o sec XX*, (1904).

Do grupo isolado dos Guaycurús (os famosos Indios cavalleiros do Alto-Paraguay e Diamantino, em Matto Grosso) e que se dividem em Lengúas e Mbaia, já tratámos ligeiramente, bem como do pequeno grupo dos Minuanos, do extremo sul, recuados para o interior pelos Tapes e pelos colonos brancos (da Lagôa dos Patos para os valles do Cacequy, Batovy, e Vaccacahy) até se extinguirem de todo.

§

Daremos agora o resumo fiel das brilhantes investigações do Dr. Paulo Ehrenreich no seu mais recente trabalho ethnographico, sobre as 3 grandes familias linguisticas (Tupys, Aruaks e Carahybas) por elle consideradas como as mais seguramente classificadas, sob o ponto de vista philologico, entre os povos naturaes do Brasil.

I

A Família Tupi-Guarany

A' familia linguistica Tupi-Guarany pertencem as tribus dos Apiacás (Alto-Tapajoz), Camayurás (cabeceiras do Xingú), Tapirapés (Goyaz), Tembés (interior do Pará), Guajajaras (valle do Tocantins, no Maranhão, e Piahy), Oyampi (Guyana oriental), Omaguas ou Cambéba (fronteira com o Perú), Cocamas (rio Solimões), Guarayos e Papu (bacia do Madeira, entre Brasil e Bolivia), Chiriguano (fronteira boliviana), Caingá ou Cayuá (rio Paraguay o baixo e medio Paraná), Apiterê (Matto Grosso), Mundurucús e Mahués (valle do Tapajoz), Jurunas e Manitsauás (medio Xingú), Aruetês (cabeceiras do Xingú), Guaiaki (sueste do Paraguay) e Uamáuas (Alto-Japurá). Estes tupis estão divididos em tupis puros e impuros, e, achando-se espalhados por uma vasta área do Brasil, Paraguay, Bolivia e Guyanas, formam as tribus historicamente mais importantes e melhor estudadas desde a descoberta do Brasil até hoje. Anteriormente, já enumerámos as tribus tupis do littoral.

Pero Vaz Caminha, Hans Staden, Jean de Lery, André Thevet, Joseph de Anchieta, Nobrega, Azpilcueta Navarro, Simão de Vasconcellos, Ives d'Evreux, Claude d'Abbeville, Ruiz de Montoya, Luiz de Figueira, Pablo Restivo, Baptista Caetano, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Gonçalves Dias... têm sido os estudiosos dedicados à Indianologia tupi-guarany, fixando, grammaticalmente, o *abaneenga* e o *nheengatu*.

II

A Família Aruak

A' familia linguistica dos Aruaks pertencem varias tribus do Norte do Brasil, para onde vieram das Grandes Antilhas, Colombia, Venezuela e Guyanas: tendo chegado a desenvolver grande e notavel cultura (artes ceramicas, organização social, esculptura, ensaios de metallurgia do ferro e cobre, tecelagem de fibras vegetaes, ornamentação) etc, principalmente nas Antilhas. Das linguas aruaks: o *Arnak* da Guyana, o *Baure*, o *Móxo* o *Anti*, o *Goajiro*, o *Manao* e o *Ipurinân*, sómente estas duas ultimas interessam, directamente, ao Brasil, (a dos Manãos e a dos Ipurinâns). Descidos para as florestas do Rio-Mar, os Aruaks brasileiros degeneraram, tornaram-se rudes pescadores e caçadores, só usando de uma rudimentar e pequena agricultura, e perdendo o anterior desenvolvimento da civilização insular, nas Antilhas. São tribus Aruaks: os Tainos (ilhas Lucayas e Grandes Antilhas); os Atnagês e Inyeri (expulsos das pequenas Antilhas pelos Carahybas); os Maipure (curso medio do Orenôco); os Piapoco e Baniva (da Guyana Septentrional); os Baurés no Cauca; os Mitua (no Imrida); os Javitêros (no Ataba-

po); os Achaguá (no rio Meta, entre o Brasil e a Venezuela, na bacia do Orenôco e afluentes); os Atorai e Tarumás (Estado do Amazonas e Guyanas); os Aruãns (já extintos, na ilha de Marajó, Pará); os Goajiro (rio Hocha e península de Guayra); os Baniva (já citados, no Alto-Amazonas); os Manãos (Baixo-Rio-Negro); os Paumari, Iamamandi e Ipuruãns (no Rio Purús); as hordas descendentes dos Ipuruãns: Manateniri, Catiana, Cannamari, Canawari, etc. (nos rios Purús, Juruá e Acre ou Acquiry); os Araúnas e Catoquina (no rio Juruá, onde os índios Aruaks estão mestiçados com Tupis); os Antas, Anti ou Campas, também chamados Machigangas, e os Chontaquiro ou Piro (do rio Ucayale e fronteira brasileiro-peruviana); os Moxo ou Muru e Baure (cabeceiras do Madeira, no Beni Boliviano); os Parecis ou Paregis (no Alto-Diamantino, em Matto Grosso); os Mehinakú, Custenaos ou Kustenau, Xaulapiti e Waura (nas cabeceiras do Xingú, onde esses Aruaks foram descobertos e bem estudados por Karl von den Steinen, nas duas expedições de 1885-1887, e por Max Schmidt e Barão do Melgaço, no Alto-Paraguay, Estado de Matto Grosso); os Jumana, Passé, Uaimuna, Canixana (índios Aruaks de linguas bem divergentes, no Baixo-Içá ou Japurá, e que foram primeiramente descriptos por Carlos Fr. Ph. von Martius.)

III

A Família Carahyba

A' familia linguistica dos Carahybas pertencem os famosos Canibae das Pequenas Antilhas, celebres pelos raptos das indias Aruaks, que conservam desde seculos o idioma original, no seio das tribus raptoras dos Carahybas insulares (tribus Calina e Calinago), formando um extranho dualismo linguistico, na America do Sul. Na Venezuela, são Carahibas: o gentio Chayma, Cumanagoto, Tamanaco (já mestiçados com colonos brancos, nos *llanos* venezuelanos); na Guyana Franceza, os Galibis e Carabisi; na Guyana Inglesa e fronteira norte do Amazonas, os Macuxi, Acawoio, Ipurakoto, Arukuna ou Arukuyaná; no Baixo-Amazonas, os Rucuyenes e Apalai; no Alto-Trombetas e Jamundá, os Pianokoto; no Rio Branco, os Marikitaré; no Jauaperi, afluente do Rio-Negro, os Crichanás ou Krichaná; no Alto-Xingú, os Arumá ou Jaruma; entre o medio-Xingú e o Madeira, os Araras; na embocadura do Rio-Negro e Baixo-Amazonas, os Bonari e Japü; no Alto-Japurá, os Caripona e Uitoto; no rio Putumayo (fronteira do Equador), os ferozes Motillon. Com um gráo de civilisação mais ou menos igual ao dos Tupis e Aruaks, os Carahibas foram bem estudados por Sapper, na Venezuela, por Von den Steinen, Barbosa Rodrigues, Henri Coudreau e Lucien Adam, no Brasil.

Coudreau e Crévaux estiveram com as tribus Rucuyennes e Pianokoto e d'ellas foi o 2.º d'elles o primeiro a dar noticia. Barbosa Rodrigues pacificou os Crichanás, em 1884. Adam determinou os Cara-

hibas ao sul do Amazonas: os Pimenteiras (Piauhy) e os Palmella (Matto Grosso). Ao dr. Hermann Meyer (1886) se deve o primeiro conhecimento dos Nahuquás, acampados no rio Coliseu e no Culnène.

Carlos von den Steinen, que descobriu os Bacaeris ou Bacaherys, nas cabeceiras do Xingú e no Paranatinga, filiou-os ao grupo Carai-ba ou Cariba e estudando-lhes, pacientemente, a lingua (hoje tão bem conhecida, como o Carahiba insular, das Antilhas, ou como o Cumanagoto da Venezuela), publicou, em Leipzig, 1893, o seo afamado livro *Die Bacahairisprache*. A Paulo Ehrenreich, que, em 1888, esteve na bacia do Tocantins, se deve a distincção entre os Apiacás ou Apingui, de origem carahiba e refugiados no Tocantins, depois de expulsos do rio Xingú pelo gentio Suyá — e os seos homonymos, os Apiacás, de origem tupi, do Alto-Tapajoz.

Como é facil vêr, portanto, mais uma vez os allemães levam a palma, nas investigações sobre o indianismo no Brasil, calcando sobre bases scientificas os seos estudos de Ethnographia, linguistica e mythographia sobre os nossos selvagens.

S

Milliet de Saint-Adolphe, no seo *Diccion. Geogr. hist. e descript. do Brasil* (1845), 1.º vol., pags. 459 a 463, dá uma lista, muito incompleta e cheia de erros e lacunas, sobre as diversas tribus indigenas do Brasil. (*)

Vamos completar este nosso trabalho, apresentando em ordem alphabetica e com a minuciosidade possivel, segundo os nossos proprios conhecimentos, o quadro geral das tribus já extinctas ou ainda existentes, em nosso paiz.

O assumpto é interessante e tem sido descuidado. Quando dèrmos a significação do nome da tribu, fal-o-hemos de preferencia na lingua geral e mais conhecida dos tupis orientaes, o *nheengatu*. E quanto aos nomes das innumeraveis tribus, que povoaram e infestaram o Brasil inteiro, do sec. 15.º ao 18.º (no sec. 19.º já andavam muito reduzidos em numero os selvicolas), tem cabida aqui uma judiciosa ponderação do sempre invocado e arguto Ehreireich.

Diz elle: « Por nomes como Carahibas, Aruaks, Tupis, Gês, entendemos tribus linguisticamente aparentadas, cuja connexão foi primeiramente apurada pela analyse scientifica. Podem ser referidos a um hypothetico povo primitivo, do mesmo modo que as chamadas tribus indo-germanicas do Velho Mundo. Como taes tribus de igual familia linguistica estão muitas vezes dispersas por territorios enormes e suas linguas, graças ao isolamento ou a acções estranhas

(*) Emquanto Milliet só enumera 168 tribus e nações de indios brasilicos, nós chegamos a referir, nesta *Memoria*, perto de 450 tribus e povos selvagens, no Brasil antigo e moderno.

muitas vezes apresentam grandes divergencias no vocabulario, em regra entre estas não se conservou a consciencia do parentesco.» Vide cit. trab. *Die Ethnographie von Sudamerika am Anfang des XX sten Jahrhunderts* (In *Archiv. f. Anthrop.*, de Brunswik).

Ainda accresce que simples accidentes physicos do *habitat*, palavras isoladas e frequentes da linguagem, habitos, ornatos, etc. fazem variar os nomes das tribus numa synonimia confusa, ou em appellidos bem divergentes, como é facil observar na lista que passamos a dar dos Indios do Brasil.

Cômputo actual dos Selvagens no Brasil

Uma ultima questão. Qual o numero dos indigenas do paiz? Aqui em Minas não passarão de 10 mil os que habitam as faldas da serra dos Aymorés, a bacia do Mucury, as mattas do Baixo-Rio Doce (no Cuyethé, Larangeiras, Manhuassú) e do Baixo-Jequitinhonha. (*)

Ha cerca de 30 annos o Barão de Melgaço escrevia que as 18 tribus ainda então existentes, em Matto Grosso, mal attingiriam a 25 mil individuos, em rigoroso calculo de estatistica. (**) Si para a epoca da descoberta do Brasil, o calculo da população selvagem oscilla de meio milhão a 2 milhões (Mattoso Maia, *Hist. do Br.* pag. 45)— e sendo ainda desconhecida talvez uma 5.^a parte do territorio nacional; como poderiamos bem avaliar os selvicolas que ainda vagueiam no *far-west* brasileiro, nas florestas do Brasil Central, nos valles quasi desertos do Xingú, do Purús, do Araguaya, do Tocantins, do Paranapanema, do Urupuca, do Iguassú, etc.? No recenseamento de 1872, era compu-

(*) Em Junho de 1908, o rev. P.^o Carlos Peretto, inspector dos Salesianos no sul do Brasil, acompanhado dos Padres Antonio Dalla-Via, secretario da comitiva, Jeronymo Migliarini, J. B. Lorandi, Andre' Collie e dous irmãos leigos pertencentes á mesma congregação, snrs. João Abs. e João Polo, dirigio-se da cid. de Ponte Nova para as mattas do rio Cuyethe' (Minas), onde foi estudar o local para a fundação de colonias para a catechese dos indios, que existem naquella região do Rio Doce. Vide a rev. *Santa Cruz* (de S. Paulo), fasc. de agosto de 1908, transcrevendo nossos trabalhos sobre o Rio Doce e trazendo excellentes gravuras dos logares visitados pela comitiva Salesiana e dos Indios semi-civilisados encontrados no Cuyethe', Jatahy, Pega-Bem, etc.

(**) Muito recentemente, os Missionarios Salesianos sob a direcção dos P. João Balzola e A. Malan, se entregam á catechese das tribus do Araguaya e Norte de Matto Grosso (colonias do Sagrado Coração de Jesus do Barreiro, de São Lourenço dos Coroados, da Immaculada Conceição do rio das Garças, das Palmeiras e do Sangradouro).

O rev. P.^o Antonio Malan avalia (Set. de 1908) em cerca de meio milhão ! os indios Bororós, Coroados, Cayapós, Bacahirys, Cajabys, Parecys, Tapanhunás, etc., que vagueiam no vastissimo territorio matto-grossense. Vide o livro *As Missões Salesianas em Matto Grosso*, 1894 - 1908.

(Notas do A.)

tada em 1 (um) milhão a população selvagem do Imperio, numero. que nos parece exagerado.

Sob a Republica, as avaliações vão de 200 a 400 mil Indios, em estado selvagem, em todo o Brasil. E ainda são os grandes Estados do Amazonas, Matto Grosso e Pará os que possuem maior numero de tribus em estado selvagem. Maranhão, Goyaz, e o Paraná, egualmente, contam bom numero de Indios selvagens.

APPENDICE

Nota, A

Das noticias aqui transcriptas, umas provam o modo deshumano porque os pretensos civilisados vão fazendo, a ferro e fogo, a *proveitosa catechese* dos Bugres, em Minas Geraes, S. Paulo e Santa Catharina; e outras revelam o bom proveito alcançado pelos meios pacíficos sobre os Indios do Maranhão. Sem o estipendio dos cofres officiaes, poucos são os nucleos de catechese ainda existentes, no territorio da Republica. Mons.^{or} Costa Aguiar (saudosos bispo do Amazonas e que era um dos egregios membros d'este Congresso—que de suas luzes como reputado Indiano logo se vio privado, pois fallecco a 5 de junho de 1905, em Lisbôa), encetou na vasta região amazonica da sua diocese a crusada civilisadora do Indio, chamando-o ao gremio christão. No Pará, poucas colonias indigenas ainda se conservam; em Minas, só a do Itambacury, mantida pelo Estado e confiada ao zelo dos benemeritos Franciscanos; em Matto Grosso, são os Padres Salesianos que cuidam da catechese; assim como, nas margens do Araguaya, os Monges Dominicanos (do convento de Uberaba, Minas) vão reduzindo, com proveito, o gentio d'aquellas remotas paragens de Goyaz, onde ha pouco perdeu a vida um dedicado catechista, Frei Gil. (*)

Em S. Paulo, começam os Capuchinhos a catechese dos selvagens do Paranapanema e do Baurú, onde foi victima do seu zelo apostolico Mons.^{or} Claro Monteiro. Em regra, porém, extermina-se o Indio, no *Hinterland* brasileiro, como se fosse uma fera. Vejamos as noticias de imprensa a que nos referiamos. A primeira refere uma *sortida* contra o gentio catharinense, em dias de março de 1905. Eil-a:

(*) Em 1905, Frei Jacintho M. Lacomme, Superior dos Missionarios Dominicanos de Uberaba, publicou vibrante folheto, sob o titulo suggestivo de *Salvemos nossos Indios*. Ali advoga elle a causa da evangelisação das tribus Carajas, Chavantes, Javahés, Cayapos, Apinagés, Carahos e Cherentes, das margens dos rios Araguaya, das Mórtes e Tocantins, e da grande Ilha do Bananal, ao N. de Goyaz, tendo lançado a generosa idéa de se construir um navio-egreja (o *Christophoro*), para o serviço da catechese, naquellas remotas regiões do Brasil. (Nota do A.)

Nota B

Sob o titulo «Expedição contra os Bugres», o *Novidades*, de Itajhy, Santa Catharina, publicou esta edificante correspondencia: «A turma composta de 16 homens, chefiada pelo celebre *batedor de bugres* Martinho Marcellino, morador na Angelina, que dalli viera incumbido de desempenhar essa ardua missão, intercou-se no matto, no dia 4. Antes, tudo quanto era necessario para levar a effeito a difficil empresa, fôra posto á disposição do chefe e dos demais homens pelo superintendente sr. Visconde Schafer. Até ao Ribeirão do Ouro, a viagem foi feita em carroças. No dia 5, Martinho, e tres companheiros começaram a fazer reconhecimentos e a explorar o terreno, podendo certificar-se de que, não muito distante, havia paradeiro de selvagens.

Esse reconhecimento durou tres dias.

No dia 9, pela madrugada, os 16 homens embrenharam-se na matta, seguindo rumo sul, guiados pelos indícios constantes de picadas, ranchos ainda novos, á distancia uns dos outros de 4 a 5 kilometros, e por diversas abelheiras tiradas pelos selvicolas. No perimetro em que esperavam surprehender o inimigo, nada foi achado. Depois de estarem cinco dias internados no matto, tendo por vezes atravessado caudalosos braços de rios, que supõem afluentes do Tijucas, os expedicionarios encontraram um rancho, pelos signaes ha pouco abandonado, havendo dentro d'elle um pilão e muitas hervas soccadas e o cadaver de um bugra envolvido em folhas de cacté.

Ahi a turma fez alto e Martinho, com tres companheiros, procedeo de novo a reconhecimentos, dando muito perto com dois trechos de picadas muito limpas e abertas em forma de cruz, e no ponto do cruzamento um tóro falquejado e em cada uma das faces muitas garatujas, como que desenhadas do alto para baixo e affectando a forma da letra *M* conjugada com o *N*, e escripta successivamente diversas vezes. Presentindo, perto, movimento de selvagens, Martinho subio a uma arvore, de onde descobrio grande ajuntamento d'elles, mas ao descer foi picado por uma grande Jararaca. Feito immediatamente o primeiro curativo, regressou com os tres companheiros a juntar-se com o resto da expedição, a fim de tratar-se da mordedura e dizer aos outros o resultado da exploração.

Martinho, tendo observado que o numero de bugres era bem grande e que dezesseis homens eram insufficientes, conseguiu mais sete companheiros no Ribeirão do Ouro, e a turma, deste modo composta de 24 homens, encamionhou-se, no dia 17, provida de mantimentos, para o ponto onde tinham sido vistos os selvagens. Mas ahi chegando, verificaram haverem elles se ausentado, tomando rumo de oeste, naturalmente por terem presentido a aproximação da turma.

Dirigindo suas pesquisas nesta direcção, percorreram com mil difficuldades grande extensão de sertão, atravessando rios cheios, em

jangadas que improvisaram. A 23, depois de terem descoberto 94 ranchos rodeados por trincheiras, encontraram tambem, com espanto, grande numero de jararacas mortas, que elles dizem ser 62, como se fosse aquillo o resultado de uma caçada, e 112 abelheiras tiradas. Nesse mesmo dia, n'um faxinal immenso, sobre o chapadão denominado do Fauser, começaram a sentir os indícios de que os bugres estavam proximos. Mas, não quizeram, sem primeiro observar bem a situação delles, dar o ataque, que foi levado a effeito no dia 26, domingo, ás 2 horas da madrugada. O assalto foi assim descripto, em suas linhas geraes, por alguns homens da turma: «Devido á grande escuridão d'aquella hora, os 24 homens, para não se perderem uns dos outros, seguiam assim: o que marchava atraz levava a mão apoiada no que ia na frente, e guiava o extranho prestito o chefe Martinho, com uma vela accesa, em direcção aos ranchos, que haviam descoberto de dia. Ahi chegando, com as maiores cautelas, a um signal convencionado, deram o ataque. Estabeleceo-se uma confusão enorme: gritos, pulos, imprecações, um berreiro infernal por parte dos selvagens!» Não contam os expedicionarios, mas é facil prevêr, terem feito elles uma *boa chactna*, apoderando-se de tudo quanto existia dentro dos ranchos e de um bugrinho de 8 a 10 annos de idade. Havia grande quantidade de carne de anta e armamento.

A turma chegou a Brusque, de volta, no dia 4, depois de ter passado quasi todo o mez de fevereiro no matto. Vem radiante pelo successo obtido e traz como trophéos os objectos apprehendidos. E' interessante a relação desses objectos: cento e tantas flechas, vinte e tantos arcos, grandes e pequenos, muitas lanças de um formato exquisito, virotes, chuços, muitas ferramentas, tres saccos com rosarios, thesouras, navalhas, facas, objectos de folha de Flandres, cordas, cestos de uma factura admiravel, um cãozinho e até uma estola de padre. Ha ainda, além de ontras miudezas, que não vão aqui descriptas, pulseiras, dedaes, moedas de vintem, espoletas, capsulas de cartuchos, fivellas, sendo algumas de prata, e as que se usam em *guatacas*, aros de correntes de prata, muitas qualidades de machinismos de relógio, dentes de animaes e unhas de antas.

O pequeno bugre apprehendido parece ser da tribu dos Botocudos, visto trazer, atravessando o labio superior, uma especie de batoque» (*)

(*) Coube a um distincto escriptor mineiro, o sr. dr. Silvio de Almeida, dar o rebate em vigorosa polemica (no *Estado de São Paulo*, ns. de out. de 1908), contra o que escreveu o notavel professor allemão sr. dr. Hermann von Ihering, actual director do Museo Paulista, no vol. VII, pag. 215, da *Revista* desse Instituto scientifico. Ahi, nada mais, nem menos, se aconselha que isto:

«Os actuaes indios do Estado de S. Paulo não representam um elemento de trabalho e de progresso. Como tambem nos outros Estados do Brasil, não se pode esperar trabalho serio e continuado dos indios civilisados e como os

Nota C

A segunda noticia contém sensatas ponderações do engenheiro allemão, sr. Guilherme Giesbrecht, testemunha ocular das sangrentas *razzias* feitas entre Philadelphia e Aymorés, contra os desgraçados selvicolas do valle mineiro do Mucury.

Eis o artigo do sr. Giesbrecht, trasiadado do *Mucury*, da cidade de Theophilo Ottoni:

«O viajante que percorre essa immensa matta, entre as estações de Pedro Versiani e a de Mayrink, (E. de F. Bahia e Minas) talvez já tenha notado que, quando a machina sãe da estação de Francisco Sá, começa a entra em terrenos apparentemente virgens, mas que já foram habitados.

Embora se tenha notado anteriormente que a povoação já não era muito densa, aqui só se vê um ou outro morador em uma rocinha, pode-se dizer, perdido na floresta. A matta na outra margem do rio Todos os Santos, jaz então magestosa e sinistra.

Porque razão, pergunta a si o intelligente observador, estes terrenos não são aproveitados?

As terras são boas, aguas em abundancia, bonitas cachoeiras! Mas o olhar curioso que investiga esta verde solidão, descobre aqui e acolá capoeiras, manchas de pastagens, arvores fructíferas suffocadas pela vegetação, ruinas de toscas casinhas sepultadas na capoeira verdejante e viçosa. Vê-se que aqui impéra a natureza com todo o seu esplendor e força; os vestigios do homem nestes logares desaparecem debaixo da tropical vegetação. Ella rapidamente recupera o que a mão do homem tentou roubar lhe. E perguntando-se a algum pobre e raro morador porque estas terras tão fortes, aptas para toda cultura, jazem tão abandonadas, elle responderá: «E' por causa dos bugres!»

«São os indios que infestam estas paragens, roubam as roças, matam os animaes e a criação, saqueiam as casas e, finalmente, têm atacado os moradores e a propria conserva da Estrada de Ferro, matando mulheres e homens que o dever obriga a estar nestes logares lugubres. E' uma verdadeira lastima vêr o abandono destas terras tão fortes, que podiam concorrer, colonisadas, para o desenvolvimento desta immensa e rica zona e para o augmento do trafego da Estrada de Ferro! Não ha, por acaso, um meio de por termo a semelhante

Caingangs selvagens são um impecilio para a colonisação das regiões do sertão que habitam, parece que não ha outro meio de que se possa lançar mão, senão o seu extermínio».

Gryphamos as horriveis e deshumanas palavras, que lamentamos terem sahido da penna do douto e conhecido professor tedesco!

(Nota do A.)

situação tão dolorosa? Trata-se de abandonar esta zona, porque o morador indefeso, com receio de ser atacado e os membros de sua família, com a menor noticia do apparecimento dos Indios, trata logo de pôr-se longe daqui, preferindo abandonar seos haveres adquiridos com tanto esforço e com o labor e suor de seo rosto.

As perseguições á mão armada não resolvem o problema.

O indio, que desta lucta deshumana escapa, recorre a seos irmãos da tribu, que tanto mais encarniçados ficam quanto maior fôr a perda que soffrerem, embora se estabeleça apparentemente a paz por alguns mezes.

O vingativo indio não descança, emquanto não sacia a sêde de vingança! Nós temos aqui muitos e muitissimos exemplos e embora *por um colono morram dez selvagens*, os indios sempre voltam, tornando de-sassocegados os pobres moradores desta infeliz zona. Os indios que não trabalham, incapazes de todo esforço que exige perseverança e paciência, temem o desaparecimento da matta pelo machado e pelo fogo e, por tanto, do seo principal alimento—a caça. Cabe aqui a acção do Governo de intervir, garantindo-lhes a subsistencia. A' guisa dos Estados Unidos da America do Norte, das Republicas Argentina e do Chilo, o nosso Governo não obrará desacertado, marcando-lhes uma linha divisoria, um rio por exemplo (aqui, a margem esquerda do rio Mucury), garantindo-lhes por leis especiaes a não invasão pelos colonos. A meio julgar, é o unico meio de acabar com esta situação melindrosa e afflictiva.

Chamem os Indios com meios brandos por alguns *linguas*, convocando-os para este fim, fazendo-lhes vêr a conveniencia de semelhante proposta. Não pensem que se trata de tribus de poucos individuos. A margem esquerda do Mucury, a margem direita até o rio Todos os Santos, as cabeceiras do S. Paulo, do S. Pedro e do S. Miguel, as cabeceiras do ribeirão Mestre do Campo, o rio das Americanas, o rio Pampan, no meio percurso do Mucury e, finalmente, esta matta immensa entre as aguas do Mucury e Jequitinhonha, são povoadas por muitas tribus, embora exparsas, que constituem um constante perigo para os moradores e que são obstaculos consideraveis para a colonisação espontanea deste immenso e rico territorio, por gentes do norte, que se tornam aqui os benemeritos preparadores do terreno, os verdadeiros heróes que desbravam estas mattas, abrindo-as para a cultura e civilisação e que quasi sempre pagam as suas tentativas pela falta de conforto e de alimentos salutaes, e pela absoluta falta de hygiene, com a anniquillação da saude e perda da propria vida.

Só a terceira geração, verdadeiramente, poderá gosar incolume deste clima e da fertilidade destas mattas.

E esta pobre gente ainda lucta com os Indios!

Em nome destes desprotegidos appello para a sabia intervenção do Governo do Estado de Minas.»

Nota D

A catechese de iniciativa official, em Minas, aponta um nome glorioso, nas primeiras dezenas do seculo 19.º: a doce figura do incançavel francez, Guido Thomaz Marlière, o civilizador dos Purys do Rio Doce, o pacificador dos Botocudos do Piracicaba, onde fundou a colonia de Petersdorff. Depois de Marlière, e á excepção de alguns capuchinhos italianos, na Poaya (aldeiamento extinto), na Figueira, ou Porto de Dom Manoel, e hoje em Itambacury (aldeiamento em pé de prosperidade), tal serviço desapareceu... por inutil! Mas vejamos a terceira noticia, muito recente (junho de 1905), e que prova a effi-cacia dos meios brandos e suasorios para por elles se obter a alliança dos selvagens, a sua domesticidade e amor aos brancos. Foi ella dada pelo *Jornal do Commercio*, da Capital Federal:

«Desde o inicio dos trabalhos da construcção da linha telegraphica destinada a ligar os Estados do Maranhão e Pará, em 1895, frequentemente foi o pessoal respectivo atacado por indios bravios localisados entre o Engenho Central e Maracassumé, resultando desses ataques serem assassinadas muitas pessoas empregadas naquelles trabalhos.

Para a repressão desses crimes foi improficua a reacção, quer do proprio pessoal, quer da força estadual, parecendo antes que o seo effeito era exacerbar a ferocidade dos indios.

Em principios deste anno, entretanto, sua attitude foi bastante modificada, trocando-se o antigo processo de repressão dos ataques pelos meios brandos, para captação das boas relações de amizade, convivio e utilidade. Da vantagem colhida pela substituição da brandura á violencia é prova o telegramma que o director geral dos Telegraphos acaba de receber do chefe do districto do Maranhão, comunicando-lhe que os indios, localisados á margem da linha telegraphica, no Alto-Alegre, abriram uma estrada larga e extensa da antiga para a nova residencia, e cuidam com afân da construcção de casas para o pessoal.»

Nota E

De taes factos a unica e logica conclusão a tirar é esta: O Indio só se chega ao contacto com os brancos, com os civilisados, por meios pacíficos. Violentado, perseguido, escravizado, elle reage como póde, pela vingança, pela traição. De quanto póde a brandura para amansal-os, temos um exemplo entre os bugres bravios das mattas do Rio Doce, no municipio do Peçanha (Minas), aos quaes os moradores civilisados da Figueira, de Sant'Anna do Onça, de São Gonçalo do Ramalhete, de S.^{to} Antonio do Chonim, da barra do Suassuhy-Grande, (Acaciaçú) e Suassuhy Pequeno (Aceci-mirim), do ribeirão dos Bugres, da barra do Correntes, da Poaya e de outros pontos da extrema daquelle municipio, foram dando tantas e successivas provas de amizade e boa visinhança, ha longos annos, até que conseguiram captar a confiança desses selvicolas e domestical-os, inteiramente, mais pela

acção do tempo e dos meios suasorios do que pelo brutal e criminoso extermínio. (*)

Naquella zona, só se encontra o bugre indomavel e inimigo de brancos, nas mattas do ribeirão Larangeiras, alem do Cuyethé; e nas solidões do Urupuca, abaixo de Conceição da Poaya.

Na ultima excursão, que fiz ao Peçanha (Agosto 1904), desejei ir á Figueira, a fim de obter elementos para a organização de um Vocabulario desses bugres do Rio Doce. Tive noticia de que alli ainda vivem alguns *linguas*, homens praticos e conhecedores de lidar o bugre, por exemplo, o sr. Adrião Fróes, no arraial de Sant'Anna do Onça, o sr. José Galdino, no povoado de Chonim, e o velho Vicente Lourenço, no Ribeirão do Aldeamento. Tenho em meo poder um manuscripto com um ligeiro vocabulario, que me foi dado pelo sr. Cap.^m Sebastião da Costa Rocha, por intermedio de Meo Pae, o Coronel Candido José de Senna.

Opportunamente, hei de publical-o, na *Rev. do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro*, de que tenho a honra de fazer parte. Mas, fal-o-hei com melhores elementos, depois de realisar a minha projectada viagem ao Rio Doce, onde me prendem interesses de um privilegio para exploração das riquezas mineraes do opulento rio divisor dos territorios de Minas e Espirito Santo.

(*) De Avanhadava (S. Paulo) escreveram ao *Correio da Manhã*, diario carioca, esta carta, em Outubro de 1908 e cuja leitura revolta os corações civilisados e christãos:

« Tomo a liberdade, sr. redactor, de vos pôr ao corrente de algumas occurrencias destas paragens paulistas.

E' horroroso o que praticam os trabalhadores da *Estrada de Ferro Noroeste do Brasil*, entre Bauru' e Avanhadava, com os pobres indios *Coroados*.

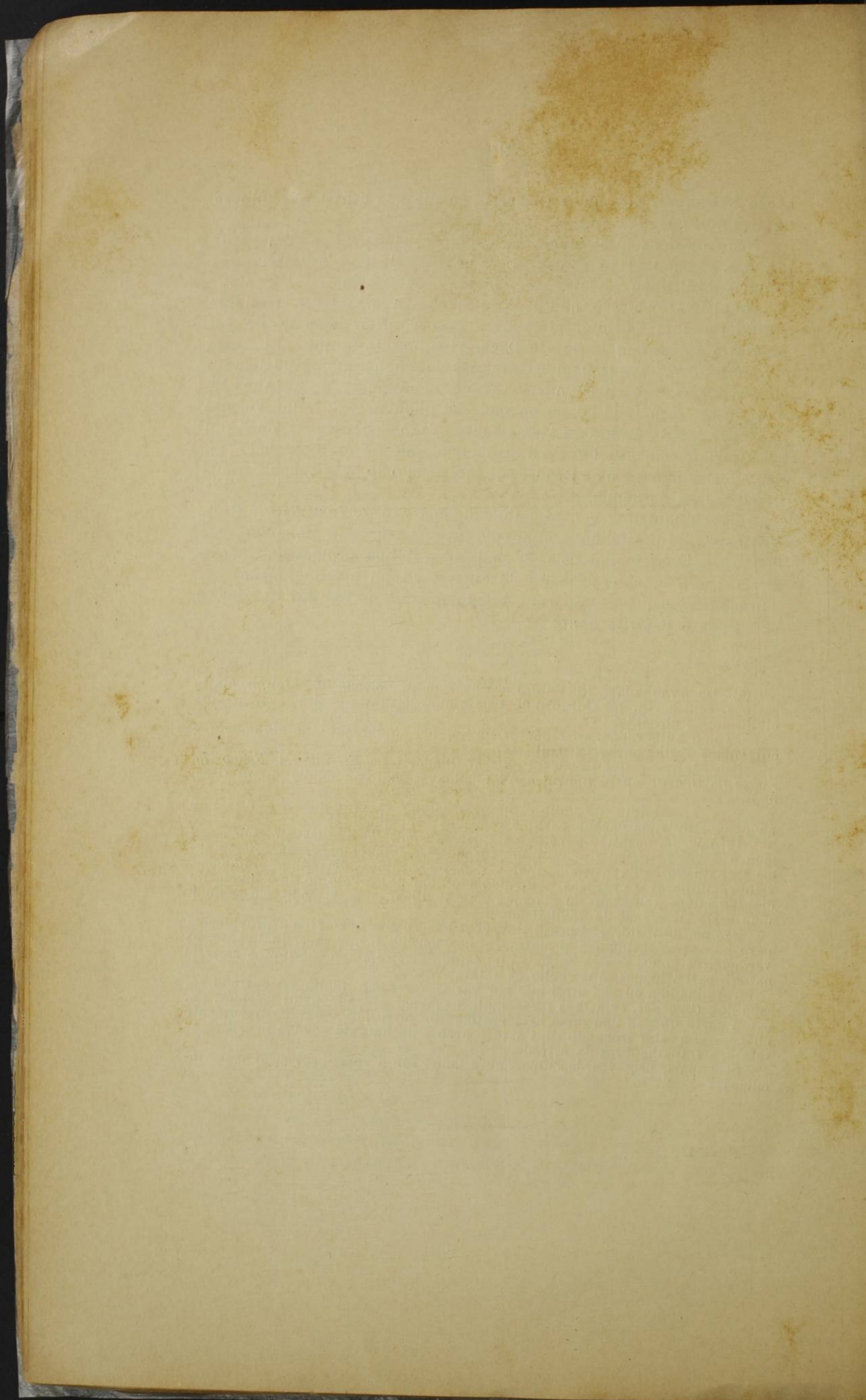
Aqui o assassinio do indio e' uma especie de *sport*, chega a ser mesmo uma divertidissima caçada para os referidos trabalhadores.

Ha dias, na occasião em que os miseros *Coroados* realisavam um casamento, segundo o seu rito, ao que affirmam os entendidos, foram vistos pelos trabalhadores da Estrada, que, a tiros de carabina, assassinaram homens, velhos, mulheres e creanças, poupando tão somente a vida de uma jovem India, de quem abusaram da maneira mais indigna, commettendo em seguida uma serie de scenas de vandalismo.

Isto não e' justo, e o nosso Governo bem podia tomar uma providencia para que não continuasse o massacre dos *Coroados*, que são, finalmente, os verdadeiros donos destes sertões que exploramos, evitando assim os assassinatos e barbaridades, que venho de relatar-vos.

Terminando, eu vos direi que por varias vezes me tenho encontrado em face dos *Coroados*, sem lhes fazer mal, e sem ser atacado pelos mesmos. E, estou certo que, se não fosse esse regimen de terror, os *Coroados* facilmente chegariam á fala, trocando dest'arte o arco e flecha pela enxada e pela picareta dos trabalhadores da estrada.

Sem mais, peço-vos desculpar-me e lanço sob a vossa protecção esses infelizes. »

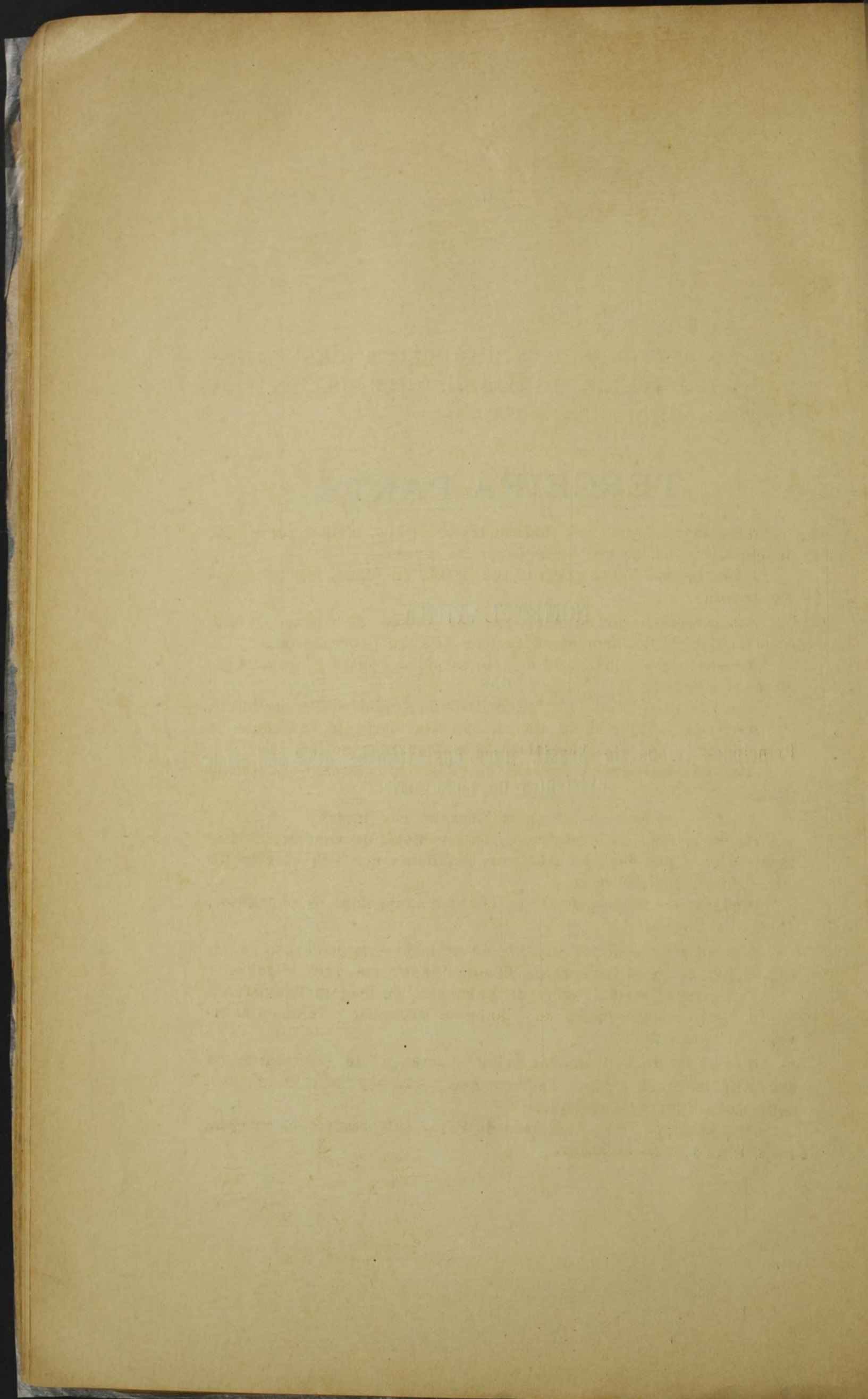


TERCEIRA PARTE

NOMENCLATURA

DAS

Principaes tribus do Brasil, quer das extinctas, quer das ainda
existentes no nosso paiz



Lista, por ordem alphabetica, das principaes tribus do Brasil, quer das extinctas, quer das actuaes.

A

Ababás.—Indios do Estado de Matto Grosso, citados por Milliet de Saint-Adolphe, no seo *Dicc. Geogr. do Brasil*.

Abatiras.—Tribu extincta, no Estado da Bahia, segundo Ignacio Accioli.

Abipones.—Gentio Guaycurú dos sertões de Matto Grosso, cuja tribu foi muito bem estudada pelo allemão Debritzhoffer.

Acawoios.—Indios de origem carahiba, entre a Guyana Inglesa e o Brasil.

Aconãs.—Tribu Cairiry, no Baixo S. Francisco (Pernambuco).

Acroás.—Tapuyas de Goyaz, no Rio Corrente, afluente do Paranahyba. Indios muito valorosos e amansados no sec. 18.^o

Acroás-mirins.—Tapuyas ou Gês, no extremo Norte de Goyaz.

Aicás.—Ferozes indios amazonicos, do rio Uaracá.

Aimborés.—Corruptela do nome Aymorés ou Aimbirés—indios tapuyas da serra dos Aymorés, nas fronteiras dos 3 Estados de Minas, Bahia e Espirito Santo.

Akuêns.—Nome porque são tambem conhecidos os Chavantes, de Matto Grosso.

Amadu's.—Indios goyanos do valle do Araguaya; são de indole mansa como os Carayás da Ilha de Sant'Anna, seos visinhos.

Amanazés.—Selvagens do Maranhão, de origem Tupinambá.

Amapurús.—Indios do Piahy e Maranhão. Tambem se escreve: Anapurús.

Amoipiras.—Chamados pelos Guaranyes de «amboipiri» ou «povo da banda de além». Tambem Amoipiras, segundo Varnhagem, equivale a «parentes afastados».

Ambuás.—Tribu do Estado do Pará, catechizados, na margem esquerda do Baixo-Amazonas.

Ammaniús.—Índios paraenses, de origem tupinambá, valle do rio Mojú.

Anacés.—Índios do antigo Ceará, na serra de Ibiapaba. Anacés significa «quasi parentes».

Anambés.—Tribus tupys do Araguaya e Baixo-Tocantins, no Pará.

Anapurús.—E' a mesma tribu Amapurú, no Piauby e Maranhão.

Andirás.—(os «morcêgos») Índios de tez clara, margens do rio Tapajoz. São noctivagos, nas suas excursões e correrias; d'ahi o nome d'essa tribu amazonica, em lingua tupi.

Anetês.—Tupys impuros do rio Colysêo, Amazonia. Estudados pelos viajantes allemães Herrmann Meyer, Max Schmidt e C. von den Steinen.

Antas.—Povo da tribu tapuya dos Tapiranás, na região do rio Tocantins.

Antis.—Índios descidos dos Andes para a fronteira leste do Perú, na região do Madeira (Cayrari), limites com o Brasil e espalhados pelo Amazonas e Guyanas, onde, crusando-se com os Tupis, os Antis deram origem aos Guaranis, segundo João Mendes. Ercilla, Garcilaso de la Vega e Hervas derivam o nome Antis do nome da cordilheira andina.

Apalai.—Carahybas do extremo Norte do Brasil, região das serras de Parima, limites com a Guyana.

Apantos.—Povos tupis do Brasil, segundo R. Southey, que não dá a localisação de taes Índios.

Apiacás, ou Appiacás.—Índios caçadores e pescadores da bacia do Tapajoz e do Alto-Tocantins, no rio Arinos, E. de Matto Grosso, extendendo-se as malocas dos Apiacás pelos valles do Juruena, Tapajós e Amazonas. Estudados pela expedição Langsdorff, que observou falarem os **Apiacás** a lingua guarany e não o tupi.

Apinagés, ou Appinagués.—Tribus de Goyaz, nos valles do Araguaya e Tocantins. Bellos typos de índios guerreiros, descriptos pelo sr. Oscar Leal, em seu livro—«Viagens pelo centro do Brasil.»

Apinguis.—Tribus do Alto-Tapajoz, havendo outra tribu Apingui, no Tocantins, conforme nos diz Ehrenreich.

Aponegicrãs (ou «os maiores Aponegis»).—Tapuyas do extremo N. de Goyaz, mistura de tribus Gês e Aponés.

Araés.—Grande tribu, quasi extincta, em Goyaz, no rio das Mortes, valle do Araguaya.

Arakuãs.—(Os «jacús pequenos») Temiveis tapuyas da Serra dos Aymorés, entre Minas e Bahia. Foram visitados em 1837, pelo francez Victor Renault.

Arárás.—Tribu carahyba entre o Médio-Xingú e os rios Madeira e Tapajóz, nos Estados do Pará e Matto Grosso. Pertencem ao grupo de Índios da «Mundurucania», nome dado á região amazonica occupada pela nação Mundurucú.

Aranhis.—Indios da região Amazonica, já extintos, bem como os seus aliados, do Rio-Negro, os Caicaizes e Guanarés.

Ararikunás ou Aricumás.—São os indios caraibas do Rio Branco, também chamados Arekunás.

Aranânes.—Tribu das mattas do municipio de Theophilo Ottoni, em Minas. É gentio aliado do Pury.

Ararys ou Ararés.—Extintos: viviam outrora nas vertentes da serra da Mantiqueira, em Minas Geraes, no século 18.º Foram batidos pelos Croatos dos rios Pomba e Chopotó.

Aranás.—Tribus de indios Botocudos do valle do Mucury, em Minas. Da mesma origem tapuya que os Aranânes ou Aranãos.

Aracis.—(Aracy, « sol » ou « orient ») Em Sergipe, no século 17.º, havia uma horda Tapinambá com este nome.

Araunas.—Tribu de Indios mestiçados (sangue Aruak e Tupi), no rio Juruá, Amazonas.

Arekumas, Arukuyanas ou Aricumas.—Tribu indigena, de origem carahyba, do Alto Rio-Branco, no Amazonas; na fronteira da Guyana Inglesa. Vide Ararikunás.

Arinos.—Indios das margens do rio de seu nome, em Matto Grosso.

Aroás.—Indios do Estado do Pará, provavelmente de origem Aruak, como indica o nome da tribu.

Aroboyares.—Horda tupi, citada vagamente por Southey.

Aruans.—Povo selvagem da Ilha de Marajó, no Pará, e cuja civilização artistica está revelada nos ceramios de Pacoval, Santa Isabel e outros, estudados por Domingos Soares Ferreira Penna, sob o ponto de vista linguistico. Vide vol. IX, 1879, dos *Archivos do Museo Nacional*. É povo selvagem já extinto, pois Ferreira Penna só conseguiu vêr, em Marajó, um ultimo Indio Aruân, bem edoso.

Aruaks.—Tambem chamados Aruakis, Aranaks, Aruaquês e Aruaquis ou Aruaquys, Aroás ou Aroaquis. Estes Indios até o sec. 17.º dominaram no Amazonas, do Rio-Negro ao Rio Branco, até a Guyana Inglesa, campos do Pirara, Tacutú, etc. São ferozes inimigos dos Tarumás; e sendo de origem Nu-Aruak, os seus restantes descendentes vagueiam no Baixo-Rio-Negro, odiando ainda o gentio carahyba, seu inimigo de raça, na Amazonia.

Atabás.—Selvagens de Matto Grosso, pouco conhecidos.

Atorais.—Estes Indios são de origem Aruak, ao norte do Amazonas.

Aturarais.—Indios de origem Aymoré, nos Estados da Bahia (rio Santa Cruz) e Rio Grande do Norte (Piranhas).

Aturahíos.—Indios amazonicos do Rio-Negro.

Auetês.—Indios da familia tupi, nas cabeceiras do Ningú e rio Coliseo. Escreve-se tambem Aruités.

Aymorés.—Temiveis selvagens de origem tapuya ou gê, que no sec. 16.º assolaram as capitanias de Ilhéos e Porto Seguro, e

ainda hoje, acoutados na Serra dos Aymorés, perseguem os moradores das visinhas comarcas de Theophilo Ottoni (Minas), Caravellas (Bahia) e São Matheos (Espírito Santo). E' gentio bruto e indomavel. A nação Tapajó foi a vencedora dos implacaveis Indios Aymorés, cujos descendentes sobrevivem desde o sec. 16.^o até hoje, nas Mattas dos rios Mucury e Jequitinhonha e nas faldas da serra do seo nome, como já ficou dito.

B.

Bacaerys.— Tambem chamados Baca hirys, Bakahiris, ou Bacaeris. Indios cuja lingua foi muito bem estudada pelo explorador allemão Dr. Karl von den Steinen, (1884—1888) e vivem nas cabeceiras do rio Paranaatinga, no rio S. Manoel (Matto Grosso) e na região de Xingú (Matto Grosso). São de origem cariba ou carabyba. A commissão allemã de C. von den Steinen e H. von Meyer arrecadou para o Museo de Berlim admiraveis collecções de armas e ornatos dos Bacaerys.

Bacurés ou Goacurés.— Selvagens de origem Guaycurú, em Matto Grosso. São tambem chamados Baccuris e vivem nas margens do rio Arinos. Os Guacurés vivem tambem no Rio Negro.

Banibas.— Indios da Guyana e norte do Pará. O mesmo que Banivas, segundo escrevem certos autores. Vide: Banivas.

Banivas.— Tribu Aruak do Alto-Amazonas, vinda das Guyanas. Os Banivas ou Banibas vivem no valle do rio Ixié e na Guyana Septentrional.

Barbados ou Barbudos.— Antiga nação selvagem de Matto Grosso (no Sipotuba), dos famosos Encabellados, que, como os Guaribas (do Amazonas), se faziam mais ferozes no aspecto pelos cabellos crescidos. O General Mello Rego, entretanto, afirma que os Barbados do rio dos Bugres, afluente do Paraguay, acima de Sipotuba, usam de longas barbas ficticias, feitas com tranças de cabellos de suas mulheres.

Barés.— Indios de origem Nu-Aruak, entre o Brasil e a Colombia e na região das Guyanas, fronteira norte do paiz.

Baure.— Gentio boliviano, que faz correrias pelo Alto-Madeira, no Brasil, e no Baixo-Mamoré. Os Baures são de origem Nu-Aruak, como os já citados Banivas e Barés.

Bilrêiros.— Nome dado pelos portuguezes aos Cayapós, (por causa dos grandes porrêtos com que andavam armados estes Indios). Os povos tupis appellidavam os Cayapós de Ibirájaras ou Ubirájaras. Estes Indios faziam correrias nos sertões confinantes da Bahia e Goyaz até Matto Grosso. Jesé de Alencar immortalizou os dous ap-

pellidos indigenas: «Ubirajára» e «Guarany», nos seus famosos romances indianos, que têm esses nomes.

Birapaçárapás. — Indios do Sertão [de Matto Grosso, até hoje pouco conhecidos.

Bonaris. — Indios carahibas, da embocadura do Rio-Negro (Baixo-Amazonas.)

Borórós. — Indios da região entre o Alto-Paraguay e as cabeceiras do Araguaya (Matto Grosso e Goyaz). Os Cabaças do Alto-Paraguay, os Bororós mansos do rio Cuyabá, os Bororós-Coroados de Goyaz, provêm todos da nação Bororó.

Os destemidos Bororós-Coroados das cabeceiras dos afluentes e de todo o valle do rio S. Lourenço (em Matto Grosso), raspam os cabellos em torno da cabeça e deixam no alto do craneo um monte ou corôa de cabellos durissimos e espetados; dahi o seu nome de Indios Coroados. Foi com o auxilio dos Borórós que os Paulistas subjugaram, em Matto Grosso, na primeira metade do sec. 18.^o, as tribus dos Araés e dos Cayapós. Estão sendo catechizados pelos Salesianos.

Bororós-Coroados. — Indios meio civilizados e caçadores (de Goyaz e Matto Grosso), no valle ou cabeceiras do Araguaya, no Alto-Paraguay e no Cabaçal. Sob a catechese dos P. P. Salesianos, actualmente. (Vide Bororós).

Botocudos. — (por causa do batoque, «tembetá» ou «metara» de ossos, seixos e pedras de côros, nos labios). Nome por que em Minas Geraes e outros Estados se designam os selvícolas. Os de Minas têm sido bem estudados por A. Saint-Hilaire, Diogo Per.^a de Vasconcellos, Hermenegildo Barbosa, Jorge Schieber, Victor Renault, Martinot e outros.

Bucobu's. — Indios do Maranhão. Vide o nome Bus.

Bugres ou Burungs. — Designação generica das hordas e tribus Gês ou Tapuyas do sul do Brasil, conforme a classificação dos sabios allemães, Carlos Fried. Phil. von Martius e Carlos von den Steinen. Dominam os bugres em Minas Geraes, Espirito Santo e Bahia, nos valles dos rios Doce e alguns de seus afluentes, Mucury, Itambacury e Jequitinhonha, e tambem em S. Paulo (Tieté, Paranapanema), Paraná e S.^{ta} Catharina, da Serra do Mar para o interior.

Soffrem ahi constante assalto dos brancos, em vindicta e desforra das correrias e depredações, que, a seu turno, effectam os Indios nas terras apossadas e desbravadas pelos colonos. Vide *Appendice*, nota A, in fine, e seguintes.

Burungs. — Nome correspondente ao de Bugres, na pronuncia carregada dos colonos allemães, em Santa Catharina, segundo refere Capistrano de Abreu, no cit. *Liv. do 4.^o Cent. do Bras.*

Bus. — Indios que, antigamente, existiram no Maranhão; eram de origem tapuya, ou caribbeas, e delles ainda descendem, conforme

Buscaleoni e Ehrenreich, os indios Bacóbús, ou Temembús, naquelle Estado do Norte do Brasil.

C

Cabações.— Tribu do Estado de Matto Grosso, no rio Cabaçal, affluente do Paraguay, proveniente de um ramo da nação Bororó, ido para o Alto-Paraguay.

Cabaibas.— Indigenas de Matto Grosso, nas margens do rio Arinos.

Cabixis.— Indios do valle do rio Cabixi (Alto-Guaporé) e que, em 1877, assolaram e destruíram alguns arraiaes da ex-provincia de Matto Grosso. Os Cabixis se dividem em Cabixis bravos (ao norte de Villa-Bella) e Cabixis mansos, nas cabeceiras dos affluentes do Guaporé. A distincta senhora brasileira, D. Maria do Carmo de Mello Rego e seo marido, o General Mello Rego, dão noticias desses Cabixis; bem assim, o dr. Caetano de Albuquerque, na sua *Ochorogr. de Matto Grosso*.

Cabirés.— Indios de Matto Grosso, na comarca de Villa Bella, valle do Guaporé.

Cadiués.— Tribu do Estado de Matto Grosso, bem descripta por Taunay, que nas *Historias Brasileiras*, tambem cita os Beaquiés, pag. 140.

Caetés.—(Cahetés, Caethés ou Caytés)—Estes tupis dominavam mais de 100 legoas da costa, desde Penedo, na foz do S. Francisco (Alagoas), até a Parahyba do Norte. Devoraram o 1.º bispo do Brasil, D. Pedro F. Sardinha e muito deram que fazer aos donatarios de Pernambuco, desde os tempos de Duarte Coelho (sec. 16.º).

Cahãs.— (*Caa-an* — o homem do matto) — Tribu do Estado de Matto Grosso, nos rios Escopil, Iguatemy e Miamaiá. São Indios agricultores e mansos.

Cahiapós ou Cayapós.— Tambem chamados Bilrêiros pelos Portuguezes. Indios do Alto-Araguaya, em Matto Grosso. Além do que sobre elles dissemos (vide Bilrêiros), juntaremos que foram bem estudados pelo brigadeiro J. J. Machado de Oliveira.

Caicaizes.— Indios Tupis do Amazonas e que com os Araphis e Guanarés formavam algumas missões do rio Negro, no seculo 18.º

Caingangs.— Indios entre São Paulo, Matto Grosso e Paraná, muito bem estudados pelo dr. Hermann von Jhering, Dir. do Museo Paulista do Ipyranga.

Cainguás ou Cayuás.—Tupis de Matto Grosso, no rio Paraguay e baixo e medio-Paraná.

Caióvas ou Caiuvás.— Tribu tupi de Matto Grosso, simplesmente mencionada por Sainte-Adolphe, op. cit.

Cairiris, Cairirys ou **Carirys**.—Vide o nome Kiriris, onde damos a descripção desses Indios do Norte do Brasil.

Camacans ou **Kamaquãns**. — Tribu Gê ou Tapuya, extincta, no Rio Gr. do Sul. Camacãns ou «cabeças enroladas». Ha no Estado do Rio Grande uma cidade: S. João Baptista de Camaquan.

Camaraxós.— Tribu extincta da Bahia, entre a serra de Ay-morés e os Ilhéos, na costa.

Camayurás. — Tribu tupi descoberta, em 1887, por C. von den Steinen, nas cabeceiras do rio Xingú.

Cambévas ou **Cambivas**.— Tribu do Pará, até hoje mal conhecida.

Cambébas, Cambébùs ou **Omaguas**. — Tribu tupi da nossa fronteira com o Perú e que nada tem com os anteriores Cambévas paraenses, embora quasi homonymas as duas tribus.

Camés.— A' nação Camé e á dos Caingang se dá o nome colectivo de Coroados, que são os Bugres de S. Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Vide Bugres e Burungs.

Camecrans ou **Camicrãns**.—Estes são os selvagens maranhenses do grupo dos Cran, que ainda abrange naquella Estado (Maranhão) os Pocamekran, os Macamekran e Aponegieran.

Canamarés.— São Indios do Rio Negro, Estado do Amazonas.

Canarins. — Gentio de origem Goitacá, no rio Caravellas, (Bahia) antigamente.

Canikrans.—Selvagens de Goyaz, do grupo dos Crãns ou Gue-reogs; vivem no Araguaya e Tocantins e se chamam Camecrans, no Maranhão.

Canéllas.— Tribu gê ou tapuya do Maranhão colonial, onde ainda hoje restam selvagens della descendentes, os Acobú ou Gamella, os Timbira ou Canella, etc.

Canoeiros. — Indios do Alto-Araguaya, em Goyaz e Matto Grosso.

E' nome generico, dado aos selvagens que navegam os rios em *pirogas, ubás e igaras*. Assim os Carayás, ou Iguarunas, os Tocantins e os Chavantes.

Canixanás.— Selvagens Nu-Aruaks do rio Içá, no Amazonas, na fronteira de Noroeste do Brasil.

Cantários.— Indios de Matto Grosso, fronteira Boliviana.

Capepuxis.— Indios de Goyaz, na região do Araguaya.

Capoxós—Indios Goitacazes e que outr'ora dominavam a região sul da Bahia e norte de Minas.

Caraetês—Indios do Maranhão, talvez tapuias, como os Caragés, Caractagés e outros.

Carajás ou **Karajás**— Tribu da margem dir. do Araguaya e no Xingú, sendo que no Pindaré (Estado do Maranhão) vivem os chamados Carayás, no valle do Mearim.

Caracahys—Indios bravos do Mearim, no Maranhão, Estado onde ainda hoje é grande o numero de selvicolas não catechizados.

Caragês—Indios do Maranhão, muito semelhantes aos Caractês. Os Pes. Ivo d'Evreux, Claudio d'Abbeville e Antonio Vieira, Berredo, Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa e o dr. Cesar Marques bem estudaram os selvagem Maranhenses.

Carahós—Indios dos sertões do Maranhão, citados por C. Hartt, em um trabalho sobre Ethnologia, nos «Archivos do Museo Nacional».

Caractagês—Indios do Maranhão, de provavel origem tapuia, como os Caractês e Caragês.

Caraiays—Indios amazonicos, inimigos irreconciliaveis da tribu dos Manáes, no baixo Rio Negro e na Guyana. Escreve-se, indifferentemente: Cariays, Caraiays ou Carahiahys.

Carajá-is—Tribu Cayapó do Araguaya, referida por Couto de Magalhães, n' *O Selvagem*.

Carahibas (Caraiabas, Caribas ou Carahybas)—Grupos de indios, que dominavam as Guyanas, a costa norte da America do Sul e as Antilhas, constituindo uma familia linguistica bem estudada por Sapper, Carlos von den Steinen, Max Schmidt, Ehrenreich e outros ethnologos allemães.

Carahiahys—Indios do Estado do Amazonas, na margem esquerda do Rio Negro, região Guyanica. Vide Caraiays.

Carapotós—Indios Cariris, do Estado de Alagoas. Foram catechizados, na serra de Communati.

Carayás—Tapuyas do vallo do Xingú e tambem em Goyaz e Maranhão, na região do Araguaya. Chamam-se tambem Carajás. Acampam á marg. dir. do Araguaya e no Pindaré. Vide nome Carajás.

Caribócas—Caboclos mestiçados de indios e brancos. De *cariú* e *oca*: quer dizer «tirado do branco»; ou de *Caríb* e *oca*: quer dizer—o «cariba alceiado».

Carijonas—Indios carahibas do Alto-Japurá, na Amazonia.

Carijós—Estes indios no sec. 16.^o dominavam 70 legoas da costa, desde Cananéa até a Lagoa dos Patos, e o interior de Santa Catharina e Rio Gr. do Sul. Os Carijós resultaram do cruzamento dos indios Goia com os Cariba ou Carib, além do Amazonas, d'onde emigraram para o sul do paiz.

Carinás—Indios de côr quasi branca: vivem na Amazonia.

Cariócas (de *Cariu-óca*)—O mesmo que Carijós. Carióca é contracção de *Caribóca* e ficou appellidando o gentio Carijó da costa fluminense (bahia de Guanabara e Nychteroi), no sec. 16.^o

Caripainas—São indios do grupo Pano e não Tupi: habitam a região média do rio Madeira.

Caripúnas—Estes indios e os seus affins, Cericúnas e Tarumás, vivem esparsos na bacia : mazonica, região do Norte (Rio Branco).

Cariris, Carirys ou Kariris—Indios do antigo Ceará. Escreve-se tambem o seu nome assim : Kirirys (significa os «tristo-

nhos»). Sua lingua é conhecida. R. Southey os chama Cararins, da serra da Ibiapaba. Vide os nomes: Cairiris e Kiriris.

Cataguás — Temiveis indios da região do centro, oeste e sul de Minas (*Catú-aúá*, gente boa), nos seculos 17.^o e parte do 18.^o Muito deram que fazer aos bandeirantes paulistas. Esses indios Cataguá, descendentes de uma das hordas Tremembés, que do Jaguaribe (Ceará) vieram ter ao sul do paiz, nos valles do Alto-São Francisco e Rio Parahyba (entre Goyaz, Minas e São Paulo), foram os dominadores temidos da região das Minas Geraes, aquem do planalto da Mantiqueira. Os paulistas das bandeiras e os indios de alem da Mantiqueira, em S. Paulo (valle do Parahyba do Sul), eram para os ferozes Cataguá a gente ruim e inimiga (*Puxi-aúá*); porem os sertanistas queriam romper o paiz encantado do ouro, e, com o auxilio da nação Tremembé, foram repellindo, no sec. 17.^o, os selvagens Cataguá do Sul (Sapucahy e Rio Grande) para Oeste de Minas, (Rio das Mortes, Piumhy, Tamanduá, Abaeté). Uma bella cidade da matta mineira, Cataguzes, e um logarejo do municipio de Prados, perto de Lagôa Dourada (Cataúá) guardam a memoria dos bellicosos indios Cataguás, dominadores do territorio de Minas, na epoca das primeiras invasões paulistas (sec. 17.^o). A capitania mineira chegou a ser chamada «Minas Geraes dos Cataguás».

Catanisis — Indios Nu-Aruaks, das margens do Joary e Jurúá, na Amazonia.

Catauxis ou **Catauhixis** — Tribu do Estado do Pará, outr'ora nas margens dos rios Madeira, Coary e Purú ou Purús. São ichthyophagos e passam mais tempo em barcos do que em terra.

Catianas — Também chamados Manatenerys, vivem no Alto Purús (Amazonas).

Catukinas — Selvagens do grupo Nu-Aruak, no rio Purús. Escreve-se também Catoquinas.

Caverres — Indios do Orenoco, estudados por Gumilla, Herrera e Hervas. Ficam entre Venezuela e o Brasil.

Cayapós — Indios da região do Araguaya e de Matto Grosso, Goyaz e Bahia. Foram bem estudados pelo brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira. São os mesmos Bilreiros ou Ubirajaras. Vide os nomes: Bilreiros, Cahiapós, Ibirajaras ou Ubirajaras.

Cayuás — Indios do Paranapanema, estudados por Mons.^{or}. Claro Monteiro do Amaral. Vide o livro — «Usos e costumes dos indios Guaranyes, Cayuás e Botocudos». Mons.^{or}. Claro Monteiro morreu nos sertões do Baurú (S. Paulo), victima dos indios, em 1900.

Cericunás — Indios amazonicos, muito perseguidos pelos ferozes Muras. Vivem na bacia do Rio Branco. Já estão bastante reduzidos em numero, como em geral acontece a todas as tribus amazonicas, cada uma das quaes mal excede de 100 individuos.

Chacriabás ou **Chieriabás** — Dominavam na Bahia, Pernambuco e Goyaz, onde eram inimigos encarniçados dos Acroás.

Chambioás ou Xambioás—Índios muito bellicosos do Baixo Araguaya. São de nação Carayá e pertencem aos Gês do Brasil Central. Couto de Magalhães com elles conviveo, no Araguaya.

Chamococos—Selvagens do Matto Grosso, na fronteira boliviana, com o departamento de Sta. Cruz de la Sierra. Vagueiam os Chamocôcos (do grupo Guck ou Côco, d'e von Martius), entre Bahia-Negra, Albuquerque e Corumbá.

Chanés—Tribus mansas em Matto Grosso, de uma só nação, porém divididas em 4 povos: Terenos, Layanos, Kinikinãos e Guanás, segundo Taunay, que com elles conviveo, em 1865.

Charrúas—Índios Tapuyas do Sul, que dominaram, nos seculos 16.º e 17.º, toda a costa desde a Lagôa dos Patos até o Iguassu (Rio da Prata). Ainda existem em Goyaz. Constituem os Charruas um grupo ethnographico aparte, nas tribus do Brasil, conforme opinam alguns ethnologistas, que não os consideram de origem Tapuia ou Gê.

Chavantes ou Akuens—Índios de Goyaz, na parte central deste Estado, entre o rio Manoel Alves Grande e o Tocantins. Esses arrojados índios Canoeiros ou Chavantes discorrem ainda pelos vizinhos sertões do norte goyano e sul do Maranhão. Vide o nome Akuens.

Cherentes ou Xerentes—Índios guerreiros do Araguaya, em Goyaz, entre os rios Preto e Maranhão.

Chieriabás.— Tapuyas do baixo São Francisco, antigamente, desde a Bahia até Pernambuco. Vide Chacriabás.

Chimanos.— Tribu tupi da Amazonia, no rio Javari (ant. Hia-bari), na marg. direita do Amazonas. São dos tupis occidentaes.

Chirianás.— Estes índios amazonicos vivem nos rios das Coêiras e Mamiméo, afluentes do Demeúne, no Uaracá.

Chiriguanos.— Índios da região do Alto-Madeira, entre o Brasil e Bolivia, no Rio Beni.

Chorós.— Índios do Ceará, do grupo dos Kiriris (os «tristonhos»). A elles se referem Figueira, Moreno, Alencar, Studart, Brigido e outros chronistas do Ceará.

Cocamas ou Kocama.— Índios do rio Solimões, na fronteira com o Perú.

Cocorunas.— Índios do Pará, na fronteira do Estado do Amazonas. Extinctos.

Coerunas.— Índios do grupo Miranha, segundo Ehrenreich, no rio Japurá, na Amazonia.

Coroados ou Croados.— Selvagens bellicosos em Matto Grosso, no Araguaya, e no Paranahyba, entre Minas e Goyaz. No rio S. Lourenço, na margem direita, fundou-se ha annos uma colonia para a catechese dos Coroados. Parece que os celebres índios Croatos (das Minas Geraes, sec. 17.º e principios do 18.º) d'elles procediam.

Coropós.— Índios de origem Goitacá e que até principios do sec. 19.º, dominavam, em Minas, os sertões dos rios Pomba e Muriabé, ao sul, Mucury e Jequitinhonha, ao Norte.

Coropoxós.— Dominaram em Minas e Bahia, sec. 18.º Extinctos. Eram descendentes do gentio Goitacá os indomitos Patachós os Coropoxós, os Croatos ou Corcados, os Coropós, os Camaraxós e outras tribus entre Minas e Bahia.

Cotoxós ou Gotochós.— Tapuyas da Bahia e Espirito Santo, entre o Baixo-Mucury e a Cordilheira dos Aymorés.

Coxiponés.— Tribu indigena de Matto Grosso, submettida e dizimada pela bandeira do paulista Antonio Pires de Campos, em 1718.

Craik-Mús ou Kraik-Mús.— Indios Tapuyas do Baixo Jequitinhonha, entre Minas e Bahia, estudados, em 1836, pelo D.^r Victor Renault.

Crãns (*Cran* — quer dizer «o maior»). Os Crans e os Gês formam na classificação de Martius um grupo (o 2.º) mais numeroso que o dos tupis-guarany. Nos valles dos rios Tocantins e Araguaya, estão os Crãns puros, como já vimos em differentes tribus do norte de Goyaz e sul do Maranhão.

Crêns ou Krens.— Indios conhecidos tambem por Guereogs e formam o 4.º grupo ethnographico do Brasil selvagem, conforme a classificação de Carlos von Martius.

Creúses.— Selvagens do Maranhão, na região do Gradahú, por elles assolada varias vezes.

Crixás.— Indios de Goyaz, no rio do seo nome (valle do Araguaya). Em Minas, tambem, havia Crixás (Rio Doce). Vide: Krichás.

Crixanás, Crichanás ou Krichanás.— Indios Amazonicos do rio Uauperi, affluente do rio Negro, pacificados por Barbosa Rodrigues, em 1885. Chamam-se tambem Kirischanás, Quirixanás ou Krichanás, Guaribas ou Guaharibos. Vide taes nomes, nesta *Nomenclatura*.

Croatos.— Estes Indios Croatos e os Puris de origem tupi, se installaram no valle do rio Pomba (região da Matta Mineira), de onde, acommettidos pelos Goitacás do Rio Muriahé e pelos Carijós (da região entre Barbacena e Queluz), foram se internando pela região mais a leste (Chopotó e Piranga), nas fontes do Rio Doce. O gentio Croato dominava a região de Ubá, serra de S. Geraldo, Rio Pomba, Rio Branco, Viçosa, Piranga, Alto-Rio Doce, em Minas. A cidade do Pomba se chamava «Aldeia de S. Manoel dos Croatos»; a cidade mineira de Queluz, «Conceição dos Carijós». Nos municipios do Pomba e Ubá ainda existem poucos indios mansos de origem ou sangue Croato e Puri. Os arraiaes de Guirany e Tocantins, nesses dois municipios mineiros, recordam nomes indigenas. Alguns contestam a procedencia Waitaká dos Croatos de Minas e os ligam ao gentio Coroadado de Goyaz.

Cuchluáras.— Indios do Baixo-Amazonas, denominados tambem Zurinas e Capurinas, aldeiaados pelas Missões jesuiticas do sec. 18.º

Cumanaxós ou Camanaxós.— Feroz gentio, de origem goitacá, e que dominava, no sec. 18.º, a região bahiana dos rios Pardo e de Contas.

Cupinharós.— Selvagens do Maranhão, pouco conhecidos.

Curatis.— Índios tupis, extintos, da cordilheira de Ibiapaba, ao norte do Brasil, entre Ceará e Piauí.

Curemas.— Índios do Norte do Brasil, do grupo Cariry ou Kiriri.

Curetús.— Índios do grupo Miranha, entre os rios Içá e Japurá.

Curumarés.— Gês ou Tapuyas do Estado de Goyaz, na Ilha de Sant'Anna ou Bananal (formada por 2 braços do rio *Araguaya*). *Curumaré* quer dizer «o sarnento», por causa da molestia da pelle, que os persegue. Escreve-se também: Curamarás.

Cururús.— Índios do valle do Araguaya, e são alliados dos Curumarés ou Sarnentos.

Custenáus ou Kustenãos.— Índios do Alto Xingú e do Purús. São de origem Nu-Aruak.

D

Danixéos.— Índios de origem Guaicurú, no Est. de Matto Grosso, segundo o Almirante A. Leverger (Barão de Melgaço).

Dapatarús.— Índios originarios do Amazonas (rios Urubú e Uatamá), muito perseguidos do gentio Jatapú, e que se estabeleceram na ilha de Saracá, onde mais tarde seos descendentes civilizados povoaram a Villa de Saracá ou Silves. Os Dapatarús são índios Aroaquis (Nu-Aruak).

Demacurís.— Tribu indigena das margens do rio Caburi, valle do Rio Negro (Estado do Amazonas), segundo Milliet de Saint-Adolphe, vol. I, pag. 324. Dos Damacurys proveio, quando civilizados, a população mameluca de São Pedro do Rio Negro.

Dorins.— Tribu de índios paranaenses, dos sertões de Guaraçuava, aldeados á margem do rio Dorim, e inimigos irreconciliaveis do gentio Camé.

E

Enaucuçuas.— Tribu de selvagens carahibas do rio Xingú, entre Pará e Matto Grosso.

Encabellados.— Tribu guerreira de Índios Tapuyas, dos Estados de Matto Grosso e Pará, celebres pelos seos cabellos muito bastos e enrolados em tranças pelo corpo.

F

Farranchos.— Nome dado aos Indios do antigo «Aldeamento de N. Sra. da Boa Viagem do Farrancho», na margem direita do rio Jequitinhonha e em territorio da freg. de São Miguel, na comarca de Arassuahy.

Esses indios do Farrancho [se] civilisaram, bem como os Ararys, seos vizinhos, no extremo norte de Minas, e levam os seos descendentes uma existencia pacifica, entretidos na caça, pesca e rudimentar industria, exportando rêdes de *tucum*, *embira* e algodão, cordas, pe-neiras, cestas, remos, varas de canôa e outros artigos do seo commercio com as populações dos arraiaes mais proximos.

Formigas ou Içás.— Tribu de Puris, de Minas e Bahia, comedores de *tanajuras*. Os Formigas da Bahia eram do littoral, entre os rios Santa Cruz e Doce, e de nação Patachó, dominando o littoral até o Espirito Santo.

G

Gabibis.—São povos carahibas do extremo norte do Brasil, na fronteira com as Guyanas.

Gaciás.— Indios matto-grossenses, já extinctos.

Gambélas.— Estes Indios ainda habitam as aldeias de São José e São Pedro, no alto rio Ourém (Est. do Pará), onde a sua catechése está confiada aos Missionarios Franciscanos, italianos, do Instituto de Ourém, villa paraense proxima áquellas duas aldeias. Esses indios Gambélas pertencem ás tribus chamadas do Guamá e Cachoeira, são morigerados e trabalhadores, diz *A Alvorada*, periodico de Ourém (outubro de 1908).

Nas opulentas mattas espalhadas pelo Alto-Gurupy e Praia Grande, rios Capim, Caeté e Irituia vagueiam indigenas bravios, de indole menos branda que os Gambélas do rio Ourém. O *tucháua* dos Gambélas, actualmente, se chama José Manoel Felipe e é um moço creado e educado no seio da população civilisada.

Em meados de 1908, os moradores do mun. de Irituia fizeram correrias e massacre entre os indigenas do Itabocal de Irituia, para se vingarem de algumas depredações destes.

Gamellas.— Antigos bugres do Maranhão, de que ainda são representantes os Indios Acobús, de origem tupinambá, segundo o explorador Buscaleoni.

Gaviões ou Cricatagés.— Indios pouco conhecidos do Estado do Maranhão, talvez de origem tapuia como os Caragés e Caractagés. Vide estes nomes.

Gayapás.— E' uma tribu citada por Southey, juntamente com as dos Guaxixos ou Guachichos, Guaguanas, Guanarés e Goacurés

Porém, Rob. Southey não localisa esses Índios do Brasil, nem delles dá maiores informações, na sua *Hist. do Bras.* vol. I, pags. 318 e 319.

Gaymures.—Nome dado aos Aymorés da Bahia, nas chronicas colonias (Gandavo, Rocha Pitta, Vasconcellos...)

Geicós.—Povo tapuya do Est. do Piahy, nos valles dos rios Gurgueia e Canindé. Parece que são os mesmos Jaicós, de quo ha no Piahy uma cidade, conservando-lhes o nome.

Gês.—São os Tapuyas. O nome Gês lhes foi dado pelos alle-mães von Martius e Paul Ehrenreich, devido á frequencia com que apparece na lingua das tribus Tapuyas a palavra *Gês*. Escreve-se tapuia ou tapuya.

Giporócas.—(«arrebentam machados»). Nome colonial dos Indios Gyporoks (Minas). Vide Gyporoks.

Goianás.—Vide: Guayanazes. O dr. H. von Ihering publicou sobre elles um excellente trabalho: «Os Guayanás e Caingangs de S. Paulo».

Goitacás.—Tambem chamados Goytacazes, Guaytacazes, Waitakás. O gentio Guayatacá (significa o «corredor ou *batedor do matto*»), occupava a região da costa desde Rerigtiba (Benevente), no Espirito Santo, até o cabo S. Thomé (Est. do Rio de Janeiro). Segundo Couto de Magalhães, se dividia em: «Goitacá-Camopi, Goaitacá-guaçú e Goitacá-jacoritó». Todo o valle fluminense e mineiro do rio Parahyba do Sul era por elles occupado. O seo nome ficou á cidade de «Campos dos Goitacazes.»

Gorotires.—São Indios do Brasil Central, alliados ás tribus Cayapós (Matto Grosso). Vide Guariterês.

Goyaz, Goyás ou Goiá.—Gentio que deo nome ao Estado de Goyaz. D'elle procedem outras nações selvagens, os Goia-ná, os Goia-ta-ká, etc., que resultam dos successivos cruzamentos do Goiá com o Tupi, com o Tapuia, etc.

Gradahus.—Selvagens bravios do Maranhão, onde ainda hoje perseguem a população branca, no Tocantins.

D'elles dá noticia o general Couto de Magalhães, que os classificou como Cayapós. Vide uma nota no *Appendice*.

Groahiras.—Indies da antiga capitania do Rio Gr. do Norte, d'onde foram alijados pelos Potiguáras, na era colonial.

Guaiakis.—Indios das margens do rio Paraguay, em Matto Grosso; são caçadores e falam um dialecto do *abaneenga* ou guarani.

Guaicumãns.—Antigos selvagens do Rio Gr. do Sul. Reduzidos nas guerras com os Tapes e Charruas.

Guajájaras.—Indios guerreiros do Maranhão, alliados ás tribus dos Guajarás, Guapindaías e outras. Os Guajájaras pertencem á familia dos tupis septentrionaes e vivem no Balxo-Araguaya, segundo Couto de Magalhães refere. Eram inimigos dos caribócas e tapuias da costa maranhense.

Guajarutas.—Indios bravos do rio Guajarú, em Matto Grosso.

Guajaras.—Selvagens tapuyas dos Sertões ao Norte do Maranhão, e que emigraram até o Pará, cuja capital é banhada pela bahia de Guajará, tradição do nome dessa tribu tapuya.

Guajirus ou Goajiros.—Indios Aruaks descidos da Venezuela para o Orenôco, d'onde se passaram ao Amazonas.

Guanahãs.—Tribu Gê ou Tapuya, do grupo Caingang, e que em Minas acampava na bacia do Rio-Doce, no valle do Guanhães, que tira o seo nome (principios do sec. 18.º) d'esses Indios Guanahãs, segundo observação propria nossa.

O viajante francez Sainte-Hilaire se refere a essa tribu. Além do rio Guanhães, temos em Minas a cidade de S. Miguel de Guanhães, no valle do referido Guanhães, tributario do Santo Antonio, por sua vez affluente do Rio-Doce.

Guanás.—Alliados dos Chanés, em Matto Grosso; e sobre os seus usos e costumes escreveram o Sargento-mór Ricardo Franco de Almeida Serra, o Visconde de Taunay e o Coronel Galdino Pimentel, como se pôde ver da *Rev. do Inst. Histor. e Geogr. Brasileiro*. No Maranhão ha tambem uma tribu Guaná.

Guapindaias.—Indios do Maranhão, de origem tapuya, alliados da tribu dos Guajajaras.

Guaranys—(«os guerreiros»). Dominavam a costa meridional, desde Cananéa até o Paraná. Sua lingua, o *abaneênga*, foi muito bem estudada pelos Jesuitas Montoya e Restivo, e pelo mineiro dr. Baptista Caetano de Almeida.

O Conego João P. Gay sobre elles escreveo bastante, referindo-se aos Guaranys do Paraguay. No Rio Gr. do Sul, os Guaranys cruzaram-se com Tupis e Antis e talvez com os Tapes, Charrúas, Minuanos e Butucaris.

Guarayos ou Guarajós.—São do grupo dos Tupis occidentaes, em Matto Grosso (valle do Mamoré), nos limites com a Bolivia.

Guaribas.—Estes selvagens são os mesmos Crichanás ou Guaribas-Tapuyas do Amazonas, descriptos por Barbosa Rodrigues como usando caudas ou rabos e barbas postiças, provenientes dos pêllos de certos animaes (guaribas, mônos, macacos, goarás, etc.) Vivem nos rios Jauaperi, Uirabiana e Negro, extendendo o seo dominio desde Mui-rapinima, abaixo de Ayrão, pelos rios citados e pelo Uererô e Uaracá, até o Rio Branco, no Estado do Amazonas. Chamam-se tambem Guaribos. Vide op. cit., «*Rio Jauapery—Pacificação dos Orichanás.*»—Rio, Imprensa Nacional, 1885, 274 pags. in. 8.º.

Guariterês.—Indios de Matto Grosso, ao passo que os Guarinos são uma tribu de Goyaz. Os Guariterês ou Guriterês vagueiam nas mattas do Xingú.

Guarulhos.—Selvagens de origem goitacá, no baixo Parahyba, entre Macahé e Campos dos Goitacazes (sec. 18.º).

Guaru's.—Nome dado aos Guarulhos do Rio do Janeiro, onde, perto de Campos, ha ainda uma povoação de Guarulhos.

Guatós.—São Indios do rio S. Lourenço, em Matto Grosso, fronteira do Paraguay. O nome Guatós quer dizer «Navegadores» e vivem e moram em suas canôas, formando um grupo amphibio, como os Catauxis do Pará.

Guayanazes.—Tambem chamados Goyanazes, Goianás ou Guayanás. Estes bugres de origem antes tupia do que tupi, dominavam a capitania de S. Vicente (S. Paulo), desde Angra dos Reis (Ocaruçú) até Cananéa, ao Sul. Seu papel foi importantissimo na colonisação, porque da alliança do sangue goianaz e portuguez provieram os famosos mamelucos e bandeirantes paulistas. Couto de Magalhães, Machado de Oliveira, Frei Gaspar da Madre do Deos e outros os estudaram muito bem.

Guaycuru's ou Waycuru's.—O gentio Guaicurú (dos confins de Matto Grosso com a republica do Paraguay) se divide em Lengúas e Mbaia. São os famosos Indios Cavalleiros, tão fortes quanto corpulentos, do sudoeste do Brasil, no Alto-Paraguay, nos campos da Vaccaria, ao norte do Yguateiny. Emquanto o gentio Payaguá hostilisava, nos rios, os bandeirantes do sec. 18.º, o Guaycurú por terra atacava os sertanistas em guerra cruel.

Gueguês.—Antigos indios do Piahy, onde dominavam, além dos Guêguês, os Jaicós ou Geicós e outras tribus.

Guerens ou Guerengs (signif. «o antigo» a palavra *gueren*). São os chamados Crens, que formam, no Brasil, o 4.º grupo da classificação ethnographica de Carl. von Martius.

Gyporóks ou Gi-porókas.—Tribus botoculas do valle do Mucury e irmans pela lingua e costumes das tribus dos Aranãs e Nakanuks (Micas Geraes). Gi-porok quer dizer «machado forte», ou «arrebenta machado», segundo interpretam os linguas, que distinguem, praticamente, algumas palavras do dialecto guttural dessa tribu.

H

Hiapiruáras — Nome que os Indios do Baixo-Tapajóz dão aos que habitam a região do Alto-Tapajóz, segundo refere Moreira Pinto (*Apontam. do Dicc. Geogr. do Bras.*, vol. 2.º, pag. 148). A palavra *Hiapiruára* significa «gente do sertão».

Hiáuáuahis (*Hiau-au-ahis*) — Nação indigena das margens do rio Japurá, no Est. do Amazonas, e da qual provém a tribu Paráuari, conforme opinião do dr. Araujo Amazonas.

Hiupinás — Dessa tribu amazonica do rio Japurá provieram os mestiços indigenas, que povoaram Teffé ou Ega, segundo o escriptor citado ha pouco.

Huaimis — Tribu de origem Maipure, na margem esquerda do rio Purús e mestiçada com o gentio Pammary.

Hyapurás. — Povos do rio Caquetá, entre o Brasil e a Colômbia, subdivididos em varias tribus carahibas. Serão os mesmos indios Japurás?

I

Indios — Nome dado desde Colombo aos naturaes ou aborigenes do Novo-Mundo, e que no Brasil tambem designa, collectivamente, as tribus do nosso gentio, as hordas selvagens do Norte a Sul. Entre nós, outros nomes collectivos ou genericos damos aos selvagens do Brasil: Bugres, Botocudos, Caboclos, Tapuyos, etc.

Ibirajaras ou Ubirajaras — Vide Bilreiros e Cayapós, nomes dados ás tribus dos Ibirajaras da Bahia, Goyaz e Matto Grosso. Esses Cayapós, em Matto Grosso, occupavam a região das vertentes dos rios Tocantins, Xingú e Arinos, ao norte da região dominada pelos Payaguás.

Icós — Selvagens do sertão cearense. Ainda existe com o nome de Icó uma cidade do Estado do Ceará. Tanto os Icós como os Jucás e Sucurús do antigo Ceará, pertenciam ao grupo dos Indios Cairirys ou Kiriris.

Iguarunas. — Celebres Indios canoeiros, de tez muito carregada, no Maranhão. O P.^o Antonio Vieira (sec. 17.^o) descreveo bem esses Indios Navegantes, de sangue tapuya e caribóca, na antiga capitania do Maranhão e Grão-Pará.

Imarés. — Indios do valle do Paraguay, nas margens do Taquary, em Matto Grosso.

Iporotós. — Selvagens carahibas, das cabeceiras do Rio Branco, Amazonas

Iporucotós (tambem ditos Puricotós ou Procotós, e ainda Ipurucotós). São indios amazonicos do Rio Negro, e, segundo Barbosa Rodrigues, estão alli em franco contacto com os famosos Crichanás ou Janaperys, tribu tapuya do Baixo Rio Negro.

Ipurinãns — São tribus de selvagens Nu-aruaqs do rio Joary, na Amazonia.

Ipuruãns. — Os Ipuruãns, Ipuquans ou Ipurás são Indios Aruaqs do rio Purús, onde se subdividem em varias hordas: Manateniri, Catiana, Canamari, Cannawari, nos rios Purús, Juruá e Acre ou Acquiry.

Italapriás. — Selvagens do Pará, no sec. 18.^o, e já extinctos.

Itanhás. — Antigos Indios do Ceará, onde hoje vivem mansos os poucos sobreviventes desses selvagens.

J

Jacundás.—São povos tupis do valle do Tocantins, no Est. do Pará.

Jaicós ou Jahicós—Ficavam estes Indios nos sertões do Piauí—Esta do onde ainda se vê uma cidade com o nome de Jaicós.

Jamamadis—Selvagens de origem Nu-Aruak, no valle do rio Purús.

Jamundás.—Indios do Norte do Est. do Pará e do antigo Con-
testado do Amapá, divisa com a Guyana Franceza.

Jarumas—Indios caribbas, também chamados Aruma, no Alto-
Xingú.

Jauaperys ou Jauamerys—São os mesmos Indios Ua-
merys, Uaimerys, Maimerys ou Waimerys, dos quaes descendem os
actuaes Cricbanás (Amazonas).

Jaulapittis—Tribu de procedencia Nu-Aruak, na região com-
prehensiva entre os rios Xingú e Purús.

Jaulegês—Indios do Maranhão, com certeza tapuyas, como os
seus irmãos, os Caragês, Caractagês e Caractês.

Jaurús—Selvagens de Matto Grosso, no Guaporé. Extinctos.

Javaês—Indios guyanãos da Ilha de Sant'Anna ou Bananal, no
Araguaya. Também ditos Javahês.

Javarês—Celebres indios navegantes da região do medio Ara-
guaya, em Goyaz, alliados dos Iguarunas e dos Chavantes-Canoeiros.

Javitêros—Indios Aruaks, no extremo Noroeste do Est. do
Amazonas.

Jororós—Estes Indios Jororós eram da antiga capitania do Rio
de Janeiro, onde foram batidos pelos terriveis Goitacás, nos seculos
16.º e 17.º

Juguarunas—Temiveis indios da Bahia; eram inimigos dos
Aymorés, e occupavam parte da costa de Ilhéus e Porto Seguro.

Jumanas—Indios de origem Nu-Aruak, no Baixo-Içá (Amazo-
nas), confins d'esse Estado, a noroeste do Brasil.

Jumás—São uma tribu carabiba da região entre o rio Madeira
e o Baixo-Xingú, no Estado do Pará.

Jupúas—Indios da nação ou grupo Miranha, na margem es-
querda do rio Japurá (Amazonia.)

Juremas—Indios de nação Kiriri, no antigo Ceará e Piauí.
Tão temidos pelos colonos portuguezes, como os ferozes Jucás.

Juris ou Jurys—Indios do Rio Japurá, a oeste do Est. do Ama-
zonas.

Jurunas—São da região do baixo e medio-Xingú e pertencem
aos tupis impuros alli encontrados pelo Dr. Carl. von den Steinen, em
1884 e 1888. *Juru-unas* os boccos pretos—Porque pintavam a face

e dentes com a tinta escura do genipapo, tornando assim mais temível o seu bizarro aspecto.

Jurupis—Botocudos de Minas, hoje extintos. Viviam nas margens do Rio Doce, a leste. *Jurupi* quer dizer «bocca primitiva» ou «o tronco da lingua dos Jurús», donde procediam os Indios Jurús, dizem os «linguas» do Rio Doce.

Jururu's—(*Jurúrú* significa «bocca triste») Eram indios do Ceará, muito bravios como os Jucás e os Juremas.

K

Karajás ou **Carajás**—Tribus da margem direita do rio Araguaya, Goyaz. O Gentio Carajá e o Bororó estão fóra das classificações de Martius e Ehrenreich. Escreve-se também Carayás, dos quaes procedem os Carayá-is, povo Cayapó do mesmo valle do Araguaya.

Kiririns ou **Quririns**—Indios da antiga capitania de S. Paulo, considerados de procedencia Kiriri (dos Carirys meridionaes, emigrados do Norte).

Kiriris—Estes indios acampavam outr'ora nos sertões desde a Bahia ao Piahy. Sua lingua é bem conhecida. Abrange o grupo Kiriri ou Cariry (o 2.º de Martius) numerosas tribus: os Guayò, Tremembé, Quiririm (S. Paulo), sendo parentados com os Goianás (S. Vicente) e Icós, Jucás, Chorós, Papaná, etc.

Kocamas ou **Cocamas**—Indios do rio Napo, affluente do Amazonas, fronteira das Republicas do Brasil e Equador.

Kocurumas ou **Cocurumas**—Indios Miranhas, no rio Japurá, no valle amazonico.

Kotochós—Nome de uma pequena nação de Indios Tapuyas ou Gês, entre os rios Doce e Jequitinhonha (Minas), na região do Fanado, sec. 18.º (Minas Novas e Arassuahy).

Kradahós—Tribu independente, muito selvagem e pouco conhecida, da margem oriental do rio Araguaya.

Kraik-mús—Indios do Baixo-Jequitinhonha, entre Minas e Bahia, estudados, em 1836, pelo explorador Dr. Victor Renault, por ordem do governo regencial do P.º Diogo A. Feijó. O gentio Kraik-mú era de sangue aymoré e goitacá mesclado, e muito bravio.

Krichanás ou **Crichanás**.—Já nos referimos aos Crichanás do rio Uaupery, no Baixo-Rio Negro, Estado do Amazonas.

Vide Jauaperys, Crichanás, Guaribas, Maimerys e Waimirys.

Krichás ou **Crichás**.—Tribu indigena do Estado de Goyaz, no rio Crichás, affluente do Araguaya, e também em Minas Geraes, entre os Botocudos do Rio Doce.

Krikatagês.—Tribu tapuya e também chamados Cricatagês ou Gavões, no Maranhão. Tribu co-irmão dos Caratês, Caragês, Pannellas, Bucobús e outras daquella ant. Capitania do norte do Brasil.

Kroatos ou Croatos.—Nome dado aos Coroados do valle do Rio Pomba, a leste de Minas (Sec. 18.^o), onde a actual cidade do Pomba já se chamou «Aldeamento de São Manoel dos Croatos». Vieram de Goyaz para o Triangulo Mineiro e depois para [a região sudeste de Minas Geraes.

Kustenãos ou Custenãos—Indios de origem Nu-aruaq ou Maipure, do Alto-Xingú, no Amazonas.

L

Layanos.—Indios Aruaks, de Matto Grosso, os quaes bem como os seus irmãos das tribus dos Tarenos, Kinikináus e Guanás, são povos da nação Chané, segundo o visconde Alf. de Taunay.

Lambis.—Indios de Matto Grosso, na fronteira da Belvis. Dizem-se do galho dos tupys occidentaes.

Lengoás.—Nome dado a alguns povos Guaycurús, de Matto Grosso, segundo o naturalista bavaro Dr. Carlos Fried. Phil. von Martius.

M

Machacaris.—Antiga tribu, que vagueava pelos sertões do Mucury, Jequitinhonha, e Serra dos Aymorés, entre Minas Geraes e a Bahia. Eram de sangue Aymoré e Goytacá.

Machaculis.—Selvagens amazonicos, referidos por Mattoso Maia, havendo tambem uma tribu tapuya do Machaculis, entre Minas e Bahia. No antigo «Descoberto do Peçanha», entre o Suassuby Pequeno e Suassuby Grande (sec. 18.^o) acampavam Machaculis.

Machigangas.—Nome dado á tribu dos Antas, Antis ou Campas, indios Carahibas da fronteira peruana com o nosso Estado do Amazonas. Vide Antas e Antis. Outros consideram os Machigangas como Aruaks, sob o ponto de vista linguistico.

Maconés.—Estes Botocudos da bacia do medio Rio Doce (Minas) estão hoje extinctos. Os Maconés ou Maconis, os Zamplãs, os Machaculis, os Pojichás, os Malalis e outros bugres de Minas, estão muito reduzidos em numero, sendo que algumas tribus já desapareceram.

Macramecrans.—Indios de Goyaz, no Baixo-Araguaya, quasi nas fronteiras do Maranhão (valle do Tocantins.)

Maçunis.—Selvagens de origem Goitacá, no valle do Rio Doce (Minas). Extinctos, actualmente.

Macunins ou Makuinys.—Estas tribus botocudas dos Macunins, que o Dr. Victor Renault visitou, no rio Mucury (Nordeste de Minas), em 1836 e 37, tinham traços accentuadamente sino-mongolicos. Bravio, estes Indios de sangue Goitacá.

Macuchis.—Nome dado aos Tapuyas e Mamelucos, no interior do Est. do Amazonas, segundo Barbosa Rodrigues, Baena, J. Verissimo, Stradelli. Ferreira Penna, *passim*.

Macuxis.—Tribu Carahyba, entre a Guyana Ingloza e o Brasil, nos contrafortes da serra Paracaima.

Magnés.—O gentio Magné, alliado do Mané, vive em Matto Grosso, na parte norte do Estado, ás margens do rio Madeira. São celebres os Magnés por fabricarem o *guaraná*, excellento alimento de poupança para o organismo humano e muito usado como bebida refrigerante no norte do Brasil.

Mahacus.—Tribu indigena da região do Rio Branco (entre o Amazonas e a Guyana Ingloza).

Mahués ou Manés.—Povos tupys septentrionaes (no Amazonas e Pará), occupando a região entre o Tapajóz, o Madeira e o Amazonas. Tambem fabricam o *guaraná*, superior até ao inventado pelos Indios Magnés, de Matto Grosso. E' o *guaraná* um producto hoje introduzido na therapeutica medica e tonico tão poderoso como a *cóca*, dos indios do Perú e Bolivia, ou a *noz de kola*, dos selvagens africanos.

A sciencia deve aos nossos indigenas o conhecimento do *guaraná*, do *timbó*, do *curare*, da *quina*, da *poana*, da *caroba*, e tantas outras substancias de virtudes curativas ou toxicas.

Maiang-congs.—Selvagens do Amazonas, das missões Jesuiticas do sec. 18.º, e hoje considerados extinctos.

Maimerys.—Nome porque são tambem conhecidos os Jauamerys ou Waimirys, tambem chamados Crichanás, no Jauapery (Rio Negro), no Estado do Amazonas.

Maimunas.—Tribu do Estado de Matto Grosso, hoje desapparecida e mencionada por Almeida Serra.

Maipures.—São os Indios clasificados por Martius, C. von d. Steinen e Ebreneich, como pertencentes ao grupo Nu-Aruak ou Maipure. Vivem no curso medio do Orinóco os legitimos Maipure. Foi Gilli quem lhes deo a denominação de Maipures. São do grupo Maipure as tribus Chané, Kinikináo, Guazá (Matto Grosso), Aruán, Manáo Moxa, Ipuriná, Ipuruán, Goajiro (da Amazonia), etc.

Mairagiquis.—Tribu tupinambá da Bahia de Todos os Santos (sec. 16.º), na qual o celebre Caramuru (Diogo Alvares Corrêa) escolheu para esposa a india Paraguaçu, baptisada com o nome christão de Catharina Alvares. Os Mairagiquis eram anthropophagos e muito bellicosos. Foram bem descriptos por Gabriel Soares, Gandaivo, Vasconcellos, Rocha Pitta, Frei José de Santa Rita Durão, Accioli, Varnhagen, etc.

Majacaris.—Tribu de origem Waitaká, na bacia do rio Mucury, a Nordeste do Estado de Minas (contra fortes da serra dos Ay-morés). Estão extinctos os Majacaris ou Maxacaris.

Majurunas.—Indios do Pará, de côr escura (são *tupiúnas*), nas cabeceiras do rio Javari (ant. Hiabari), afluente da margem direita do Amazonas.

Makiritarés.—Indios carabybas da região superior do Rio Branco, no Amazonas.

Malalis ou Mallalis.—Como os Mallalis, também os Maconés, os Camaraxós, os Tocoyós, os Purys, os Monoxós, os Pojichás, os Nak-nanuks, os Macunins, e outras tribus botocudas, de origem Goitacá, dominaram outr'ora os sertões do Rio Doce e seus afluentes, entre Minas Geraes e Espirito Santo. O povo ainda os appellida de *bugres*. Outros dizem que os Malalis procedem dos Coroados ou Croatos (de Minas), idos do valle do Pomba para o do Muriahé, deste ao do Manhuassù e deste ao Cuyethé, Suassuhy-Grande e Itambacury.

Mamanás.—Os Mamanás ou Mamanazes eram do Pará e faziam parte das missões Jesuiticas do sec. 18.º, no extremo Norte.

Mamayanás.—Tribus do Maranhão, onde dominavam juntamente com outras tribus Nheengaibas e Tupinambás: Iguarúnas («navegantes»), Maracatins, Guaianás, Gradahús, etc. Os P. Antonio Vieira, Claude d'Abbeville e Ives d'Evreux os descreveram bem, na era colonial (sec. 17.º).

Mambarés.—Os selvagens Mambarês («homens velhos») são de Matto Grosso, onde poucos Indios dessa tribu subsistem.

Mamorés.—Os Mamorés, no Alto-Madeira, ficam entre Matto Grosso e a Bolívia. Pertencem ao grupo tupy occidental. Dêram nome ao grande rio Mamoré, no extremo oeste do Brasil.

Manahós.—Selvagens indomaveis oriundos da região do Baixo-Tocantins (Est. do Pará) e que hoje são mais conhecidos com o nome de Manaós, entre o Rio Negro e o Japurá.

Manajós, Amanajós ou Tormembós—São caribocas do Maranhão, descidos para o norte até o Pará pela bacia do Gurupy.

São oriundos dos Tupinambás os indios Manajós, mostrando muita semelhança com os Gamelas e Timbiras (do Estado do Maranhão).

Manaterys ou Catianas.—Indios da região do Alto-Purús, N. do Brasil (Estado do Pará) e do rio das Balsas e Tocantins (Maranhão).

Manáus ou Manaós.—Tribu amazonica, inimiga irreconciliavel dos Indios Carayás ou Carayáis. Os Manaós são de origem Maipure ou Nu-Aruak e acampam no curso medio do Rio Negro. Já ficaram atraz descriptos com o nome de Manahós ou Manaós.

Manitsauás.—São tribus de sangue impuro e habitam a região a Noroeste das cabeceiras do rio Xingú. D'elles falam Carl von den Steinen, Max Schmit e Ehrebreich.

Marabitanas ou Marapitanas.—Indios do interior do Est. do Amazonas, onde se vê ainda hoje uma povoação, que lhes recorda o nome: São José de Marabitanas. São alliados aos Indios Arahinis.

Maracatins. — Pertenciam á grande tribu dos Nheengaibas («más linguas») do Maranhão colonial. Eram excellentes canoieiros os selvagens Maracatins, no valle do Tocantins.

Maracayás — Estes Indios, cujo nome designa «gente desprezível» ou «inferior», viviam na Ilha do Governador, na bahia do Rio de Janeiro, ao tempo da invasão franceza de Villegagnon, no sec. 16.º. Maracayás ou «Gatos Bravos», em lingua gentilica, como ha Jaguarunas «onças prêtas», e outros nomes de guerra, tirados de animaes, entre os selvagens.

Maramomis. — Indios do Brasil, citados por Southey, em sua *Historia do Brasil* (vol. 1.º, pag. 318), sem maior explanação.

Maraná ou **Maranhás.** — Selvagens Nú-Aruaks do rio Purús, onde se têm esses Indios como perfectos typos do gentio Maipure.

Mariáranás. — Tribu do interior do Amazonas, nas margens do Taffé.

Marikitarés. — Tribu carabiba do Rio-Branco, no norte do Amazonas. Inverte-se a pronuncia do nome desta tribu para «Marikitarés», nos chronistas coloniaes.

Mariquitás. — No sec. 18.º ainda vagavam na serra da Mantiqueira (Minas) estes Indios. Escreve-se tambem: Marikitás. Deviam ser de sangue Croato ou Waitaká e foram muito dizimados pela selvagem Cataguá.

Massacarás. — Estes Indios eram dos Tapuyas ou Gês da Bahia, e estão extinctos, do mesmo modo que os Aracujás, outra tribu Gê d'aquelle Estado.

Maués ou **Mahués.** — São povos tupis do Baixo-Tapajóz, na Amazonia. Já os descrevemos, sob o nome de Mahués.

Mbeguás. — («os pacíficos») Eram povos tupis, de Matto Grosso, onde ainda ha sobreviventes catechizados dessa tribu.

Mehi-nacûs ou **Mehi-na-ku.** — Indios de origem Nu-Aruak, do rio Xingú, onde os estudaram os sabios allemães Hermann Meyer e Max Schmidt, na região entre Matto Grosso e Pará.

Mepuris — Indios das Guyanas e fronteira septentrional do Brasil. São de procedencia cariba ou caraiba.

Mequens — Tribu extincta de Matto Grosso, no rio Corumbá.

Mimanos — Antigos Indios do Rio Gr. do Sul e de S.^{ta} Catharina, inimigos dos Tapes e dos Charrúas. Eram dos tupis meridionaes.

Minharis ou **Menharis** — Indios aimorés do antigo Rio Gr. do Norte, alli perseguidos, no valle do Apodi, pelos guerreiros Potiguaras.

Miranhas — Grande povo amazonico. Constitue um grupo na classificação ethnographica do D.^r Paul Ehrenreich, em relação aos povos naturaes do Brasil e Sul America.

Mongoiós — Tribu extinta da Bahia (rio Patipe), onde dominaram esses Mongoiós, os Camaraxós, os Pataxós e outros Indios bravos, de sangue crusado, aimoré e goitacá.

Monoxós — Até os primeiros annos do sec. 19.º todo o sertão de leste, em Minas Geraes, no Rio Doce e afluentes (Cuyethé, Suasuby Grande, Manhuassú, Matipoó e Guandú), nas divisas com o Esp. Santo, andava infestado das tribus nomades e hostis dos Botocudos, entre os quaes se destacavam os Monoxós.

Moxós — São da familia linguistica dos Nu-Aruaks ou Aruakis, da região do Alto-Madeira (Matto Grosso), rios Mamoré e Guaporé. Moxós ou Moksós, os « Molengas », em idioma *Aruak*.

Motillons — O gentio Motillon, muito feroz e anthropophago, é de origem carahiba; vive no rio Putumayo, no oeste do Estado do Amazonas, extrema da Columbia e Equador.

Mucorys ou **Mucuris** — Tribu do Est. de Matto Grosso, dando-se tambem este nome aos Indios botocudos de Philadelphia (Minas), entre a serra dos Aymorés e rio Mucury.

Mucuinis — Tribu do rio Mucury, em Minas Geraes, nas mattas de Philadelphia, hoje municipio de Theophilo Ottoni, o qual é confinante com Caravellas (Bahia), S. Matheos (Esp. Santo), Peçanha e Arassuahy ou Calháo e Minas Novas. Chamam-se tambem Macunins, os quaes já descrevemos.

Mundurucús ou **Mundrucús** — Indios bellicosos dos Est. do Pará e Amazonas, bem estudados nas suas varias hordas, por Baena, Chandless, Gonçalves Tocantins, Elisa Scheid, Coudreau e Barbosa Rodrigues. Chama-se « Mundurucania » a região amazonica por elles occupada. Os Mundurucús são tupys impuros da região do baixo e medio Tapajoz. Foram tribus muito numerosas e têm um grão de civilização bem superior a outras tribus Amazonicas.

Muras — Indios ferozes do Amazonas e do Pará, onde são ainda os implacaveis perseguidores das tribus dos indios Junás, Aruaquys, Cericunás, Crichanás ou Krixanás. Os Muras são muito nomades e percorrem em bandos de guerra os valles do Rio-Negro e do Madeira.

Mutuns — Tribu indigena dos sertões do Maranhão, nos rios Moni e Caraubal. No Maranhão ha Indios Gaviões, Gamelas, Mutuns e com outros appellidos extravagantes.

N.

Nahuquás — Indios Carahibas do rio Coliseo (Amazonas), descobertos em 1886, pelo D.^r Hermann Meyer, explorador allemão das fontes do Xingú.

Nak-ne-nuks, **Nuk-ne-naks** ou **Nak-na-nuks** — (Nak-na-nuk quer dizer « habitante da serra »). Assim como os Puris-Assús

viviam nos sertões do Matipóo, serra dos Arripiados e da Divisão, e os Puris-Mirins, nas florestas do Rio Doce; também os Nak-ne-nuks occupavam a cadeia dos Aymorés, entre Minas e Bahia (de Theophilo Ottoni ou Philadelphia para Caravellas, na zona hoje cortada pela *E. de F. Bahia e Minas* e bem colonisada por allemães e nacionaes).

Nambicuaras — Grande tribu de Matto Grosso, referida por Couto de Magalhães, Milliet de St. Adolphe, Ricardo Serra, Leverger, Taunay, G. Pimentel, H. Meyer e outros. Os Nambiucáras ou Nambiocararas vivem ás margens do rio do Peixe, affluente do Tapajóz. São mansos e bons remeiros de canoas.

Nhamunda's ou Jamundás — Indios amazonicos do rio Jamundá e Guyana Brasileira.

Nheengaibas — («os más linguas», que não falam bem o *Nheengatu*, lingua geral dos tupis da costa.) Indios do Pará (Ilha do Marajó) e do Maranhão. Bem descriptos na era colonial pelo Jesuita Antonio Vieira, e pelos capuchinhos francezes do sec. 17.º, Claude d'Abbeville, Ives d'Evreux, Arsène de Paris e Ambrose d'Amiens. No sec. 19.º os D.ªs Candido Mendes, Gonçalves Dias e Cesar Marques d'elles trataram. Ainda hoje existem restos dessa tribu Nheengaiba, que dominava o Mearim e o Gurupi, no Maranhão colonial.

Norogaguês ou Norog-na'-gês — Tribu dos sertões goyazios, nas margens do Tocantins e se dizem também de origem Aruak os Norogagês.

Nu-Aruaks ou Nu-arukis — Constituem estes Indios um dos oito grupos ethnographicos, segundo a classificação que dos selvagens do Brasil fez o Dr. Carl von den Steinen, o notavel explorador allemão do valle do Xingü. Adoptada pelos nossos Indianologistas, essa classificação admite o grupo Tupi, o Gê, o Goitacá (Waitaká), o Carahyba, o Pano, o Miranha, o Guaicurú (Waicurú) e o Nu aruak, também conhecido por Maipure. São Indios Aruaks ou Maipures, os Tarumás, Banivas, Paumaris, Catianas, Ipuruãns, Araúnas, Baures, Catoquinas, Goajiros, Aruãns, Javiteros, Antas, Machigacgas, Parecis, Cutenãos, etc., cujas linguas e dialectos se entroncam no idioma dos Nu-Aruaks.

O

Omaguas — Também chamados Cambévas ou Cambivás. Vivem estes Indios nas florestas occidentaes do Estado do Amazonas (no Solimões ou Alto-Amazonas, rios Tunguragua e Putumayo), onde estão de guerra constante com as tribus dos Tecunas e Curinos. Os Omaguas são dos tupis septentrionaes.

Opinazés — Tribu do Estado de Goyaz, das margens do Araguaia. Estes Indios Opinazés ou Oppinazés são os mesmos Apinagés,

notaveis pela sua estatura e bellos traços de physionomia. Vide: Apinagés.

Orizes — Indios da era colonial do Brasil; estão extinctos e eram alliados aos ferozes indios chamados Procazes. Eram tapuias da Bahia, catechizados no seculo 18.^o

Ouampys — O gentio Ouâmpi vive nas cabeceiras do Solimões, entre o Amazonas e o Perú.

Oyampis — Tambem ditos Oihâmpis — São povos tupis da fronteira ao Norte do Brasil, entre o Estado do Pará e a Guyana Franceza (rio Araguay). Não devem ser confundidos com os anteriormente citados (os Ouâmpys ou Uampys).

P

Pacahás — Tribu de Matto Grosso (rio Jurucú) e do Pará, onde tambem se chamam Pacayás, ou Pacajás, entre o Anapú e Cametá, segundo Ferreira Penna.

Pacajás — Tribu de tupis da Amazonia, idos do Maranhão para o Estado do Pará. O gentio Pacajá é de origem caribóca e quasi branco. Vide Pacahás.

Pacúnas — Gentio paraense, mal estudado e conhecido vagamente.

Paiaçús — Tambem do Estado do Pará, para onde emigraram idos do Rio Grande do Norte ou Ceará. Indios tupinambás crus.

Palmelas — Gentio carahiba do rio Madeira (Amazonas). O gentio Palmela, tambem de Matto Grosso, é de origem carahiba.

Pâmas — Indios matto-grossenses, de côr quasi branca, muito bravios e parecidos com os Muras. Vivem nas margens do rio Juruena e cabeceiras do Madeira, entre os Estados de Matto Grosso e Pará.

Pámarys ou **Pammaris** — Nome dado aos Paramaris, selvagens Nu-aruaks, do rio Purús (Amazonas). No Rio Branco existe a tribu dos Paumarys, actualmente muito mestiçados com os brancos.

Panhâmes — Indios goitacazes da região dos dous rios Suasua-hy-Grande e Pequeno, no antigo territorio do Paçanha (Peçanha hoje), no sec. 18.^o Eram de tribus irmãos os bugres Malalis, Panhâmes, Moxotós, Monoxós e Puris do valle do Rio Doce, em Minas Geraes.

Panahys — Selvagens do Apody, no Estado do Rio Grande do Norte. Extinctos desde o sec. 18.^o

Panatis — Indios do Rio Gr. do Norte, de origem tupinambá, nas cabeceiras do Piancó, onde outr'ora se cruzaram com o gentio Icó e Payacú, tendo este migrado em direcção á Amazonia.

Parananás (Tambem chamados Paravilbanas, ou *Paravianas*). Estão extinctos os Indios desta tribu de origem carahiba, que acampavam nos rios Branco e Tacutú, entre o Est. do Amazonas e a Guyana Ingleza, na região do Alto-Rio-Branco.

Paranázinás — Gentio de Matto Grosso, na bacia do Paraná. Bons canoeiros e aliados aos bandeirantes paulistas (sec. 18.º).

Pano — Um dos grupos indígenas do Brasil pela classificação de Ehrenreich, que considera os Pano formando o 6.º grupo.

Paraybas, (Parahybas, Parahibas ou Paraibas) — Nome dado aos selvagens de origem Waitaká do valle do rio Parahyba do Sul (Rio de Janeiro, Minas e São Paulo), secs. 16.º, 17.º, 18.º.

Papanazes (ou *Papanás*) — Índios tupis, acossados pelos Aymorés e Tupinakis, que os obrigaram a emigrar do sul para o oeste do Brasil, onde se deixaram ficar no planalto Goyano.

Paramaris (ou *Paumarys*) — São Índios do grupo Maipure ou Nu-Aruak, e formam uma interessante tribu aquatica e ichthyophaga, no rio Purús (Amazonas). Vide Pamarys.

Paraguás — Índios do rio Paraguassu, na Bahia (sec. 16.º) e que se não devem confundir com os Payaguás de Matto Grosso.

Parecis ou **Paregis** — Os selvagens da tribu Pareci são do grupo Nu-Aruak ou Maipure e vivem nas cabeceiras do Rio Tapajós, em Matto Grosso, e na região do Alto-Diamantino. Estão actualmente muito mestiçados com os brancos, em Matto Grosso. Os Parecis ou Paricis das cabeceiras do rio Paraguay foram bem estudados por Dona Maria do Carmo Mello Rego, que até educou um joven indio Pareci, de nome Guido.

Parentintins ou **Parintintins** — Índios de côr bem clara, dos rios Madeira e Tapajós, no Amazonas e Pará. Parecem-se muito com os Índios Andirás («morcêgos»). Têm egualmente o nome de Parentins, simplesmente, e são povos de origem tupi (tupis septentrionaes).

Paricuras — Tribu ao N. da foz do Amazonas, segundo Baena. Está extincto, no Pará, o gentio Paricura.

Passés — Tribu indígena do Est. do Pará, nas cabeceiras do rio Xingú e no Rio Negro. Civilisaram-se os Passés desde o sec. 18.º. O nome Passé occorre tambem na Bahia e provavelmente este Indio lá o deixou, na tradição local.

Patachos ou **Pataxós** — Tapuyas do Est. da Bahia, Baixo Jequitinhonha ou Belmonte e entre o pedaço do littoral bahiano comprehendido pela foz do rio Santa Cruz e Mucury. A horda dos Formigas ou Içás (comedores de *tanajuras*) era cruzada de Índios Purys e Patachós. No rio Jussiape ou de Contas e no Grugungi (Bahia) acampavam os Patachós, de que algumas hordas, atravessando a Cordilheira dos Aymorés, chegaram ao territorio de Minas Geraes (secs. 17.º e 18.º). Na costa bahiana, eram bons remeiros estes bugres.

Patêtús — Índios de Matto Grosso, pouco conhecidos até hoje, tanto que os viajantes allemães (Martius, V. Steinen, Meyer, Schmidt) a elles não se referem.

Payáyás — Índios citados por Southey, que também indica os Parasis, os Potentas e os Paracatis como tribus do Brasil, sem que, entretanto, os localise, geographicamente. Vide op. cit.

Payacús — Índios da antiga capitania do Ceará e Rio Grando do Norte (rio Apody). Também se escreve: Paiacús. Vide este nome.

Payaguás — Nação de Índios aparentados com os Guaycurús, no Est. de Matto Grosso, no valle do rio Paraguay e seus affluentes da fronteira paraguaya e boliviana. O melhor estudo sobre os Payaguás é o de Felix Azara, o grande escriptor castelhano do sec. 17.^o

Pianokotos — Selvagens carahibas, que vivem na região a oeste do Parú e Jary, no Alto-Trombetas e Jamundá (Amazonia), onde foram estudados por Henri Coudreau, explorador francez, nos fins do seculo passado (19.^o). Escreve-se também Pianogotos.

Pinarés — Índios de origem tapuya, do sul do Brasil, mal localizados, geographicamente.

Pindarés — («Os pescadores»). Tribu do Maranhão, no rio Pindaré e também no Piauí. São caribócas ou tapuias.

Pimenteiras ou Pigericúns — Índios dos sertões do Piauí e da Parahyba do Norte, onde fizeram outr'ora grande damno aos colonos brancos das fazendas de gado. Segundo Lucien Adam, os Pimenteiras do Piauí são os Caraiabas meridionaes, isto é, ao sul do Amazonas, como os Palmelas, de Matto Grosso, também o são.

Pittás — Antigos selvagens da Capitania fluminense (Rio de Janeiro—seculo 18.^o), onde acampavam ao lado dos Guarús ou Guarulhos, no baixo Parahyba do Sul.

Pochetis — Tribu do interior do Pará (de origem tupinambá), entre o valle do baixo Tocantins e as nascentes do Mojú.

Pojichás, Pochichás ou Pugixás — Gentio bravo, de origem tapuia (Aymoré), das mattas da Poáya (Peçanha), dos valles do Itambacury, Mucury e Todos os Santos, e da Serra dos Aymorés (Philadelphia), a leste e nordeste do Estado de Minas. São bugres traiçoeiros e pouco domesticaveis, como os Puris, os Malalis, os Monoxós e outras tribus botocudas d'aquella parte do Estado de Minas.

Poragis ou Parexis — (Poragi significa o «homem superior»). Aos Parexis dão os escriptores coloniaes o nome de Paracizes. Vide o nome: Parecis ou Paregis.

Pocategês — Índios da região do Tocantins, alliados dos Camerans, ao norte de Goyaz e sul do Maranhão. Talvez Tapuias.

Potegês — Índios dos sertões do Gradahú, no Estado do Maranhão, tribu co-irmão dos Pocategês, Caratês Caractagês, etc.

Potyguaras, Potigoaras ou Petiguares — (Potiguara, «o comedor de camarão») Dominavam até o sec. 17.^o desde o rio Jaguaribe (Ceará) ao rio Parahyba do Norte, occupando cêrca de 100 legoas de costa. Fieis alliados dos colonos portuguezes, os Potiguáras se celebrisaram com alguns Índios notaveis. D. Antonio Felippe Camarão (Poty-guara) D. Clara, sua mulher, Sebastião Cama-

rão, seo sobrinho, nas luctas hollandezas, desde Pernambuco ao Rio Grande do Norte.

Procazes— Eram uma nação de indios bravos, que infestavam algumas capitánias brasileiras (Bahia, Porto Seguro, Ilheos,) na éra colonial. Eram alliados aos Orizes, indios tapuyas da Bahia, no Itapicurú. Vide: Orizes.

Procotós ou Purucotós— São os mesmos Puricotós ou Ipurucotós do Amazonas, e que estão, como já vimos (letra I), em contacto e alliança com os Maimerys e Crichanás do rio Janapery (valle do Rio Negro).

Pucaxarés— Selvagens de Matto Grosso, no valle do Guaporé e Corumbá. Outros escrevem Puchacarés ou Puxacaris, em vez de Pucaxarés.

Purarionês— Gentio bravo dos sertões Matto-grossenses, no valle do rio Apa

Puris ou Purys— Gentio de Minas (leste e nordeste), nos rios Doce, Suassuhy Grande, Suassuhy Pequeno, Urupuca, Mucury, Todos os Santos, Poté e na serra dos Aymorés. De origem Goitacá ou Waitaká, ora aldeado, ora em lucta com os colonos. Dividem-se as tribus em Puris assús e Puris-mirins. Nos municipios de Theophilo Ottoni e Peçanha, ainda ha Puris mansos e bravos, em pequeno numero. Sobre os usos, costumes, armas, religião, anthropophagia dos Purys, ha muitas informações escriptas deixadas por Saint-Hilaire, Martinot, Guido Marlière, Victor Rebault, Theophilo Benedicto Ottoni, Schrader, Zeferico Carvalho, Rubim, Silva Pontes, Schieber, Principe Maximiliano, Castelnau, Eugene de La Martinière, Gerber, Luiz d'Arlinecourt, etc. Ha ainda, em Minas, cerca de 10 mil bugres por amansar.

Pururúnas ou Purupurús— Os indios Purú purús vivem na parte central do Estado do Pará, nas cabeceiras do rio Purús.

Purús— Nome dado aos selvagens que habitam a bacia immensa do rio do seo nome, na Amazonia. Varnhagem eguala os Purús do Norte aos Puris do Sul (da Bahia, Minas e Espirito Santo) e diz que o appellido Purús significa «povo anthropophago». Que fossem cannibacs, não ha duvida; porem, quanto á etymologia não concordamos, por achala vaga de mais.

Q

Quagehús— Tribu de Matto Grosso, ao norte, na extrema com o Estado do Pará. Extinctos talvez, e Indios mal conhecidos.

Quarahins— Tribu rio-grandense do sul, no valle do rio de seo nome, e já extincta. Além do rio Quarahim, ainda se conserva o nome da tribu na cidade de S. João Baptista do Quarahim (Rio Grande do Sul).

Quimú-muras— Selvagens já extintos da Bahia, também ditos Quinimuras. Dominavam a bahia de Todos os Santos, em princípios do sec. 16.^o, e foram d'ahi expulsos pelos Tupinambás e pelos primeiros colonos portuguezes.

Quiniquináos ou Kinikináos — São de Matto Grosso os bellos e pacíficos Kini-ki-náos, dos quaes temos noticia nos escriptos do Visconde Alfredo de Taunay, D.^r Severiano da Fonseca, Ricardo Franco de Almeida Serra, commandante Augusto Leverger e outros. Vivem no rio Cuyabá. Vide: Kinikináos.

Quiririns — A tribu Quiririm, do grupo dos Carirys, dominava em São Paulo, na era colonial, juntamente com as dos indios: Goianá ou Guayanás, Guayó, Choró, Tremembé e outras.

Quirriahús — Indios do Estado do Amazonas, pouco conhecidos.

R

Rariguáras — Tupis do littoral do Brasil, ao Norte, citados no 1.^o vol., pag. 318, da *Historia do Brasil*, de Roberto Southey (trad. do D.^r Luiz de Castro) e por Capistrano de Abrec, *Liv. do Centen.* vol. I, pag. 32.

Remaris — Tribu tupinambá da antiga Capitania de Sergype d'el Rey, no valle do Irapiranga. Os Remaris e os Aracis são os únicos povos selvagens, aqui citados, em relação a Sergype—pequeno e interessante Estado brasileiro pela sua copiosa produção de notáveis publicistas, escriptores e historographos (drs. Tobias Barreto, Sylvio Romero, Felisbello Freire, Manoel Bomfim, João Ribeiro, Martinho Garcez, Laudelino Freire, Gumerindo Bessa, Fausto Cardoso, etc).

Rucuyenas ou Rucuyennes — São indios carabibas ou caribas, ao sul da cadeia de Tumucurac ou Tumucumaque, na fronteira do Pará com a Guyana Franceza, na região do Baixo Amazonas onde os descobrio o explorador H. Crevaux, não ha muitos annos.

S.

Sabujás ou Sabuyás.—Antiga tribu Kiriri, hoje extinta, que vivia no Baixo-São Francisco, entre Bahia e Pernambuco.

Sacarús.—Extintos estes indios da antiga Capitania do Rio de Janeiro. Eram da grande tribu dos Guarú ou Guarulhos, e acampavam na parte sul da serra dos Orgãos e rios Macabú e Macahé.

Samixumás.—Indios btecudos, de Minas, já extintos.

Viviam nos sertões do Baixo-Rio-Doce, nas divisas das 2 capitães: Minas e Espirito Santo.

Sanapanas.—Tribu do rio Apa, em Matto Grosso.

Sarumas.—Tribu extinta de Matto Grosso. Mal conhecida, como a precedente dos Sanapanãs.

Sirionos.—O gentio Siriono é tupi e vive nas cabeceiras do rio Beni e região do Mamoré, no Alto-Madeira.

Sucuryús.—Selvagens amphibios do Amazonas. Ornam-se com grandes pelles de ophidios, enroladas em torno do thorax. D'ahi o nome da tribu tirado dos monstruosos reptis, com cuja pelle se cobrem.

Sinklão.—Nome dado aos Bugres do Estado de Santa Catharina, na Serra Geral e valles do Rio Negro e Mampituba. O nome vem citado por Capistrano de Abreu, no 1.º vol. do «Livro do 4.º Centenario do Brasil», pag. 34.

Sucurús.—Estes Indios Sucurús eram como os Icós, Jaicós, Jucás, Juremas e Papanazes, do grupo dos Carirys do Norte (sertões do Ceará e Piahy.)

Suyás.—Indios do grupo dos Gês ou Tapuyas, do curso medio do rio Xingú, inimigos da tribu Apingui ou Apiacá, do Tocantins. Os Suyás parecem parentes dos Apinagés pela lingua e são verdadeiros Cayapós do Norte.

T

Tabajáras.—Povos tupis, extinctos, da antiga Capitania do Pernambuco e que extendiam o seu dominio até á cordilheira de Ibiapaba (Ceará). *Tabajara* quer dizer, em *nheengatu* ou «lingua geral» — «senhor da aldeia».

Tacana.—Grupo de tribus da região do Madeira e do Acre, entre o Brasil e a Bolivia.

Tacanhumas.—Indios do Pará, entre o Xingú e o Tocantins. São de origem tupinambá os Tacanhumas.

Tacarijus.—Selvagens já extinctos do Ceará, onde foram o terror dos colonos brancos, que penetravam a região da Serra da Ibiapaba; e, em 1608, ahi trucidaram o missionario Jesuita, P.º Francisco Pinto, escapando o seu companheiro P.º Luiz da Figueira, notavel indianologista. Os Tacarijus, os Jucás e outras tribus do Ceará, têm sido muito bem descriptas pelo Barão de Studart, Coronel João Brígido, eng.º Henrique Theberge, senador Th. Pompeo e outros estudiosos das cousas do antigo Ceará colonial.

Tacuna's.—O gentio Tacuná vivia na região central Paraense, no rio Jutahi. E' gentio extinto.

Tamarãns.—Vivem em Matto Grosso estes indios. Escreve-se tambem: Tamarãnas.

Tamarés ou Tamararés.—Indios caçadores de Matto Grosso, na região do Guaporé, cabeceiras do Madeira.

Tamembós.—Gentio extinto em Goyaz. O seu nome lembra os Temembós, do Tocantins, ou os Tormembós, do Araguaya.

Tamepungas.—Selvagens de Matto Grosso e mal conhecidos. Extinctos.

Tamoyos.—(*Tamoyo* significa «avô» ou «antepassado»). Campavam no littoral fluminense, desde Cato-Frio e Cabo de S. Thomé até Angra dos Reis (Ocaruú), cerca de 40 legoas de costa. Inimigos dos portuguezes contra quem se armaram na celebre liga, desfeita pelo abnegado esforço dos Jesuitas Nobrega e Anchieta (sec. 16^o) e cantada no poema do Visconde de Araguaya (D.^r Domingos J. Gonçalves de Magalhães), «A Confederação dos Tamoyos». Eram fieis alliados dos invasores francezes—contrabandistas do littoral.

Tamuânas.—Indios do Estado do Amazonas, outr'ora civilisados em Tefé e no Juruá.

Tamuyas.—O nome e pronuncia tupi dos Tamoyos, indios fortes, bellicosos e bons navegantes. Rodolpho Amoedo os celebrizou, no seu quadro «O ultimo Tamoyo» (Escola de Bellas-Artes, do Rio de Janeiro). De *tamuya* procede a palavra *Tapuya*, segundo o D.^r João Mendes de Almeida. (Vide *Notas Genealogicas*).

Tapacoás.—Indios bravos do norte de Goyaz, nas margens dos rios Tocantins e do Somro. Ainda se encontram em Goyaz restos da tribu dos Tapacoás.

Tapajós.—Indios inimigos dos Mamorés e Guaimurés ou Aimorés, e que dominaram por longos annos o afluente amazonico do seu nome. *Tapajó* (de *taba* e *uoc*) significa «nascido em aldeia».

Tapanhunas.—Estes Indios são dos tupis meridionaes em Matto Grosso, nas margens dos rios Arincs, Juruena e Tapanhúna.

Tapes.—Indios do Rio Grande do Sul, quasi extinctos, como os seus irmãos dos Pampas do Brasil meridional: o gentio Camacam, o Quarahim e outros da terra *gaúcha*.

Tapiranás.—Tambem chamados Antas, no valle do Tocantins. São de origem tupi e aruak, já misturados os dous sangues e as linguas, na tribu Tapiraná ou Antas.

Tapirapés.—São tupis do valle do Araguaya, em Matto Grosso e Goyaz, e se dizem tambem Tapiraquês. Vide Tapiraquis.

Tapiraquis.—São tambem de Goyaz estes Indios, em cujo nome se poderá talvez descobrir o cruzamento tupi dos Tapes com os Aroaquis (Nu-Aruak).

Tapu's.—Povo tupi septentrional, do Amazonas, no rio Madeira. O gentio Tapú é tupi e fica na fronteira boliviana com o Brasil (rio Madeira.)

Tapuyas.—(*Tapuya* ou *Tamuya*—do *taba* ou *tama*, aldeia, e *putr*, fugir. Significa «o que foge da aldeia, do paiz»). Acampavam os barbaros indios da nação tapuya desde o Amazonas ao rio Jaguaribe, no Ceará, dominando cerca de 200 léguas, na costa norte do Brasil, para onde emigraram idos do Sul.

Taramambázes.—Tribu extinta, nos sertões do Pará.

Tarumás.—Índios do Rio Negro (Amazonas), muito perseguidos dos Aruaquys e aliados dos Gricanás ou Guaribas—Tapoyas.

Os Tarumás foram catechizados, no sec. 17.º, pelos Jesuitas P.^{es} Manoel Pires, Francisco Velloso, Francisco Gonçalves, Pedro Pires, João Maria Garçon e João Justo de Lucca. São índios mansos e amigos da gente branca. Os Tarumás pertencem ao extenso grupo ethnographico dos Nu-Aruak. Delles deu noticia Barbosa Rodrigues, op. cit.

Tecunás.—(Ticunás ou Tekunás) são índios Nu-Aruaks do oeste amazonico, na fronteira com a republica do Perú. Outros consideram os Tekunás como formando um grupo ethnographico aparte, no Brasil, assim como os Trumai e os Uaupés.

Tecunapenas.—São índios tupis do Baixo Xingú, citados pelo Dr. Carlos von den Steinen.

Tembés.—Tribu tupi, extinta, do Maranhão, onde, já o vimos, dominavam muitas tribus de gentio tupinabá, tapuia e caribóca.

Temembós.—Gentio dos Estados do Pará e Maranhão, nos rios Manoel-Alves-Grande e Tocantins.

Temiminós.—(*temiminó* significa «o neto», descendente do Tamoyo, que é «o avô» ou «antepassado»). Dominavam na antiga capitania do Espirito Santo, onde muito ajudaram os portuguezes contra os Goitacazes. Era chefe *temimino'* o celebre Martim Affonso Ararigbóya («Cobra Feroz»), allado dos portuguezes contra os invasores francezes do Rio de Janeiro, no sec. 16.º e fundador da Praia-Grande (hoje Nichteroi). *Nictetóig* quer dizer: «agua escondida», por causa da curva ou volta da bahia de Guanabara, defronte da costa da capital fluminense.

Terenas ou Terenos.—Os Índios Terenos são do centro de Matto Grosso e pertencem á nação Chané, sendo de origem Aruak.

Tessemidús.—Índios do valle goyano do Araguaya, visinhos da grande ilha do Bananal ou de Sant'Anna.

Timbués.—Pertencem ao grupo dos tupis meridionaes, no planalto central do Brasil.

Tobajáras.—(*Tobajara* significa «o cunhado»). Quasi irmãos dos Tupis, ou Tupis quasi puros, ao Norte do Brasil. Não confundir com os Tabajáras, inimigos dos Caetés, de Pernambuco (sec. 16.º e 17.º). Os Tobajáres ou Tobajaras do Ceará fizeram uma guerra de morte aos Tocarijús, no sec. 17.º

Tocayós ou Tocolós.—Povo Botocudo, de origem goiatacá, da antiga capitania de Minas, no territorio banhado pelo Jequitinhonha, comarca de Minas Novas do Fanado. Temos uma velha povoação dos Tocolós, no actual municipio de Arassuahy ou Calháo (Minas).

Tocujús.—Índios amazonicos do sec. 17.º, na ilha hoje de Sant'Anna e então chamada dos Tocujús, na bôcca do Amazonas (Guyana Brasileira). Os Tocujús eram aliados dos Hollandezes e inimigos dos Portuguezes, na era colonial.

Torás. — Índios do oeste do Pará e do Alto-Amazonas.

Tormembós ou Manajós. — Índios Maranhenses, valle do Mearim. Vide Manajós e Amanajós.

Tremembés. — Tribus do sul (em São Paulo) no valle do Tieté e Parnahyba. No Maranhão e Ceará, ao Norte, ha vestígios desses Índios Teremembé. Ha ainda uma localidade paulista, Bom Jesus do Tremembé, perto da capital. Eram Gês ou tapuyas os Tremembés, inimigos dos Tupinabá e Tupinaki. Tremembés ou Tremembéz significam «os vagabundos». Os Tremembés são considerados Tapuias (Gês) por uns, e Carirys por outros autores, quanto á classificação do grupo do que derivam.

Trumays. — Selvagens da região do Xingú e seus formadores, os rios Ronuro e Coluena, no Estado de Matto Grosso. Nessa região, além dos índios Trumays, vivem as tribus Nahugá e Bacahirys, esta admiravelmente estudada, sob o ponto de vista linguistico, pelo dr. Carl von den Steinen. Os Trumahys ou Trumais constituem um grupo aparte na classificação ethnographica dos selvagens do Brasil.

Tumbirás. — São Índios amazonicos, que se não devem confundir com os Timbyras ou Timbiras (do Maranhão).

Tupinaes ou Tupinaêns. — Tupis vizinhos da costa, entre Bahia e Alagôas, reputados «os mais velhos parentes» pelos Tupinabás, segundo Diogo Vasconcellos, em desaccordo com F. Ad. de Varnhagem, que os eguala aos Tupinakis (*tupi*, — povo, *na'* — parente, *Ki* — espinho, ruim — isto é «parente ruim», perverso ou degenerado do tupi.) Para aquelle primeiro escriptor citado, o Tupinaé proveio do cruzamento mais antigo do Tipi e Tapuia, os dous ramos ancestraes do nosso Indio.

Tupinambarânas. — São tupinambás illegitimos, já muito cruzados, na região do Madeira, no Estado do Amazonas. Os tupis puros designavam os Tupinambarânas como «tupinambás bravos.»

Tubinambás ou Tupinabás. — (*Tupi-na-ba'* significa: «o tupi sahido do tronco primitivo». E' o legitimo e bom parente da nação tupi). Estiveram em contacto com os Portuguezes desde o sec. 16.^o, desde o sul da Bahia, até o rio de São Francisco. Dominavam cerca de 130 legoas, na actual costa dos Estados da Bahia, Sergype e Alagôas. O celebre Diogo Alvares Corrêa (o Caramurú) casou-se n'uma tribu Tupinabá. Sua mulher Paraguaçu, sua favorita Moêma, eram indias Tupinabás. Na Bahia se formou o primeiro cruzamento historico dos mestiços de sangue luso e indiano, entre colonos brancos e mulheres tupinabás.

Tupiniquins ou Tupinakis. — (*Tupi-na-ki* significa, «o máo parente do tupi»). Foi a primeira tribu encontrada pelos Portuguezes, na costa brasileira (a bril de 1500), durante a estada da frota de Cabral, em aguas do littoral bahiano, na enseada de Porto Seguro, Bahia Cabralia, rio Cricaré, Morro de São Paulo, Ilhéu da Corôa Vermelha, etc. Os Tupiniquins dominavam o territorio das capitania da

Bahia, Ilhéos e Porto Seguro até o interior, junto aos contrafortes da Serra dos Aymorés, em 18.º de Lat. Sul. Cerca de 70 legoas de costa occupavam elles. Os valles dos rios Camamú, Cricaré e outros estavam cheios das suas hordas pacificas e de facil tracto com os colonos brancos, europeos.

Tupis ou Tupys. — Os Tupis e os seus irmãos de raça e de lingua, os Guaranis, formam a grande familia *brasílio-guarany*, de Baptista Caetano, ou o grupo ethnico dos *tupys-guaranys*, de Martius. Ehrenreich os divide em tupis meridionaes, centraes, orientaes, occidentaes e septentrionaes. Toda a costa brasileira, no sec. 16.º, tinha tribus tupis. Nos 8 grupos dos povos naturaes do Brasil, conforme a classificação de Carlos von den Steinen, os Tupis formam o 1.º grupo, abrangendo os Guaranys. *Tupi* significa: «o cabeça, o tronco de geração.» *Tupiúnas*, são os tupis de pelle escura; *tupitingas*, são os tupis de côr mais clara, menos carregada na pigmentação bronzada da epiderme. Sua lingua, o *nheengatú*, é muito bem conhecida. Era a «lingua geral» no Brasil, selvagem, tão chegada ao *abaneenga* dos Guaranys, como o latim em relação á lingua grêga. Os colonos e exploradores portuguezes encontraram povos tupis por todo o Brasil, desde o extremo sul ao extremo norte, tanto no littoral, como no extremo oeste, beirando os Andes: Tapes, Carijós, Tamoyos, Tupiniquins, Tupinambás, Tupinaens, Tabajáras, Rariguáras, Caetés, Potyguáras, Mundurucús, Jurúnas, Maues, Apiacás, Tupinambarãnas, Chirigoãos, etc.

Tymbiras ou Timbiras. — Povo tapuya do Norte do Brasil (Maranhão), estudado nas suas tradições pelo Dr. Antonio Gonçalves Dias, que até as cantou em verso, e ainda pelos drs. Cândido Mendes de Almeida e Cesar Augusto Marques. Além de um cruzador-torpedeiro da marinha brasileira com o nome *Tymbira*, existe em Bello-Horizonte (a moderna Capital de Minas), uma bella rua com o nome de Tymbiras, assim como outros nomes, de tribus indigenas do Brasil, se vêem nas ruas da mesma cidade: Aymorés, Guajajaras, Goitacazes, Tupys, Carijós, Tamoyos, Tupinambás, Caethés, Goyanazes, etc., no bairro commercial da «rainha do planalto mineiro». Timbyra ou Timbirá quer dizer «o infame», o «despresado». Ainda são chamados Canelas Finas, no Maranhão, onde vivem restos dessa tribu, nas margens do rio das Balsas e do Manoel Alves, na bacia do Tocantins. São puros Gês ou Tapuias os Tymbiras.

U

Uacarauhãs ou Uacarauhás — Indios Amazonicos (rios Juruá e Jutahy), celebres pelo uso das *zarabatanas* e das flechas hervadas com o *curare*, fortissimo toxico vegetal, tambem chamado *uirary*.

Uahiás ou **Uaiás** — Selvagens matto-grossenses, muito bravios, nas margens do Juruena e Arinos. Escreve-se também Uhaihás.

Uaiumarás — Tribus das margens do Rio Branco, ao Norte do Estado do Amazonas (fronteira da Guyana Inglesa).

Uaimunas — Indios Nu-Aruaks do Baixo Içá ou Putomayo, a oeste do Amazonas.

Uakys — Vivem na região do rio Branco, como os Uapixanas e Uaimarás, estes Indios Uakys, citados por Schomburgh, o conhecido explorador inglez do Tacutú e Pirára.

Uamerys, Uaimeris ou **Uaimirys** — Nomes dados aos Jauaperys, ou Jauamerys do Amazonas, e que outros Indios não são senão os Crichanás, seos actuaes descendentes, segundo entende Barbosa Rodrigues.

Uapixanás — Indios do Rio-Branco. (Amazonas).

Uaiupis — Indios amazonicos, já extinctos, no rio Teffé.

Uaracás — Tribu amazonica, no Baixo-Rio Negro, na chamada Guyana Brasileira.

Uaraicús — Tribu paraense, também do Baixo Amazonas.

Uarihuás — Tribu de Indios da Guyana, margem do rio Uerêrê, na margem esquerda do Rio Negro.

Uassahys ou **Uassuhys** — Indios amazonicos do rio Carinoany, affluente do Jatapú. São aparentados com os Ipurucotós, das vertentes do Ararikuera (Barb. Rod.). Em Minas Geraes, o nome dos dois rios Suassuhys tem alguma semelhança com o appellido dessa tribu do Norte do Brasil.

Uaupés — Grande tribu amazonica. Bellos typos entre estes selvagens, segundo Barb. Rodrigues, Oscar Leal, Stradelli, Alexandre Ferreira, Baena e outros exploradores. Vivem os Uaupés, no rio do seo nome, affluente do Rio-Negro, nos Estados do Pará e Amazonas. Os Uaupés constituem nação á parte dos grupos até agora classificados, por Martius e Ehrenreich, na ethnographia dos povos naturaes do Brasil.

Uaycurús ou **Guaycurús** — Indios de Matto Grosso, notáveis pela sua robustez physica e por serem cavalleiros excellentes. Sobre seos usos, religião e costumes, ha uma interessante *Memoria* escripta pelo Sargento-mór Ricardo Franco de Almeida Serra; e no trabalho «Nações Indigenas de Matto Grosso», do Coronel Galdino Pimentel, ha uma descripção do gentio Uaicurú ou Guaicurú.

Ubirajáras ou **Ibirajáras** — Vide nomes Bilreiros, Cayapós e Ibirajáras, nesta «Nomenclatura». Eram gês ou tapuyas os Indios Ubirajáras.

Uhaihás — Tribu matto-grossense, dos rios Juruena e Arinos, e já descripta neste trabalho, sob o nome: Uahiás.

Uitôtos — E' carahiba o indio Uitoto, do Alto-Japurá (Amazonia).

Umãns ou **Umã** — Antigos selvagens de Pernambuco, nos rios Pajehú e Moxotó. Já extintos.

Umãnas — Tupis do Alto-Japurá. Os Umanas ou Uamanis foram depois para o Coary.

Umturucus — Tribu acampada entre os rios Preto e Solimões (Estado do Amazonas). São os mesmos Mundurucús, segundo alguns exploradores opinam, e, portanto, são tupis.

Unapichãnas ou **Unapixãnas** — Índios da região Amazonica.

Urubús — Nome dado a uma tribu do Pará, que, como os Gaviões, do Maranhão, e os Sucuriús, do Amazonas, tomava para designar a horda um nome de ser animal da fauna do paiz.

Urucarumis ou **Urucúrunis** — Índios de Matto Grosso mal conhecidos e localizados. Suppõe-se estarem extintos.

Urucunis — Parece que são os mesmos Urucarunis matto-gros, senses.

Urupucas — Outra horda já extinta, em Matto Grosso, havendo em Minas Geraes um rio Urupuca, na região da Poaya (Peçanha).

Ururis — Também é tribu do Estado de Matto Grosso, simplesmente citada por Milliet de Sainte-Adolphe.

V

Vajaris — Índios de Matto-Grosso, fronteira da Bolivia.

Vaurás — São Índios Nu-Aruaks da região a leste do rio Xingú.

Vouvés — Selvagens extintos, no Est. de Pernambuco, onde os Vouvés estavam de guerra aberta com os Umãns, Pipiãns e Chocós, na região entre os rios Moxotó e Pajehú, serra de Araripe, etc. Foram, afinal, batidos pelos Caetés.

W

Wayavaí — É um povo carahiba, da região Guyanica, ao Norte do Amazonas.

Waiganna — Índios descriptos por Hans Staden, no sec. 16.º e que serão talvez representados hoje pelo gentio Ingain (do Paraná) ao Sul do Brasil.

Waitacás — Nome dado por Ehrenreich ao grupo dos Goitacás ou Goytacazes da antiga capitania da Parahyba do Sul, e que se espalharam pelo territorio do Esp. Santo, Rio de Janeiro, Minas e Bahia, nos valles dos rios Parahyba do Sul, Itapemirim, Pomba, Muriahé, Doce, Mucury, São Matheos e Jequitinhonha (secs. 17.º e 18.º). Vide: Goitacás, neste trabalho. Escreve-se também: Waitakás.

Wanáas — Indios do extremo norte, do grupo dos Caribús amazonicos.

Wapixanáas — Indios Maipures ou Nu-Aruaks, do extremo norte do Brasil, na região Guyanica.

Wáuras — Tribu de origem Aruak, das nascentes do Xingú.

Wayarais — Povo amazonico da Guyana, ao Norte.

X

Xambioás — (Vide: Chambioás). Indios bellicosos do Araguaya e da grande nação dos Carayá, em Goyaz e Maranhão, nas margens do Tocantins. Também se escreve Ximbiuás. Em 1775, começaram a ser aldeados estes Indios em Matto Grosso, (Saint-Adolphe, op. cit., 2.^a vol. pag. 791).

Xanidãnas — Indios de origem Pano, nos rios Juruá, Tarauacá e Emvirá, na Amazonia.

Xaulapittis — Indios Aruaks descobertos por von Steinen, nas cabeceiras do Xingú, entre Matto Grosso e Pará.

Xavantes ou **Chavantes** — Indios da parte central do Estado de Goyaz, e que para o sabio allemão Ehrenreich são os Akuens da margem esquerda do Araguaya, notaveis por serem os mais bellos typos dos Gês centraes. Vide: Akuens e Chavantes.

Xerentes ou **Cherentes** — Indios do Araguaya, levando suas corridas além de Goyaz, para oeste (Matto Grosso) e para o Norte (Maranhão e Piauí). O Xerente é de origem tapuya ou do grupo dos Gês. Os missionarios actualmente os catechizam, bem como os Xavantes, chamando-os á civilisação. Diz Ehrenreich que os Xerentes não são mais do que Xavantes meio civilisados. Têm o mesmo typo, côr mais ou menos clara, grande estatura e robustez e feições regulares; são accessiveis ao tracto dos christãos e exploradores brancos, d'aquelles longinquos sertões do Araguaya. Vide: Cherentes.

Xicriabás — (Vide Chacriabás e Chicriabás) — Tapuyas do Baixo São Francisco, na Bahia e Pernambuco, e já extinctos.

Ximanos ou **Chimanos** — Tupís amazonicos, no valle do Javari — Vide Chimanos.

Ximbinás — São Indios de Matto Grosso, sobre os quaes nada falam o Barão de Langsdorff, Leverger, Oyenhausen, Taunay, etc. que escreveram sobre as tribus matto-grossenses.

Xipaias — Tribu de Indios ainda existentes no Alto-Xingú. Estado do Pará, a cuja capital (Belem) veio ha pouco (jan. 1905) o *Tuchãua* ou chefe dos Xipaias, pedir armas, ferramentas e vestes para os seus vassallos das nascentes do rio Xingú.

Xiquitos ou **Chiquitos** — Indios de Matto Grosso, e Bolivia, também chamados Naquinõneis.

Xocrens — Nome tribal dos Bugres (*Shokleng*, dizem os colonos allemães e tento-brasileiros) do Estado de S.^{ta} Catharina. Já vimos os nomes: Burung e Sinklão—designando os bugres catharinenses, na região do Mampituba, Serra do Mar, Lages, etc.

Xumetos — Índios da antiga capitania do Rio de Janeiro (seculo 18^o), onde esses selvagens e os Guarús, os Sacarús e outras hordas foram sempre batidas pelo indomito gentio Goitacá, no valle do baixo Parahyba do Sul.

Y

Yarumas ou **Arumas** — Tribu carahiba descoberta por Hermann Meyer, na região do Alto-Xingú.

Yurúnas—Tribu indigena do Baixo-Xingú, segundo Carl v. d. Steinen. Chamam-se também Jurúnas (*Jurú únas*—os «boccas pretas»)

Yavahés — Índios da Ilha de Sant'Anna ou Bananal, no rio Araguaia (Goyaz), pertencentes à nação dos Carayá, e muito pouco conhecidos. Escreve-se: Javahés ou Javaés.

Ycamiabas — Tribus de índios Cunuris da margem esquerda do Amazonas, entre os rios Cunnuri, Oriximina e Ycamiaba.

Yacarayabás — Índios do Brasil, referidos pelo inguez Southey, sem determinar-lhes a localização, o *habitat*, etc.

Yguarunas — Selvagens do antigo Maranhão. Vide: Igurúnas.

Yorimâns—Índios amazonicos ao N. do rio Japurá e notaveis pela esbelteza de seus corpos.

Z

Zamplâns — Tribu indigena de Minas, domesticada por Guido Thomas Marlière, no começo do seculo 19.^o. Os Zamplâns eram bugres do valle do Rio Doce e alliados dos Coropós e Malalis.

Zargunchos — Povos semi barbaros dos sertões do rio São Francisco (Minas e Bahia), provindos do demorado cruzamento indigena, na era colonial. Esses Zargunchos ou *jagunços*, na gyria do povo, são genuina descendencia mamelúca—mistura de sangue do indio goiáná e do colono branco e do negro. Segundo o Dr. Diogo de Vasconcellos (*Hist. Ant. das Minas*, ed. de 1901, pag. 113), formam uma verdadeira nação á parte dos civilizados e são os Ciganos do interior do Brasil, sempre errantes e levando uma existencia nómade e extravagante pelas remotas paragens centraes do nosso paiz. Em Minas

ao Norte, o sertanejo da Jahyba e o campeiro *gorotubano*, no Rio Verde, (Grão Mogol) recordam esse typo valente e semi-barbaro do jagunço ou zarguncho sahido do cruzamento de mamelucos e ciganos.

FIM

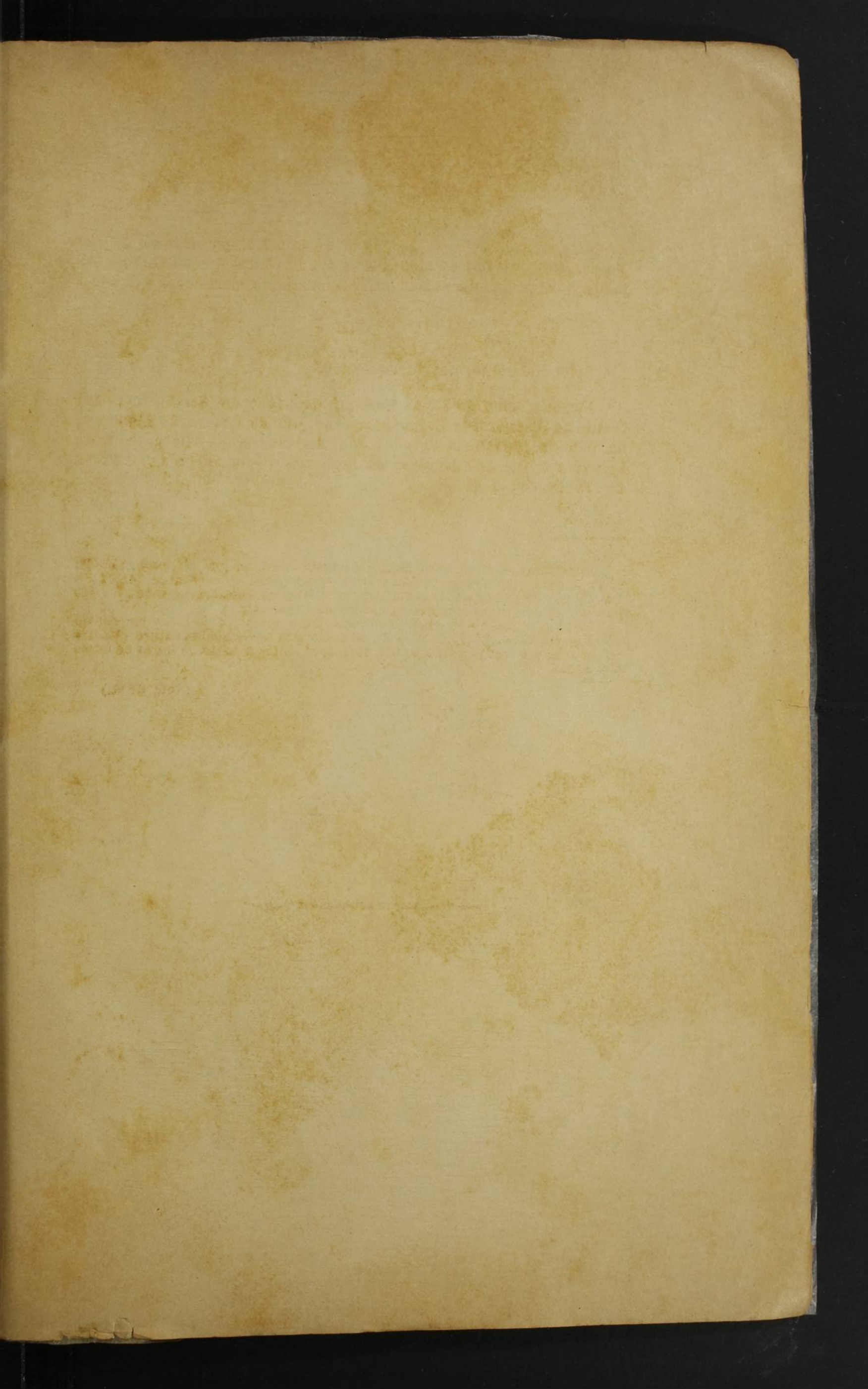
Bello Horizonte, novembro de 1908.

Nelson Coelho de Senna (natural da cidade do Serro), socio dos Institutos Historicos e Geographicos do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Bahia e de Minas Geraes; das Sociedades de Geographia de Lisboa e do Rio de Janeiro; da Academia Nacional de La Historia de Venezuela, & &.

NOTA FINAL. — Emquanto Milliet de Saint-Adolphe (op. cit. pags. 459-463) só enumerou — sem mais commentarios — 168 tribus e nações de Indios do Brasil, nós deixamos aqui, nesta lista alphabetica, noticia de cerca de 450 povos, tribus, grupos e nações selvagens de nosso paiz.

Saint-Adolphe, na sua lista, nenhuma tribu referio, cujo nome começasse pelas letras D, E, F, H, K, W e Z; ao passo que nesta nomenclatura citamos tribus e povos indigenas do Brasil, correspondentes a todas as letras do nosso alphabeto.

(Nota do A.)



C\$ 5 raro.

Jo Belo fetístico 26/4/93.

R. Trif. Rio (Rosa Petiva)

Oswaldo

CSSF
057061

